



**UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE  
BRASÍLIA**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
STRICTO SENSU EM GERONTOLOGIA

*Mestrado*

**ENVELHECIMENTO: RESILIÊNCIA E  
ESPIRITUALIDADE**

**História de vida de idosos:  
sobreviver às adversidades sem perder o senso de integridade**

Autor: Antônio Itamar da Silva

Orientador: Prof. Dr. Vicente Paulo Alves

**BRASÍLIA**

**2006**

**ANTÔNIO ITAMAR DA SILVA**

# **ENVELHECIMENTO: RESILIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE**

**História de vida de idosos:**

**sobreviver às adversidades sem perder o senso de integridade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação “Stricto Sensu” em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Gerontologia, inserida na linha de pesquisa: Longevidade e Qualidade de Vida, aspectos psico-sócio-culturais.

Orientador Prof. Dr. Vicente Paulo Alves.

Brasília  
2006

Aos meus pais (in memoriam), por terem sido os primeiros modelos de resiliência.

Aos mestres, por me terem facilitado o processo de aprendizagem.

Aos colegas do Mestrado, pelo intercâmbio na construção do conhecimento.

Ao Centro Educacional Stella Maris de Taguatinga, DF., pela operacionalização de Projetos Pedagógicos.

Aos participantes da pesquisa pela acolhida carinhosa e a rica experiência de uma vida plena de sentido.

“A verdadeira medida de um homem não é como ele se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas como ele se mantém em tempos de controvérsia e desafio”

Martin Luther King

## TERMO DE APROVAÇÃO

Dissertação de autoria de **Antônio Itamar da Silva**, intitulada - **ENVELHECIMENTO: RESILIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE – HISTÓRIA DE VIDA DE IDOSOS: SOBREVIVER AS ADVERSIDADES SEM PEDER O SENSO DE INTEGRIDADE** - requisito parcial para obtenção do GRAU de Mestre DO Programa de Pós-Graduação **stricto sensu** em Gerontologia, defendida e aprovada em 09 de junho de 2006, pela banca examinadora constituída por:

---

Profº. Dr. Vicente Paulo Alves  
Orientador - UCB

---

Profª.: Dra. Neide de Aquino Noffs  
Examinador – PUC-SP

---

Profª.. Dra. Maria Liz Cunha de Oliveira  
Examinador - UCB

Brasília  
UCB

## RESUMO

O presente estudo teve como nascedouro o exercício da prática de intervenção educativa ao elaborar e acompanhar a operacionalização de projetos pedagógicos anuais, envolvendo toda a comunidade escolar: crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. A pesquisa demarca problemas pertinentes ao estudo da Gerontologia com o objetivo de investigar e identificar expressões da resiliência em idosos, como eles superam as adversidades e mantêm o senso de integridade. O referencial teórico e conceitual foi buscado no modelo que integra o crescimento e desenvolvimento humano como um processo contínuo e, consoante com o modelo da resiliência que promova, positivamente, o potencial humano, no qual a espiritualidade está inserida e se faz ponte para a integração plena do ser humano. A metodologia utilizada foi qualitativa, com abordagem fenomenológica, que permite penetrar no mundo vivido pelos sujeitos e perceber as adversidades e os fatores protetores para lidar com elas. O estudo foi realizado com sete idosos, sendo quatro do sexo feminino e três do sexo masculino e com a idade acima dos 65 anos. A coleta dos dados foi realizada a técnica história de vida, sendo que os dados foram analisados de acordo com o referencial proposto por Martins & Bicudo. Procurou-se aprofundar as expressões da resiliência em idosos entre as convergências e divergências estabelecidas pelo autor nas categorias temáticas, a partir dos acontecimentos adversos ocorridos na vida dos entrevistados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Envelhecimento, velhice, resiliência e espiritualidade.

## **ABSTRACT**

The present study has its beginning by the exercise of practice intervention educacional to elaborate and go along with the operation of annual educational teaching to involve all school community as: children, teenagers, youngsters, adults and aged. The research marks out, appropriate problems related to Gerontology Study with the aim to investigate and identify expressions from resilience in aged, how they overcome the theoretical reference and conceptual was searched on the model that integrates the growth and the human development as a continuous process and according to the model of resilience that promotes, positively the human potential in which spirituality is inserted and linked to full or complete integrity of human being. The methodology was used in a qualitative way with a brilliant approach that permits us to get into experienced world by the subjects and perceive the misfortunes and the protective factors to deal with them. This study was carried out with seven aged people ( four females and three males) of the age more than 65 years. The collection of data was carried out through the life history technique but the proposed by Martins and Bicudo. They looked for deepening the expressions of resilience by aged people between the convergence and divergence established by the author in thematic categories from events that happened unfavourable in the interviewees life.

**KEY WORDS:** Aging, old aged, resilience and spirituality

# SUMÁRIO

**RESUMO**

**ABSTRACT**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1. A construção e delimitação do objeto de estudo.....	10
1.2. Objetivos .....	14
1.2.1. Objetivos Específicos.....	15
<b>2. REFERENCIAIS TEÓRICOS.....</b>	<b>16</b>
2.1. Modelo do desenvolvimento humano.....	16
2.1.1. Contextualização: Vida e Teoria de Erikson Erikson .....	16
2.1.2. O desenvolvimento humano em Erikson.....	18
2.2. Modelos teóricos da resiliência.....	26
2.3. Espiritualidade: ponte da dimensão do ser humano.....	38
2.3.1. Contextualização: Vida e Teoria de Viktor Frankl.....	39
2.3.2. A teoria de Frankl: Análise Existencial.....	40
2.4. Envelhecimento e Espiritualidade.....	48
<b>3. PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>56</b>
3.1. Definindo o modelo da pesquisa.....	56
3.2. Procedimento para coleta dos dados e caracterização dos participantes.....	57
3.3. Sistematização e análise dos dados.....	60
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>61</b>
4.1. Caracterização dos sujeitos pesquisados.....	61
4.2. Unidades de significados transformadas em proposição.....	62
4.2.1. Características dos momentos adversos ou fatores de risco.....	63
4.2.3. Características dos fatores de resiliência ou protetores.....	63
4.3. História de vida: a experiência (o mundo vivido).....	63
4.3.1. Núcleo temático 1 – O Contexto das adversidades .....	64

4.3.1.1. Subtema 1 – Instabilidade matrimonial e familiar.....	64
4.3.1.2. Subtema 2 – Morte.....	67
4.3.1.3. Subtema 3 – Patologias/doenças/depressão.....	69
4.3.1.4. Subtema 4 – Carências econômicas.....	70
4.3.2. Núcleo temático 2 – O contexto da resiliência.....	72
4.3.2.1. Subtema 1 – Humor.....	73
4.3.2.2. Subtema 2 – Autoestima.....	74
4.3.2.3. Subtema 3 – Propósito de vida/ meta/ sonho.....	75
4.3.2.4. Subtema 4 – Iniciativa.....	77
.....4.3.2.5. Subtema 5 – Autoconceito.....	79
4.3.2.6. Subtema 6 – Aceitação/integridade.....	80
4.3.2.7. Subtema 7 – Independência/autonomia.....	81
4.3.2.8. Subtema 8 – Otimismo/confiança/esperança.....	82
4.3.2.9. Subtema 9 – Espiritualidade e fé.....	84
4.3.2.10. Subtema 10 – Apoio/suporte familiar e social.....	88
<b>CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXO A – EIXOS TEMÁTICOS – HISTÓRIA DE VIDA.....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXO B – TERMO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXO C – HISTÓRIA DE VIDA.....</b>	<b>107</b>
<b>HISTÓRIA DE VIDA 1 .....</b>	<b>108</b>
<b>HISTÓRIA DE VIDA 2 .....</b>	<b>115</b>
<b>HISTÓRIA DE VIDA 3 .....</b>	<b>118</b>
<b>HISTÓRIA DE VIDA 4 .....</b>	<b>129</b>
<b>HISTÓRIA DE VIDA 5 .....</b>	<b>138</b>
<b>HISTÓRIA DE VIDA 6 .....</b>	<b>145</b>
<b>HISTÓRIA DE VIDA 7 .....</b>	<b>148</b>

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1. A construção e delimitação do objeto de estudo

O interesse por este estudo emergiu enquanto profissional da educação envolvido em ações educativas junto ao Centro Educacional Stella Maris, Taguatinga, DF., no contexto de finalização de mais um ano letivo, no qual desenvolvera o projeto pedagógico intergeracional denominado “Reminiscências: por uma sociedade para todas as idades”, em consonância com o tema e o lema Campanha da Fraternidade de 2003: “Fraternidade e pessoas idosas” e “Dignidade, Vida e Esperança”.

Concomitantemente, ao participar de um congresso de educação, escutara-se pela primeira vez a palavra “resiliência”. Soara, a princípio, como modismo. Todavia, modismo ou não, com o passar do tempo encontrara eco na caixa de ressonância da existência de um gestor escolar que se deparara com a possibilidade em dar continuidade à sua formação permanente, por meio do mestrado em Gerontologia. Fizera necessária uma resposta firme e consistente diante desse desafio e as mais variadas adversidades provenientes dessa tomada de decisão consciente, transformando os desafios e dificuldades numa oportunidade ímpar, e de grande relevância pessoal. Encherá-se de coragem e saíra à procura das informações sobre o programa de pós-graduação em Gerontologia. Apostara no sonho. E o processo se expandiu ao superar as barreiras da vida pessoal e profissional.

No decorrer do curso e das disciplinas do Mestrado, acentuara-se o interesse pelo estudo da resiliência, sendo o mesmo paulatinamente explicitado, seja pelas leituras pessoais, seja pelas aulas expositivas ou debates nos seminários, jornadas universitárias de gerontologia e geriatria, mas, sobretudo, pela presença de colegas mestrandos. Eles revelaram pela própria *história de vida* como é importante estar resiliente para levarem a bom termo o projeto do curso e o de vida. Assim, passou-se da ênfase da relevância pessoal à relevância social. Ao revisar que as investigações sobre a resiliência giram em torno do eixo infância-adolescência, percebeu-se que os estudos voltados para adultos e idosos se encontram ainda em fase de inclusão.

Justifica-se, incluir estas preocupações nessa pesquisa, pois se assiste que um envelhecimento da população mundial ocorre sem precedentes na história. O mundo está passando por uma transformação demográfica como nunca foi vista antes. Estima-se que até 2050, o número dos idosos aumentará em aproximadamente de 600 milhões a quase 2 bilhões. E no decorrer dos próximos 50 anos haverá no mundo, pela primeira vez na história, mais pessoas acima de 60 anos do que menores de 15 anos. Portanto, o fenômeno do envelhecimento já não é mais um problema de Primeiro Mundo, mas de toda a humanidade. É um tema que passa a ter grande relevância e importância no século XXI, porque traz consequências para todos os setores da vida humana.

Segundo as projeções do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o envelhecimento populacional brasileiro para 2050, a participação da população jovem continuará decrescente, passando de 28,6% para 17,2%, enquanto ocorrerá um modesto declínio na população adulta de 66,0% para 64,4%, e todo o aumento se concentrará na população idosa, que ampliará a sua importância relativa, intensificando sobremaneira o envelhecimento demográfico (MARTINS, 2004, p. 01).

O envelhecimento da população brasileira é reflexo do aumento da expectativa de vida, devido ao avanço no campo da saúde e à redução da taxa de natalidade. Os idosos do Brasil já superam 15 milhões de pessoas. Em 2000, os dados do censo apontaram um contingente de 14.536.029 de idosos e que representavam 9,1% do total da população. Ocorre, portanto, não somente um aumento da população idosa, mas também um envelhecimento dessa população, com um número maior de idosos nas faixas etárias mais elevadas.

Tendo-se em conta essa realidade, as condições de vida dos idosos têm sido objetos de estudo em diversos campos e áreas científicas, dentre esses o avanço de pesquisa, mormente após o advento da Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842 de 04.01.1994) e, posteriormente o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741 de 01.10. 2003), constituindo-se como uma das diretrizes a capacitação e reciclagem dos recursos humanos nas áreas de Geriatria e Gerontologia. No entanto, muitas questões permanecem ainda em aberto. Assim, o emergente tema da resiliência identificado como um desafio para este novo milênio, ainda continua sendo um “ilustre desconhecido” entre nós brasileiros. O mesmo se diga do tema da espiritualidade. Ambos demandando investigações que tenham em conta a nossa realidade, uma vez que estes temas implicam e contribuem para a satisfação de vida das pessoas, mormente as idosas.

Estes temas se destacam a partir de reflexões que visam promover o potencial humano em vez de se enfatizar o dano, maximizar os ganhos e diminuir as perdas, ou seja, o estudo da resiliência se distancia do modelo médico do desenvolvimento baseado na patologia e se aproxima do modelo proativo baseado no bem-estar.

O conceito de resiliência tem ganhado terreno, sobretudo, quando se observa as distintas formas como as pessoas estão enfrentando as situações da vida, ou as experiências-chaves (ou momentos de transição), ou, numa palavra, como elas reagem frente a estímulos estressantes e lidam com situações adversas.

Acontece que a sistematização de teorias sociológicas e psicológicas do envelhecimento se deu num contexto secularizado que pretendeu ignorar a importância da religiosidade e da espiritualidade sobre a qualidade de vida das pessoas.

A partir dos meados do século XX aparecem novas perspectivas na Psicologia. Apesar da predominância acadêmica das posições ditas científicas tratarem de forma pejorativa ou patologizante o fenômeno religioso, as chamadas concepções personalistas ressurgem e se desenvolvem, tendo como principais representantes: Gordon Allport, Abraham Maslow e Viktor E. Frankl (FREITAS, 2004). A teoria psicossocial de Erikson (1972) se insere também nessa visão mais positiva do potencial humano de crescimento e desenvolvimento humano, abrindo-se à transcendência.

Acrescente-se a isto o fato de que os mais renomados centros de pesquisa em psicologia da religião no continente europeu, dentre tantos temas estudados por toda a parte encontram-se o da espiritualidade (PAIVA, 2004).

A abertura para a discussão da religiosidade e da espiritualidade sob novo enfoque na academia começa, seja no campo específico das ciências da religião, seja nas elaborações crescentes em outras áreas, tais como a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia da Religião (como se procurou no Encontro Gaúcho de Espiritualidade e Qualidade de Vida realizado na PUCRS em outubro de 2003, e mais recentemente o intento do I Simpósio de Estudos - interdisciplinares - da Religião da UnB, nos dias 16 a 17.06.2005 e no Congresso Internacional de Gerontologia, no Rio de Janeiro, no período de 26 a 30.06.2005). É assim

que, os temas da religiosidade, da espiritualidade e da resiliência vão encontrando espaços crescentes nas melhores comunidades científicas.

O tema que se propõe tratar nessas páginas é relevante, porque faz parte de características permanentes do ser humano e têm sido paradoxalmente, negligenciadas, por vários fatores, conforme apontam Goldstein & Sommerhalder (2003): primeiro, porque o processo de envelhecimento traz consigo muitas questões existenciais que, tradicionalmente, a religião tem tentado responder; segundo, porque os censos nacionais revelam que a grande maioria da população professa algum tipo de crença religiosa e que os idosos valorizam profundamente suas crenças e seus valores religiosos; terceiro, porque, descrevem como lidam com os eventos da vida estressante, especialmente os não-controláveis, as pessoas idosas, na maior parte das vezes, falam sobre sua fé e a importância dela na superação dos momentos difíceis.

O crescente aumento e interesse das pesquisas sobre o papel da religião e da espiritualidade têm demonstrado a influência das mesmas na saúde física, mental e social. Tanto é verdade que Organização Mundial da Saúde (OMS) despertou o interesse em aprofundar as investigações nessa área, com a inclusão do aspecto espiritual, no conceito multidimensional de saúde. Entendendo-se por espiritualidade o conjunto de todas as emoções e convicções de natureza não material, com a suposição de que há mais no viver do que pode ser percebido ou plenamente compreendido, remetendo a questões como o significado e sentido da vida, não se limitando a qualquer tipo específico de crença ou prática religiosa. (WHO, 1998).

Devido às acentuadas evidências de que a espiritualidade e as práticas religiosas contribuem para o bem-estar na velhice, como fatores de proteção, mais e mais gerontologistas passam a incluir esses temas em seus estudos sobre o envelhecimento.

Esta pesquisa tem como recorte de estudo problemas relacionados com a Gerontologia Social que, segundo Zimmerman (2000, p. 15),

“[...] estuda as mudanças que acompanham o processo de envelhecimento do ponto de vista físico, psicológico e sociológico, preocupando-se também com a adaptação do indivíduo às várias transformações que vão ocorrendo com a idade, as implicações da personalidade e da saúde mental nesse

processo. Ou seja: a Gerontologia tem como meta o bem-estar integral do idoso, com a participação de técnicos de diversas áreas, como assistentes sociais, fisioterapeutas, psicólogos, terapeutas ocupacionais, arquitetos, administradores, enfermeiros, entre outros. Esse trabalho multidisciplinar tem como objetivo resgatar o valor do idoso, procurando integrá-lo na família e garantir-lhe uma melhor qualidade de vida”.

O envelhecimento, como característica pertencente ao homem, vai entendida aqui como um fenômeno que se insere num processo de desenvolvimento, de crescimento, de aprendizagem, de amadurecimento e de aperfeiçoamento humanos. Assim sendo, o idoso precisa ter atitudes positivas na vida, e dentre essas a primeira há de ser aprender a viver consigo mesmo, a conhecer-se tal como é, com suas todas as suas dimensões. Tais atitudes são necessárias porque não há uma existência humana plenamente feliz e completamente protegida das intempéries e incertezas da vida. O ser humano é motivado principalmente a desenvolver as suas potencialidades.

Norteados pelo espírito da psicologia humanista e positiva, o problema motivador deste estudo fenomenológico, se deixa orientar pelas seguintes indagações: O que se entende por resiliência? Quais indícios poderiam mostrar a pessoa resiliente? Tendo a presente pesquisa por objeto de estudo o idoso, como ele descreve alguns de seus desafios? Por que alguns são menos vulneráveis que outros diante de situações de risco? Quais forças contribuíram para o idoso superar satisfatoriamente as adversidades encontradas em seu percurso existencial e como se manifestam atualmente, desde o enfoque da resiliência? Em se identificando a espiritualidade entre essas forças, como a espiritualidade se revelará na *história de vida* do idoso? Nela busca e encontra sentido de vida? Quais vestígios promovedores da longevidade se mostram na esfera da espiritualidade?

## **1.2. Objetivos**

### **1.2.1. Objetivo Geral**

Investigar e identificar expressões da resiliência em história de vida de idosos, como eles superam as adversidades e mantêm o senso de integridade.

### **1.2.2. Objetivos Específicos**

- Investigar aspectos conceituais sobre o envelhecimento, a resiliência e a espiritualidade;
- Identificar fatores de risco ou adversidades que contribuam para as dificuldades no processo de desenvolvimento do indivíduo e os fatores (protetores) resilientes que dão sentido ao idoso na superação das adversidades e a continuar se adaptando, aprendendo, refletindo e vivenciando possíveis mudanças;
- Identificar fatores promovedores da longevidade na esfera da espiritualidade.

## **2. REFERENCIAIS TEÓRICOS**

Segundo Néri (2002, p. 32), no estudo psicológico do idoso, da velhice e do envelhecimento, não se dispõe de teorias sobre o desenvolvimento e o envelhecimento que sejam unificadas, abrangentes e formalmente satisfatórias. Há, sim, uma variedade delas, sendo algumas especulativas, outras mais desenvolvidas no âmbito da psicologia da personalidade ou da sociologia, às quais se recorre de acordo com as necessidades e preferências. Assim sendo, neste trabalho lança-se mão daqueles referenciais teóricos que se prestam à aproximação dos propósitos investigativos sobre o envelhecimento, a resiliência e a espiritualidade, tendo como ponto de interseção aspectos positivos que se endereçam a um envelhecimento fortalecido.

### **2.1. Modelo do Desenvolvimento Humano**

Um modelo teórico do desenvolvimento humano pode ser encontrado em Erik & Joan Erikson (1972,1982). Recorre-se a ele neste estudo por ser um modelo que integra o crescimento e desenvolvimento humano como um processo que continua ao longo da vida, desde o nascimento até a velhice. Trata-se de uma linha de proveitosa investigação da experiência individual de ajuste e de fatores que contribuem para a adaptação e uma das teorias mais relevantes em fornecer uma estrutura para o entendimento da resiliência: os oito estágios ou fases do desenvolvimento psicológico.

Antes da abordagem de cada uma delas, procura-se dar breve apresentação biográfica de Erikson, nos passos seguintes.

#### **2.1.1. Contextualização: Vida e Teoria de Erik Erikson**

Erik Homberger Erikson nasceu em Frankfurt-sobre-o-Meno, Alemanha, em 15 de junho de 1902. Seu patrimônio está rodeado de certo mistério. Teve por pai biológico um dinamarquês desconhecido que abandonou a sua mãe quando nasceu Erik. Karla Abrahamsen sua mãe, foi uma jovem judia que o criou apenas durante os três primeiros anos de vida.

Nesse momento, casou-se com o Dr. Theodor Homberger, que foi pediatra dele. Logo em seguida mudaram para Karlsruhe, no sul da Alemanha.

Depois de finalizar os estudos secundários, Erik decidiu ser artista. Quando não assistia às aulas de arte, vagava pela Europa, visitando museus e dormindo debaixo de pontes. Viveu uma vida de rebelde descuidado durante muito tempo, até o dia em que decidiu seriamente o que fazer com sua vida.

Ao completar os 25 anos, um amigo seu, Peter Blos (artista e mais tarde psicanalista), sugeriu-lhe que aproveitasse uma vaga para mestre em uma escola experimental para estudantes americanos dirigida por Dorothy Burlingham, uma amiga de Anna Freud. Além de ensinar arte, obteve um certificado em educação Montessori e outro da Sociedade Psicanalista de Viena. Erikson fez psicanálise com Anna Freud, tornando ele próprio psicanalista. Enquanto esteve ali, conheceu uma professora de dança teatral na mencionada escola. Tiveram três filhos, um dos quais mais tarde seria sociólogo.

No momento em que os nazistas tomam o poder, abandona Viena e se dirige para Copenhague e logo depois a Boston. Erikson aceitou um lugar de trabalho na Escola de Medicina de Harvard onde se dedicou a psicanalizar crianças em sua consulta privada. Neste tempo, chegou a se relacionar com psicólogos tão importantes como Henry Murray e Kurt Lewin, assim como os antropólogos Ruth Benedict, Margaret Mead e Gregory Bateson. Crê-se que não seria exagerado dizer que estes autores tiveram tanta influência em Erik, como a teve Sigmund sobre Anna Freud.

Mais tarde Erikson lecionou em Yale e a seguir na Universidade de Califórnia, em Berkeley. Foi durante este período quando Erik Erikson realizou seus estudos sobre os índios Dakota e os Yurok. Quando obteve sua cidadania americana, adotou oficialmente o nome de Erik Erikson; porém ninguém sabe por que escolheu este nome.

Em 1950 escreve *Childhood and Society*, livro que continha artigos de seus estudos sobre as tribos americanas, análise de Máximo Gorky e Adolfo Hitler, assim como uma discussão entorno à personalidade americana e os argumentos de sua versão sobre a teoria freudiana. Estes temas (a influência da cultura sobre a personalidade e a análise de figuras

históricas) se repetiram em outros trabalhos, um dos quais, *A Verdade de Ghandi*, obteve o prêmio Pulitzer e o Prêmio Nacional do Livro.

Erikson abandona Berkeley durante o reinado de terror do senador Joseph McCarthy em 1950, quando foi pedido aos professores que firmassem um compromisso de lealdade. A partir deste momento, Erik passa dez anos trabalhando e lecionando em uma clínica de Massachussets e posteriormente outros dez anos, de volta em Harvard. Aposenta-se em 1970, mas continua a escrever e a investigar durante o resto de sua vida. Erikson publicou livros sobre Martinho Lutero e Gandhi; escreveu ensaios em que relaciona psicanálise a história, política, filosofia e teologia, como *Life History and the Historical Moment* (1975). Erik Erikson morreu em 12 de maio de 1994, em Harwich, estado de Massachusetts (BARSA, 1997; BOEREE, 2005).

### **2.1.2. O desenvolvimento humano em Érik Erikson**

De acordo com Erik & Joan Erikson (1972; 1982), o desenvolvimento é um processo epigenético<sup>1</sup> compreendendo uma seqüência de oito estágios ou idades, e cada estágio envolve a superação de um conflito. Baseou as suas cinco primeiras etapas do desenvolvimento da personalidade nas fases psicosexuais freudianas (fase oral, anal, fálica...). Ao descrevê-las, diferiu-as das de Freud, não tendo as três últimas, paralelo algum.

No período de bebê (fase “oral”) ou infância: da oposição entre confiança versus desconfiança básica emerge a esperança. O sentimento de confiança básica é indicado como requisito prévio de vitalidade mental. Consiste numa atitude genérica, em relação ao eu e ao mundo, decorrente das experiências do primeiro ano de vida. Erikson entende a confiança como uma segurança íntima na conduta dos outros e de boa conceituação própria. Ela é desenvolvida na criança se os cuidados recebidos satisfazem suas necessidades no amor e de uma maneira coerente. A virtude da esperança surge desta etapa. Erikson acredita que isto fortalece o ego. A integração da fase oral com todas as fases seguintes resulta, na idade adulta,

---

<sup>1</sup> Segundo Erikson (1982), o crescimento psicológico do indivíduo ocorre de forma semelhante ao do embrião. Epigênese é um termo tomado emprestado da Embriologia. Sugere que cada elemento se desenvolve sobre as outras partes (epi significa “sobre” e gênese significa “surgimento”). É estruturalmente semelhante ao do crescimento embrional no sentido de que o aparecimento de cada estágio sucessivo baseia-se no desenvolvimento do estágio anterior.

numa combinação de fé e realismo. Uma resumida formulação da aquisição de identidade nos primeiros tempos da infância pode ser esta: “eu sou a esperança que tiver e der”.

A infância inicial (fase “anal”) pode ser considerada como a crise da autonomia versus vergonha e dúvida, de cuja resolução emerge a *vontade rudimentar*. Por volta dos dois aos três anos de idade. Uma criança desenvolverá uma boa vontade e orgulho se os pais lhe ensinam a disciplinar sem que prejudiquem o sentimento da criança de autocontrole e autonomia. Se a autonomia é desenvolvida num grau mais elevado do que o da vergonha e dúvida, Erikson acredita que, surge, então, a virtude do querer. Se o sentimento de confiança do bebê é um reflexo da fé parental, de modo análogo, o sentimento de autonomia é um reflexo da dignidade dos pais como seres autônomos. O resíduo deixado no indivíduo na fase de autonomia parece ser: “eu sou o que posso querer livremente”. “Esta virtude foi descrita em parte como a determinação contínua para exercitar a livre escolha bem como auto-reprimir”.

Na idade do brincar (chamada de fase fálica na teoria freudiana) ocorre a iniciativa versus culpa, ocasionando o propósito, que vai dos quatro aos cinco anos. A criança começa a descobrir a pessoa que ela poderá vir a ser. Ela se desloca mais livre das limitações, estabelecendo raio de ação e objetivos para ela, ilimitados; o seu sentido de linguagem aperfeiçoa-se, permitindo-lhe ampliar a sua imaginação a muitos papéis que não pode deixar de assustar-se com o que ela própria sonhou e imaginou. Se as pessoas que cuidam das crianças ridicularizam ou discriminam a imaginação e sentimento de iniciativa, a criança carecerá, por fim, de auto-suficiência. No entanto, na idade lúdica há confiança na existência de alguma forma de família básica, da qual a criança aprende pelo seu exemplo paciente, onde o jogo acaba e o propósito começa de modo irreversível, e sendo sobrepujadas as proibições por caminhos sancionados por uma ação vigorosa. Erikson destaca como grande contribuição da fase de iniciativa para o posterior desenvolvimento da identidade a libertação da iniciativa e sentido de propósito da criança para as tarefas adultas que prometem (sem dar garantias) a realização plena de uma série de capacidades do indivíduo. E essa preparação se dá na firme convicção estabelecida e invariavelmente crescente, porém não intimidada pela culpa, de que “Eu sou o que posso imaginar que serei”. Havendo um desapontamento geral dessa convicção por uma discordância entre os ideais infantis e a realidade adolescente conduz necessariamente a um desencadeamento do ciclo de culpa-e-violência, tão próprio do homem e, ao mesmo tempo, uma ameaça para a sua existência.

Na idade escolar (“latência”) apresenta-se a oposição da diligência versus inferioridade, sobrevivendo a competência. Dos seis aos onze anos. O sentido de aplicação e diligência é o resultado deste estágio. Uma criança ganha confiança em sua habilidade para se tornar um membro produtivo da sociedade. Nesta fase as crianças querem observar e imitar pessoas e a representar ocupações que conseguem entender e de serem capazes de fazer coisas (sentimento de indústria). Com a chegada iminente do período de latência, a criança sublima os impulsos que a fizeram sonhar e jogar. O perigo que aparece nessa fase é o de a criança desenvolver uma alienação de si mesma e das suas tarefas, chamado de sentimento de inferioridade, sentimento este provocado por uma solução insuficiente do conflito anterior. O desenvolvimento de um sentido de inferioridade, o sentimento de que “nunca prestará para nada” pode, no entanto, ser contornado ou minimizado por uma professora que saiba evidenciar o que uma criança pode fazer, impedindo a confusão de identidade que volta à incapacidade ou uma gritante falta de oportunidade para aprender. Esta fase, segundo Erikson, é uma das mais decisivas do ponto de vista social, porque a indústria envolve fazer coisas ao lado de outros e com outros; desenvolvendo assim um sentido de divisão de trabalho, ou seja, um sentido de ética tecnológica de uma cultura. É por isso que Erikson concebe o sentimento de competência como o livre exercício da destreza e inteligência na execução de tarefas sérias, não sofrendo dano por um sentimento infantil de inferioridade. Sobre esta base se constrói a participação cooperativa na vida adulta produtiva.

A competência, de acordo com Joan Erikson (1982, p. 66), “é um senso de que no ser humano em desenvolvimento gradualmente devem se integrar todos os métodos em amadurecimento de verificar e dominar a factualidade e de compartilhar a realidade daqueles que cooperam na mesma situação produtiva”.

Para ilustrar a contribuição da idade escolar para o problema da identidade, Erikson aponta duas tendências opostas na educação americana em nível elementar: a primeira explora na criança pré-escolar e em escola primária uma propensão para tornar-se inteiramente dependente dos deveres prescritos. A segunda, a objeção popular de que as crianças já não aprendem nada na escola. Essas tendências não proporcionam um sentido simbólico de participação no mundo real dos adultos. Outro perigo ainda para o desenvolvimento da identidade: a aceitação do trabalho como critério exclusivo de valor, sacrificando a imaginação e o instinto lúdico, tornando a criança submissa da sua tecnologia e da sua tipologia expressa com essas palavras: “Eu sou o que posso aprender para realizar trabalho”.

Na adolescência (Puberdade) dá-se oposição entre a identidade versus confusão de identidade, emergindo a fidelidade. Esta fase vai dos 12 aos 20 anos. Erikson percebeu esta etapa como uma ruptura entre a juventude e a idade adulta. Os adolescentes aqui se mostram preocupados com o que eles possam parecer aos olhos dos outros, com o que eles julgam ser, e também como associar papéis e aptidões cultivados na fase precedente aos modelos ideais do presente. Agora, o meio infantil para a integração dos elementos de identidade na fase anterior cede lugar a um outro mais vasto e indefenso: a sociedade.

Nesta etapa o adolescente procura por uma identidade; procura por uma oportunidade de decidir, com livre assentimento, sobre um dos rumos acessíveis ou inevitáveis de dever e serviço. Por outro lado, sente um medo mortal de ser forçado a atividades em que se visse exposto ao ridículo ou à dúvida sobre si mesmo. Por isso, preferiria agir despudoradamente diante dos olhos dos mais velhos, por livre opção, do que ser obrigado a atividades que consideraria vergonhosas para si mesmo ou para seus pares. A alienação própria desta fase é a confusão de identidade. E o que mais perturba os jovens é a incapacidade para decidir uma identidade ocupacional. No transcorrer desse período conturbado, os adolescentes não só se juntam e se ajudam uns aos outros, mas também testam as capacidades mútuas para lealdades constantes, no meio de inevitáveis conflitos de valores.

De acordo com Joan Erikson

“[...] a adolescência abriga um certo senso de existência, ainda que fugaz, e também um interesse, às vezes, apaixonado por todos os tipos de valores ideológicos – religiosos, políticos, intelectuais – incluindo, às vezes, uma ideologia de ajustamento aos padrões de ajustamento e sucesso da época”.(J. ERIKSON, 1982, p. 64).

A força básica que surge desta etapa é a fidelidade. Ela mantém uma estreita relação com a confiança infantil e a fé madura. Assim sendo, ao transferir a orientação de figuras parentais a mentores e líderes, a fidelidade aceita avidamente sua mediação ideológica. Erik Erikson (p. 134) entende por ideologia a instituição social como guardiã da identidade. Nela a adolescência funciona como um regenerador vital no processo de evolução social, podendo oferecer suas lealdades e energias tanto à conservação daquilo que considera como verdadeiro como à correção revolucionária do que perdeu o seu significado regenerador.

Procurando ver “para além da crise de identidade” Erik Erikson (p.135) afirma que “existe mais do que uma identidade no âmago do homem; existe um “eu”, um centro observador de consciência e de volição, que pode transcender e deve sobreviver à identidade psicossocial”, ou seja, “uma autotranscendência parece sentida na juventude, de modo transitório, como se uma identidade pura tivesse de ser mantida livre de intromissões psicossociais”. Ainda assevera que “nenhum homem pode transcender-se a si próprio na juventude”. Por isso prosseguirá falando de transcendência de identidade.

Na idade adulta Jovem (Genitalidade) sobrevém a oposição da intimidade versus isolamento, que gera o amor. Essa fase vai dos vinte aos vinte e quatro anos. Em se estando a identidade em pleno desenvolvimento é possível a verdadeira intimidade. Se o jovem não está seguro da sua identidade furta-se à intimidade, procurando relações interpessoais estereotipadas e acaba retendo um profundo sentimento de isolamento.

Em contraposição à intimidade está o distanciamento, que significa a facilidade em repudiar, isolar e até mesmo destruir aquelas forças cuja essência ameaça o indivíduo. Ao superar essa incapacidade de correr riscos para a própria identidade, compartilha a verdadeira intimidade, ou seja, o amor como dedicação recíproca. Segundo Joan Erikson (p. 62) “a intimidade é a capacidade de se comprometer com associações concretas que podem exigir sacrifícios e compromissos significativos”, tais como: filhos e responsabilidades de assistência. Não obstante, o amor de reciprocidade vai além dos antagonismos inerentes à polarização sexual e funcional e a força vital dos primeiros anos da vida adulta. E ainda, de acordo com Erikson (p.138), “o guardião daquele esquivo, mas ao mesmo tempo, penetrante poder do estilo cultural e pessoal que reúne em um *modus vivendi* as filiações de competição, cooperação, de produção e procriação”. A partir daqui muda-se a linguagem: passa-se do “Eu sou” (pois incremento da identidade baseia-se nesta fórmula) para “nós somos o que amamos”. A virtude do amor marca esta etapa.

Na idade adulta (procriatividade) a virtude que emerge da antítese generatividade versus estagnação é o cuidado, que ocorre por volta dos vinte e cinco aos cinquenta e cinco anos. Erikson entende por generatividade a preocupação em estabelecer e orientar a geração seguinte com o conhecimento e a sabedoria adquiridos neste estágio. A generatividade inclui procriatividade, produtividade e criatividade, ou seja, a criação de novos seres, novos produtos e idéias. Todas as forças surgidas dos estágios precedentes (esperança e vontade,

propósito e competência, fidelidade e amor) se mostram essenciais para a tarefa geracional de cuidar da geração seguinte. Um difuso senso de estagnação não é estranho mesmo àqueles que são mais produtivos e criativos.

O estágio final da vida chega com a velhice (aos 65 anos...). Esta pesquisa interessa-se especialmente por ela. É a etapa correspondente ao culminar do progressivo amadurecimento da pessoa humana que, segundo Eriks & Joan Erikson (1972; 1982), “é a antítese dominante a velhice e o tema da última crise, denominados de integridade versus desespero”. Nesta fase, se o indivíduo olha para trás a sua vida e vê o quanto zelou pelas coisas e pessoas e se adaptou aos triunfos e desapontamentos, ela se integra.

O primeiro elemento “integridade” denominado por Erikson de sintônico vem seguido imediatamente pelo elemento distônico “desespero”. Joan Erikson (1982, p. 90) afirma que “as qualidades sintônicas nos sustentam quando somos desafiados pelos elementos distônicos que a vida apresenta a todos nós”, podendo “as circunstâncias colocar o distônico numa posição mais dominante. A velhice é inevitavelmente uma destas circunstâncias”.

Com o casal Erikson, passa-se a descrever os elementos sintônicos e distônicos que o indivíduo que envelhece enfrenta e com as tensões que ele precisa lidar.

Por integridade entende Erik Erikson (1972, p.139-140) a capacidade de aceitar os limites da vida, isto é, o que a vida tem dado ou não; o ganho de um sentido de pertença a uma história mais ampla. Este crescimento permite ao indivíduo ser capaz de aceitar seu ciclo vital e daqueles que se tornaram significantes ao longo desse mesmo ciclo.

Na integridade, a pessoa não receia encarar todo o caminho seu “percorrido”, levando-o a compreender o percurso das pessoas que acompanharam o seu ciclo de vida, “livre do desejo de que eles fossem diferentes, e uma aceitação do fato de que a vida de cada um é de sua própria responsabilidade”, sendo que o possuidor da integridade defende a dignidade do seu próprio estilo de vida contra todas as ameaças físicas e econômicas (ERIKSON, 1972, p. 140). A integridade é também um sentido de coerência e inteireza, como capacidade potencial do ser humano de manter as coisas unidas. A consciência de possuir sabedoria desenvolve-se a partir dos encontros tanto com a integridade quanto com o desespero, à medida que o indivíduo é confrontado com preocupações fundamentais. Se si

fracassa o trabalho de construção da integridade, sucede o desespero. Assim, o desespero manifesta o fato de o indivíduo sentir que o tempo é demasiado curto para voltar a recomeçar a sua vida com o objetivo de encontrar rumos alternativos para a integridade.

No oitavo estágio a idade anciã é concebida como sendo a idade da sabedoria, inicialmente descrita por Joan Erikson como uma espécie de “preocupação informada e imparcial com a vida em si diante da morte”, e a “contraparte antipática da sabedoria, o desdém – uma reação a sentir (a ver os outros) num estado cada vez mais acabado, confuso, desamparado.” (J. ERIKSON, 1972, p. 55).

O Casal Erikson percebendo a necessidade de “reobservar, repensar o papel da velhice” à medida que a expectativa de vida aumentou e também o aumento de uma população de idosos sadios e saudáveis, procurou revisitar o esquema dos estágios fazendo o ciclo de vida final voltar ao início. A velhice está “localizada no canto superior direito sendo seu último item distônico o *desespero*; e, quando olhamos para seu canto inferior esquerdo, lembramos que lá o primeiro elemento sintônico é a esperança” (JOAN. ERIKSON, 1982, p. 56). A esperança conota a qualidade mais básica da condição do “Eu, sem a qual a vida não poderia começar ou terminar de forma significativa”. Ela é uma consistente proteção contra todas as provas e atribulações da vida neste mundo. Portanto, a sabedoria é aquela energia ou força que emerge do embate entre forças sintônicas e distônicas. Ela é o oposto do desespero que é a antítese da esperança, caracterizada pelo ganho no primeiro estágio: ao fim do ciclo retorna aos seus inícios. Daqui provém a importância do contato entre crianças e idosos e das figuras dos avós.

Em uma definição final de “sabedoria”, num nono estágio do desenvolvimento, Erik e sua esposa Joan Erikson (1982, p. 94) afirmam: que “a velhice dos oitenta e noventa anos traz consigo novas exigências, reavaliações e dificuldades diárias”. [...] “A sabedoria depende da capacidade de ver, olhar e lembrar, assim como de escutar, ouvir e lembrar”. A sabedoria corresponderia àquela atenta visão que nos orienta e nos integra com a terra em que vivemos e nos movemos, encontramos sustentação e aprendemos a conviver com as outras pessoas, com os animais e com a natureza. “A integridade exige tato, contato e toque”.

Nesse estágio os elementos distônicos sobressaem sobre os sintônicos: “o desespero é um companheiro mais próximo do nono” [...] “na medida em que a independência e o controle são desafiados, a auto-estima e a confiança enfraquecem” (ERIKSON, 1982 p. 89-90), pois as virtudes da esperança e da confiança que proporcionavam ao ancião apoio, já não o mantêm como antes. Talvez os recursos mais sábios para superar o desespero sejam *a fé e a humildade*, sendo esta entendida como capacidade para aceitar a própria insuficiência, o enfraquecimento, o sentido de inutilidade pelos outros e o conseqüente isolamento. O desespero nesse estágio, conforme Joan Erikson recorda Erik, “expressa o sentimento de que o tempo agora é curto demais para a tentativa de iniciar uma outra vida e experimentar caminhos alternativos”. No entanto, mostra-se “convencida de que se os anciãos chegarem a um acordo com os elementos distônicos em suas experiências de vida, eles conseguirão avançar com sucesso no caminho que os levará à gerotranscendência” (1982, p. 95).

Na tentativa de compreender como as pessoas envelhecidas lidam com suas adversidades, J. Erikson (1982, p.103-104) afirma que os gerontólogos se valem do termo “transcendência” para descrever um estado que algumas pessoas velhas desenvolvem e mantêm. E para tratar desta questão ela começa citando a definição da palavra “gerotranscendência” que o sueco Lars Tornstan apresenta:

“É uma mudança de meta perspectiva, de uma visão materialista e racional para uma visão mais cósmica e transcendente, normalmente seguida por um aumento de satisfação de vida; pode ser ou não ser considerada como uma teoria de desenvolvimento religioso; é considerada como estágio final num processo natural rumo à maturação e à sabedoria; o indivíduo experiencia um novo sentimento de comunhão cósmica com o espírito do universo, uma redefinição de tempo, espaço, vida e morte, e uma redefinição do self. Este indivíduo poderia experienciar um decréscimo de interesse por coisas materiais e uma maior necessidade de “meditação solitária”.

Embora J. Erikson (1982, p.106) tenha relatado no emprego da palavra transcendência devido a seu cunho sagrado, colhe esse significado no dicionário: “erguer-se acima ou ir além de um limite, exceder, superar” e também “ir além do universo e do tempo”. Portanto, não é de se espantar que todas as religiões a empreguem, pois ela vai além do conhecimento humano e expressa as esperanças e expectativas de todos os verdadeiros crentes. Ainda ressalta: somos chamados “a ir além dos limites impostos a nós pelo nosso mundo e buscar plenitude”, explorando “novas e positivas dádivas espirituais” e

descobrimos que “a transcendência” se torna muito viva se é ativada em “transcendência”. Por transcendência Joan Erikson entende “uma recuperação de habilidades perdidas, incluindo o brincar, a atividade e a alegria, a música” e acima de tudo a superação do medo da morte. A transcendência “fala à alma e ao corpo e o desafia a erguer-se acima dos aspectos distônicos que nos distraem do verdadeiro crescimento e aspiração”.

“Envelhecer é um grande privilégio”, afirma J. Erikson (1982, p. 107). Porém, esse é o grande desafio para nossa cultura. No entanto, Joan Erikson acredita que é fundamental que se esclareça nesse nono estágio a carga de possessões, principalmente aquelas que requerem supervisão e cuidado. Utiliza a metáfora do caminho de subida íngreme, no qual a vida necessita de treinamento para obter sucesso. Não se podem arrumar desculpas para os fracassos e recuos. Há tempo para descanso. Não há tempo para autopiedade nem para o enfraquecimento dos propósitos. Pode-se ir mais devagar, porém reafirmando a decisão de continuar. E assim conclui Joan:

“[...] sempre os impulsos sintônicos e distônicos, de prosseguir ou desistir, lutam pelo controle e pela vontade de ter êxito. Somos desafiados e testados. Esta tensão, quando é focada e controlada, é a própria origem do sucesso. Cada passo é um teste de soberania sintônica e força de vontade”.

## **2. 2. Modelos Teóricos sobre Resiliência:**

Há mais de dois decênios, psicólogos, psiquiatras, sociólogos e educadores (alguns deles referendados neste estudo: Emy E. Werner, psicóloga norte-americana; Michael Rutter, professor de pesquisa em psicoterapia do desenvolvimento na Universidade Instituto de Psiquiatria de Londres; Edith Henderson Grotberg, investigadora do Civitan Center, Universidade de Alabama e docente da Escola de Saúde Pública da Universidade de George Washington; Frederic Flach, M.D., é professor na Payne Whitney Clinic do New York Hospital e do St. Vicent’s Hospital and Medical Center; Nan Henderson é presidente de Resiliency in Action, uma companhia de editoriação e capacitação com sede em San Diego, Califórnia; Mike M. Milstein, é sócio de The Reliency Group Ltd, e professor emérito de “Liderazgo Educacional” na Univeridad de Nuevo México; Steven J. Wolin, M.D. é professor de psiquiatria clínica na Escola Médica da Universidade de George Washington e sua esposa Sybil

Wolin, Ph.D. é psicóloga do desenvolvimento; Bengt Lindström, PhD da escola Nórdica de Saúde Pública da Suécia; José Tavares, PhD pela Universidade Católica de Lovaina e docente da Universidade de Aveiro, Portugal; Maria Ângela Mattar Yunes é Doutora em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Heloísa Szymanski, Docente do Programa de Estudos Pós-graduados em psicologia da Educação na PUC de São Paulo; Raquel Souza Lobo Guzzo, PhD em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo e docente na PUC de Campinas; Luisa Helebna Albertini Padula Trombeta, PhD pela PUC de Campinas; María Piedad Puerta de Klinkert é socióloga, colabora com o tema de “Resiliência e Família, na Cátedra Abierta de Família de la Facultad de Trabajo Social de la Universidad de Antioquia, Colômbia; Francisca Infante, psicóloga da Univesidad Portales do Chile e da Universidade de Havard), inauguraram uma nova corrente denominada Psicologia Positiva (SELIGMAN, 2004, p. 12), que surge com a finalidade de mudar o foco das contribuições da maior parte dos tratados e pesquisas, centralizados historicamente, na busca da compreensão e tratamento de patologias. Assim, até a segunda metade do século XX, a psicologia foi concebida com um único tópico, ou seja, a doença mental (SELIGMAN, p.11). Segundo o referido autor, as pessoas já não querem corrigir suas mazelas, querem sim vidas plenas de significado.

Martim Seligman, ex-presidente da Associação Americana de Psicologia e professor na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos é um dos principais representantes desse novo movimento. Em entrevista concedida à Revista Veja, por ocasião do lançamento de seu livro no Brasil, *“Felicidade Autêntica – Usando a Nova Psicologia Positiva para a Realização Permanente”* ele afirma:

“[...] a psicologia convencional nasceu para tentar entender o que torna alguém neurótico, deprimido, ansioso, de mal com o mundo. Durante mais de duas décadas dediquei-me a esse tipo de estudo. Mas achei melhor procurar compreender o que faz alguém feliz. [...] Descobri que homens e mulheres satisfeitos têm uma vida social mais rica e produtiva”.

Tendo-se em conta essa perspectiva, a ciência psicológica intenta resgatar sua mais importante missão: a de construir uma visão do ser humano que enfatize aspectos “virtuosos” e de romper com tendências negativistas e reducionistas de algumas tradições epistemológicas por serem céticas frente a conceitos que tentam explicar como as pessoas conseguem administrar suas vidas apesar das condições adversas, oferecendo novos instrumentos para

ações que promovam o bem-estar das pessoas, grupos e comunidades. Por isso o que objetiva o estudo de Martin Seligman que se estende ao longo de três capítulos de seu livro “é corrigir o desequilíbrio, incentivando o campo da psicologia a complementar seu conhecimento acumulado sobre sofrimento e doença mental, com novos conhecimentos sobre emoções positivas, virtudes e forças pessoais” (p. 20). Ainda assevera Seligman: “A Psicologia Positiva está ligada aos bons e aos maus momentos, à tapeçaria que tecemos e às forças e virtudes que determinam à qualidade de vida” (p. 21). E é por isso que “em tempos de turbulência, compreender e intensificar as forças e virtudes pode ser mais urgente do que em tempos tranquilos” (p. 13).

Bengt Lindström, seguindo essa linha de promoção do bem-estar, do focar e pesquisar aspectos sadios e positivos e de sucesso dos indivíduos, grupos ou comunidades ao invés de destacar seus desajustes e falhas, proveniente da sociologia apresenta o conceito “salutogênese”. E originário da psicologia, o constructo “resiliência”. Estes dois conceitos são uma tentativa de explicar como as pessoas conseguem administrar suas vidas apesar das condições de vida adversas (LINDSTRÖM, 2001).

Destaca-se nesta abordagem o antigo conceito de resiliência, conceito este que aparece emoldurado na capacidade que o ser humano tem de sobreviver em diferentes períodos da história humana. De acordo com o psiquiatra Frederic Flach, “a resiliência reside no coração da evolução humana. A história está repleta de biografias de homens e mulheres cuja grandeza foi marcada basicamente pela resiliência com a qual enfrentaram e superaram as adversidades” (FLACH, 1991).

Na Europa, nos Estados Unidos e no Canadá este termo vem sendo usado com frequência há bem mais tempo, não só por profissionais das ciências sociais e humanas também na mídia, e de maneira coloquial. Se nos países mencionados este termo é utilizado para referenciar e direcionar programas políticos de ação social e educacional, aqui entre nós, brasileiros, descortina-se nas academias o seu emprego, e timidamente começa a aparecer nos meios de comunicação.

O dicionário eletrônico *Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) diz que, na física, resiliência é a “propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica. Em sentido figurado, “capacidade de se

recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças”. A etimologia inglesa “elasticidade” significa a capacidade rápida de recuperação”. Mesmo em sentido figurado, a conceituação dada pelo dicionário não esclarece o que seja a resiliência quando se trata de pessoas.

Segundo Yunes & Szymanski (2001, p. 13), o conceito de resiliência é mais familiar às áreas da Física, Engenharia e Odontologia, quando referido à resistência de metais. Um de seus precursores é o cientista inglês Thomas Yung ao empregar a noção de módulo de elasticidade, no ano de 1807. Yung descrevia experimentos sobre tensão e compressão de barras, estabelecendo a relação entre a força que era aplicada num corpo e a deformação que essa força produzia.

Incorporado aos princípios da mecânica, de acordo com Kinklert (2002), “para referir-se à característica que tem certos materiais empregados na construção, de recobrar a forma original, depois de haver sido submetido a uma pressão deformadora.”

Na medicina essa propriedade tem sido aproveitada na fabricação de implementos relacionados com a recuperação da saúde, tais como os aparelhos ortopédicos e outros.

O ponto de partida do conceito de “resiliência” no contexto das ciências humanas acontece como que por acaso. Segundo Kinklert (p. 13), a descoberta da resiliência se deu durante a pesquisa longitudinal de epidemiologia social na ilha de Kauai, no Havaí, pela doutora Emy E. Werner, psicóloga norte-americana. Ela acompanhou ali o desenrolar da vida de uma coorte de quinhentas pessoas durante trinta e dois anos. Observou as condições a que estavam submetidas: eram situações de extrema pobreza. Mais de um terço dos casos haviam passado por situações de estresse, dissolução do vínculo parental, alcoolismo, abuso, entre outros. Apesar das situações de risco em que estavam expostas tantas crianças, observou que elas conseguiam superar-se às adversidades a construir-se como pessoas a possibilidade de um futuro.

A primeira geração de investigadores, segundo Infante (2001) começa por volta dos anos 70. Ela interessava-se em descobrir aqueles fatores protetores que estão na base desta adaptação positiva em crianças que vivem em condições de adversidade. A pergunta que se formulavam era a seguinte: “Entre as crianças que vivem em risco social, o quê distingue

aquelas que se adaptam positivamente daquelas que não se adaptam”. Tais investigações visam identificar os fatores de risco e de resiliência que influenciam no desenvolvimento de crianças que se adaptam positivamente apesar de viver em condições de adversidade. Amplia-se o foco de investigação, deslocando-se o centro de interesse em qualidades pessoais que visem superar adversidades (como auto-estima e a autonomia) para um interesse maior em estudar os fatores externos ao indivíduo (nível sócio-econômico, estrutura familiar, presença de um adulto próximo). A maioria dos investigadores se inscreve neste modelo tripartido de resiliência.

Em meados dos anos 90, a segunda geração de investigadores começa em suas publicações a se questionar: “Quais são os processos associados a uma adaptação positiva, dado que a pessoa tem vivido ou vive em condições de adversidade?” Este enfoque retoma o mesmo interesse da primeira geração inferindo que “fatores estão presentes naqueles indivíduos em alto risco social que se adaptam à adversidade, ao que agregam o estudo da dinâmica entre fatores que estão na base da adaptação resiliente?”.

Ainda na esteira de Infante (p. 34), os investigadores pioneiros na noção de dinâmica de resiliência foram: Michael Rutter (1991), com o conceito de mecanismos protetores e Edith Grotberg (1995) com a formulação do conceito que se encontra detrás do Projeto Internacional de Resiliência (PIR). Ambos assim entendem por resiliência:

“Como uma resposta global na qual se põe em jogo os mecanismos de proteção, entendendo por estes não a violência contrária aos fatores de risco, mas aquela dinâmica que permite ao indivíduo sair fortalecido da adversidade, em cada situação específica e respeitando as características pessoais.” ( p. 34).

Sendo pioneira na noção de dinâmica da resiliência, compartilha-se com Edith Grotberg (2003) que define que “a resiliência requer a interação de fatores resilientes em três níveis: suporte social (eu tenho), habilidades (eu posso) e fortaleza interna (eu sou e eu estou)”.

Eu tenho:

- Pessoas ao meu redor em quem confio e que me querem bem;
- pessoas que me ponham limites para que aprenda a evitar os perigos e problemas;

- pessoas que me mostram por meio de sua conduta a maneira correta de proceder;
- pessoas que querem que aprenda a desenvolver-me sozinho;
- pessoas que me ajudam quando estou enfermo ou em perigo ou quando necessito aprender.

Eu sou:

- Uma pessoa que os outros sentem apreço e carinho; uma pessoa feliz quando faço algo bom para os demais e lhes demonstro meu afeto;
- uma pessoa que respeita a si mesmo e aos outros.

Eu estou:

- Disposto a responsabilizar-me por meus atos; seguro que tudo sairá bem.

Eu posso:

- Falar sobre coisas que me assustam e que me inquietam;
- buscar a maneira de resolver os problemas;
- controlar-me quando sinto desejo de fazer algo perigoso ou que não está bem;
- buscar o momento apropriado para falar com alguém ou agir;
- encontrar alguém que me ajude quando preciso.

Outros autores mais recentes da segunda geração citados por Infante (2001) entre eles Luthar e Cushing, Kaplan, Masten e Bernard, entendem a resiliência como “um processo dinâmico onde as influências do ambiente e do indivíduo interagem numa relação recíproca que permite a pessoa adaptar-se apesar da adversidade”.

Os autores pertencentes à segunda geração se encaixam no modelo ecológico transacional de resiliência de Bronfenbrenner, perspectivando-se que “o indivíduo se acha imerso em uma ecologia determinada por diferentes níveis que interagem entre si, exercendo uma influência direta em seu desenvolvimento humano”. E esses são os níveis que se configuram com o marco ecológico: o individual, o familiar, o comunitário e vinculado aos serviços sociais, cultural e aos valores sociais.

O que esta geração se propõe, segundo Infante (2001, p. 35), é que a identificação dos processos que se encontram na base da adaptação resiliente permitirá avançar na teoria e investigação em resiliência, além de possibilitar o desenho de estratégias programáticas com a finalidade de promover resiliência e qualidade de vida.

Kinklert (2002, p. 12) explorando o que concluem de suas investigações de diferentes autores, depara-se com uma polissemia, uma variedade de definições sobre o conceito de resiliência, porém são muito semelhantes. Na realidade, os autores divergem-se quanto à

explicação da origem da resiliência. Não obstante os impasses teóricos, todos os significados conduzem ao mesmo entendimento convergindo para um ponto central.

Tavares (2001, p. 52) afirma que no desenvolvimento de capacidades de resiliência os sujeitos passam pela mobilização e ativação das suas capacidades de ser, estar, ter, poder e querer, ou seja, pela sua capacidade de auto-regulação e auto-estima. “Ajudar as pessoas a descobrir as suas capacidades, aceitá-las e confirmá-las positiva e incondicionalmente é, em boa medida, a maneira de torná-las mais confiantes e resilientes para enfrentar a vida do dia-a-dia por mais adversa e difícil que se apresente.”

O mesmo autor desenvolveu a tese de que a resiliência não deve ser apenas um atributo individual, mas pode estar presente nas instituições/organizações, gerando uma sociedade mais resiliente. Para ele, uma organização resiliente é uma organização inteligente, reflexiva, onde todas as pessoas são inteligentes, livres, responsáveis, competentes, e funciona numa relação de confiança, empatia, solidariedade. “Trata-se de organizações vivas, dialéticas e dinâmicas cujo funcionamento tende a imitar o do próprio cérebro que é altamente democrático e resiliente” (TAVARES, 2001, p. 60).

Raciocínio semelhante desenvolveu Flach (1991, p. 217) ao identificar vários elementos em ambientes facilitadores de resiliência, os quais apresentam como características: estruturas coerentes e flexíveis; respeito; reconhecimento; garantia de privacidade; tolerância às mudanças; limites de comportamento definidos e realistas; comunicação aberta; tolerância aos conflitos; busca de reconciliação; sentido de comunidade; empatia.

As diversas definições que diferentes autores dão ao conceito “resiliência” são variações do que propõe Grotberg (2003, p. 20): “a capacidade humana para enfrentar, sobrepor-se e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidades”.

Com base neste conceito, se percebe que os estudos sobre a resiliência, ainda que em muitos autores apresentem imprecisão quanto a definir se algumas pessoas nascem com resiliência (se inato ou não) ou se algumas situações vivenciadas influenciam no desenvolvimento das pessoas, vários estudiosos, entretanto, estão investindo na capacidade de se promover a resiliência, obtendo resultados satisfatórios.

Ao revisar a literatura sobre a resiliência, nota-se o evidente acento das investigações girando em torno do eixo infância-adolescência, enquanto que o estudo sobre como os adultos se sobrepõem às adversidades ainda está em processo de inclusão. Neste sentido, Henderson & Milstein (2003, p.24) fazendo observações próprias e apoiando-se em outros investigadores, acreditam que o processo de construção da resiliência nos adultos seja semelhante ao das crianças e adolescentes.

Indicam Steven Wolin & Sybil Wolin (2005) sete características internas e afirmam que, apesar de padecer diversos problemas em ambientes disfuncionais, os indivíduos podem desenvolver resiliências internas para superar o dano. Segundo esses autores, os sinais da resiliência variam com a idade. 1) Insight (introvisão): hábito de fazer perguntas e dar respostas honestas; 2) Independência: distanciamento físico e emocional enquanto satisfaz suas próprias demandas; 3) relacionamento: encontro de um equilíbrio maduro entre a satisfação de suas próprias necessidades e a capacidade de dar, doar-se aos outros; 4) iniciativa: consideração dos problemas como desafio para exercitar o controle, um teste para si mesmo nas tarefas necessárias; 5) criatividade: colocação de ordem, beleza e objetivo no caos de suas experiências, problemas e sentimentos dolorosos; 6) humor: encontro do cômico em meio à tragédia; 7) moralidade: consciência que estenda seu desejo de uma boa vida para todos os seres humanos; implica ter altruísmo e atuar com integridade.

O casal Wolin & Wolin sustentam ainda que basta uma só destas características, seja na criança ou no adulto, para impulsioná-lo a superar os desafios de um meio disfuncional ou estressante, e que freqüentemente se desenvolvem resiliências adicionais a partir de um único ponto forte inicial.

Estes mesmos autores esclarecem que os indivíduos que enfrentam disfunção familiar ou outros problemas ambientais costumam reagir com uma resposta dual que inclui conduta negativa e conduta resiliente. Muitas vezes uma conduta que se considera disfuncional (como por exemplo, fugir do lar) pode conter elementos de resiliência (iniciativa e independência). Reenquadrar essa conduta de modo a incluir seus elementos positivos - sem aprová-la, necessariamente – poderia facilitar o processo de construir resiliência.

Flach (1991, p. 123) apresenta como resultados de suas investigação das seguintes características da personalidade resiliente: busca soluções; sentido forte e flexível de auto-estima; independência de pensamento e ação; habilidade de dar e receber nas relações com os outros, e um bem estabelecido círculo de amigos pessoais, que inclua um ou mais amigos que servem de confidentes; disciplina pessoal e sentido de responsabilidade; reconhecimento e desenvolvimento de seus próprios talentos; mente aberta e receptiva a novas idéias; disposição para sonhar; grande variedade de interesses; apurado senso de humor; percepção de seus próprios sentimentos e do sentimento dos outros. E capacidade de comunicar esses sentimentos de forma adequada; grande tolerância ao sofrimento; concentração, um compromisso com a vida, e um contexto filosófico, no qual as experiências pessoais possam ser interpretadas com significado e esperança, até mesmo nos momentos mais desalentadores da vida.

Os investigadores da resiliência sublinham que ela é um processo, mais que uma lista de traços. Ainda que pareça que alguns indivíduos tenham tendências genéticas que contribuam a sua resiliência, como temperamento desenvolvido e atração física, que a maioria das características associadas com a resiliência pode ser aprendida (HENDERSON & MILSTEIN, 1992).

Os autores dividem-se na explicação sobre a origem da resiliência. Alguns acreditam que a flexibilidade e versatilidade são características da pessoa resiliente, outros apontam a resiliência como traço de personalidade ou temperamento (FLACH, 1991; WOLIN, 1993). Também se interrogam sobre a resiliência ser um atributo individual ou fruto da interação com o ambiente (FLACH, 1991; RUTTER, 1993; TAVARES, 2001; PEREIRA, 2001; YUNES, 2001; TROMBETA E GUZZO, 2002). Desta forma, o conceito de resiliência apresenta algumas imprecisões e controvérsias. Rutter (1993), considerado um dos primeiros teóricos do tema, rediscute o termo invulnerabilidade, afirmando que pesquisas recentes demonstram que a resiliência não é apenas um caráter individual, como entendido na invulnerabilidade, mas incluem além das bases constitucionais, também as ambientais, bem como o fato de o grau de resistência variar de acordo com as circunstâncias.

Ao investigar sobre o conceito da resiliência, deparou-se com alguns de seus correlatos e prováveis distinções: vulnerabilidade, coping, empowerment, entre outros.

De acordo com Yunes & Szymanski (2001), a palavra vulnerável, oriunda do latim, significa ferir, penetrar. Desde a etimologia, vulnerabilidade é um termo que tem sido empregado na referência de predisposições a desordens ou de susceptibilidade ao estresse. Afirmam ainda que o conceito de vulnerabilidade seja usado erroneamente no lugar de risco. Trata-se, pois, de dois conceitos distintos. Os epidemiologistas sempre os associaram aos grupos e populações, enquanto que a vulnerabilidade está mais estreitamente ligada ao indivíduo e às suas suscetibilidades ou respostas negativas. Há de se evidenciar também a relação entre risco e vulnerabilidade: esta opera apenas quando o risco se faz presente; sem a presença do risco a vulnerabilidade não produz efeito. O conceito de vulnerabilidade no contexto do estudo da resiliência é usado para definir as susceptibilidades psicológicas individuais que potencializam os efeitos dos estressores e impedem que o indivíduo responda de forma satisfatória ao estresse.

Já o Coping é um termo de origem anglo-saxônica e de difícil tradução. Segundo Pereira (apud TAVARES, p. 81), traduzindo-o para a língua portuguesa seria “formas de lidar com”, ou “estratégias de confronto”. Os autores empregam este termo como referência aos “esforços de lidar com as situações de dano, ameaça, ou desafio, quando está disponível uma rotina ou uma resposta automática”. É também interpretado como os esforços cognitivos e comportamentais utilizados pelo indivíduo para lidar com situações indutoras de estresse.

O termo “empowerment”, comumente vertido no espanhol por empoderamento, no português aparece, freqüentemente, como fortalecimento, conforme o traduz Faleiros (2003). O autor referido, ao considerar as relações de poder na teoria e a prática do serviço social, afirma que “seja no âmbito institucional ou não, as relações de poder perpassam o cotidiano dos indivíduos e coletivos na particularidade do processo de fragilização de uma mediação das relações complexas que envolvem tanto a identificação social e cultural como a autonomia, a cidadania, a organização, a participação social. O que daí se depreende é que o conceito de empoderamento possui vários níveis. Trata-se de uma construção a nível individual, quando se refere às variáveis intrapsíquicas e comportamentais; organizacional, quando se refere à mobilização de recursos e oportunidades participativas; comunitário, quando a estrutura das mudanças sociais e a estrutura sócio-política estão em foco” (FALEIROS, 2003, p. 43). Neste sentido Wellerstein & Bernstein (apud TEIXEIRA, p. 14), identificam também três níveis: a) fortalecimento individual ou psicológico, referente à

habilidade do indivíduo para tomar decisões e ter controle sobre sua própria vida. Este nível combina eficiência pessoal e competência, um sentido de domínio e controle, e um processo de participação para influenciar instituições e decisões; b) fortalecimento organizacional referente ao controle democrático onde cada membro compartilha informação e poder e, c) fortalecimento comunitário onde os indivíduos e organizações aplicam suas habilidades e recursos nos esforços coletivos para encontrar suas respectivas necessidades.

Interessa-se neste trabalho, antes das demais, a distinção de resiliência e risco, sendo este último empregado neste estudo como sinônimo do termo adversidade.

Henderson & Milstein (2003, p.22) afirmam ser a investigação da resiliência diferente das investigações sobre o “risco”, que durante décadas contribuíram para criar o modelo do déficit, centralizado na patologia, impregnando as concepções do desenvolvimento humano.

Assim Edith Grotberg (2003, p. 23) esclarece essa distinção: os fatores de proteção resguardam o risco, enquanto os fatores de resiliência enfrentam o risco. Se o indivíduo estivesse imune do risco não necessitaria desenvolver resiliência. E exemplifica:

“Se uma escola tem um aviso que diz que não devem entrar pessoas estranhas ao recinto escolar, não há nenhuma adversidade com que lidar. Esta é uma estratégia de proteção para as crianças, e que não deve ser confundida com resiliência. Porém, se uma pessoa estranha segue uma criança na saída da escola e lhe oferece caramelo, nesse caso se requer resiliência. Quais são os fatores que a criança porá em prática para lidar com esta situação? Correr para a sua casa? Voltar à escola? Será que alguém alguma vez lhe ensinou o que fazer em situações como esta?” ( p. 24, Trad. do Autor).

Salientam Yunes & Szymanski (2001) que os fatores de risco sempre devem ser pensados como processo e não como variável em si, e relacionam os fatores de risco com toda a sorte de eventos negativos de vida, os quais, quando presentes, aumentam a probabilidade de o indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais. Alguns exemplos seriam: divórcio dos pais, perda de entes queridos, abuso sexual/físico contra a criança, pobreza, holocausto, desastres e catástrofes naturais, guerras e outras formas de trauma. As referidas autoras percebem um ponto pacífico entre os pesquisadores: a resiliência é um processo

psicológico que vai se desenvolvendo ao longo da vida, a partir do binômio fatores de risco versus fatores de proteção. Tratar-se-ia de um equilíbrio entre risco e proteção?

Para Trombeta & Guzzo (2002), trata-se de uma balança equilibrada: de um lado, os eventos estressantes, as ameaças, os perigos, o sofrimento e as condições adversas conduzindo à vulnerabilidade, e, do outro, as forças, as competências, o sucesso e a capacidade de reação e enfrentamento, pertencentes ao indivíduo chamado de invulnerável ou resiliente.

Yunes (2001) sugere uma análise criteriosa dos processos ou mecanismos de risco como imprescindível para se ter a dimensão da diversidade de respostas. Estas podem ser observadas, sobretudo quando se trata de riscos psicossociais ou riscos socioculturais, pois focar isoladamente um evento de vida e atribuir-lhe a condição de adversidade, tanto no caso de um indivíduo como de um grupo, não parece a melhor maneira de se abordar a questão. Quanto aos fatores de proteção, os autores acordam nas condições do próprio indivíduo (expectativa de sucesso no futuro, senso de humor, otimismo, autonomia, tolerância ao sofrimento, assertividade, estabilidade emocional, engajamento nas atividades, comportamento direcionado para metas, habilidade para resolver problemas, avaliação das experiências como desafios e não como ameaças, boa auto-estima); nas condições familiares (qualidade das interações, estabilidade, pais amorosos e competentes, boa comunicação com os filhos, coesão, estabilidade, consistência) e nas redes de apoio do ambiente (um ambiente tolerante aos conflitos, demonstrar reconhecimento e aceitação, oferecer limites definidos e realistas).

Yunes questiona alguns estudos realizados sobre o tema tendentes apenas à mensuração, e interroga se a resiliência poderia ser mensurada, tal qual a inteligência, auto-estima, auto-eficácia etc. Percebeu-se na autora uma preocupação conceitual e prática na discussão sobre o tema: “Segundo a grande maioria dos pesquisadores sobre o assunto, resiliência refere-se aos aspectos “positivos” do indivíduo na superação de situações de crise e adversidade. E quem define a positividade?” (YUNES, 2001, p. 3).

Segundo Francisca Infante (2003), a noção de processo descarta definitivamente a concepção de resiliência como um atributo pessoal e incorpora a idéia de que a adaptação positiva não é apenas tarefa de criança, mas também a família, a escola, a comunidade e a sociedade devem prover recursos para que a criança (ou adulto, idoso) possa desenvolver-se

mais plenamente. E a adaptação pode ser considerada positiva quando o indivíduo tenha alcançado expectativas sociais associadas a uma etapa de desenvolvimento, ou que não tenha tido sinais de desajustes. Em ambos os casos, se a adaptação positiva ocorre apesar da exposição à adversidade, se considera uma adaptação positiva.

Sempre que o tema da resiliência for evidenciado, diversas variáveis e processos precisam ser estudados. No entanto, os diversos autores e pesquisas parecem levar à conclusão de que a capacidade de amar, trabalhar, ter expectativas e projeto de vida conseqüentemente, de dar um sentido à existência -denota ser a base onde as habilidades humanas se apóiam para serem utilizadas diante das adversidades da vida – que certamente todos, em menor ou maior intensidade -, haverá de enfrentar enquanto se estiverem vivos.

### **2. 3. Espiritualidade: ponte da dimensão plena do ser humano**

Em busca de referenciais teóricos que se prestam à aproximação dos propósitos investigativos sobre o envelhecimento, a resiliência e a espiritualidade, e tendo em vista a conectividade de aspectos positivos entre essas abordagens, recorre-se aqui a um dos estudos nos campos da psicologia que mostra ser mais fácil sair de uma crise quando se tem algo pelo qual valha a pena resistir. Trata-se da teoria e da terapia de Viktor Frankl, considerado o “pai” dos estudos sobre a resiliência (embora ele nunca tenha feito uso desse termo). Neles Frankl (1989, p. 24) valoriza o potencial humano até em sua forma mais elevada possível. Acredita que esse potencial existe e que se acha presente nele, incluindo no homem aspirações mais altas (abertura à transcendência), identificadas como dimensão noética ou dimensão espiritual que pode chegar a despertar para a religiosidade (FRANKL, 2003a, p.34) e também interessar-se pela religião (FRANKL, 1992, p. 61, 78).

#### **2. 3.1. Contextualização: Vida e Teoria de Viktor Frankl**

Viktor Emil Frankl nasceu em Viena no dia 26 de março de 1905. Seu pai trabalhou como estenógrafo parlamentar até chegar a Ministro de Assuntos Sociais. Quando era

estudante universitário, Frankl envolveu-se em organizações juvenis socialistas e começou a interessar-se pela psicologia. Em 1930, doutorou-se em medicina e foi designado a uma sala dedicada a tratamento de mulheres com tendências de suicídio. Quando os nazistas chegaram ao poder em 1938, Frankl assumiu o cargo de Diretor do Departamento de Neurologia do Hospital Psiquiátrico de Viena, o único hospital judeu no alvorecer do nazismo. Por ser judeu, foi preso pelos nazistas em 1942, juntamente com toda a família sendo deportados a um campo de concentração próximo a Praga, o *Theresienstadt*. Frankl sobreviveu ao Holocausto, passando por quatro campos de concentração nazistas, incluindo o de *Auschwitz*, entre 1942 e 1945; porém o mesmo não ocorreu com seus pais, seus irmãos e sua primeira esposa, os quais morreram nestes campos. Devido em parte ao sofrimento durante sua vida nos campos de concentração e enquanto estava neles, Frankl desenvolveu uma aproximação revolucionária à psicoterapia conhecida como logoterapia. Frankl retornou a Viena em 1945, e imediatamente foi Chefe do Departamento de Neurologia do Viena Polyclinic Hospital, posição que manteve durante 25 anos. Foi professor tanto de neurologia como de psiquiatria. Seus 32 livros sobre análise existencial e logoterapia têm sido traduzidos em 26 idiomas e recebeu 29 doutorados honorários em diversas Universidades do mundo inteiro, entre elas a Federal do Rio Grande do Sul. A partir de 1961, Frankl manteve cinco cadeiras como professor nos Estados Unidos na Universidade de Harvard e de Stanford, assim como em outras: Dallas, Pittsburg e San Diego. Ganhou o prêmio Oskar Pfister da Sociedade Americana de Psiquiatria, assim como outras distinções de diferentes países europeus. Frankl lecionou na Universidade de Viena até aos 85 anos de idade de forma regular e foi sempre um grande escalador de montanhas. Viktor E. Frankl morreu de uma parada cardíaca no dia 3 de setembro de 1997, em Viena, sua cidade natal, deixando a sua esposa, Eleonora e uma filha, a Doutora Gabriele Frankl-Vesely (Biografia adaptada do obituário na página web AP (Viena, Áustria), de 3 de setembro de 1997).

### **2.3.2. A Teoria de Frankl: Análise existencial**

A “análise existencial” é a expressão introduzida por Viktor Frankl a respeito do seu método de cura e de pesquisa, antropológico e psicoterapêutico, inspirado em M. Heidegger (FRANKL, 2003a, p. 57; 1978 p. 96), e por ele desenvolvido na linha da psicologia do profundo. Este método vem também indicado como logoterapia, “psicoterapia centrada no sentido”. Toma do denso e complexo termo grego “logos” a tradução exclusiva de “sentido”,

e sustenta que a presença de um significado para a vida é um dos alicerces básicos da saúde psíquica

Estudando a biografia do paciente, a análise existencial procura compreender a existência pessoal na sua plena humanidade sob o perfil dos seus valores e significados potenciais. Porque o problema do sentido da vida, quer se apresente explicitamente ou não, cumpre defini-lo como um problema caracteristicamente humano. Só ao homem, como tal, é dado - a ele exclusivamente - ter a vivência da sua existência como algo problemático; só ele é capaz de experimentar a problematicidade do seu ser (2003a, p. 56)

O autor afirma em “Sede de sentido”:

“[...] ao contrário do animal, o homem não tem instintos que lhe dizem o que tem de fazer; e ao contrário do que acontecia em séculos passados, o homem de hoje já não conta com tradições que lhe dizem o que deve fazer; assim, muitas vezes parece já não saber o que quer .”(FRANKL, 2003b, p. 12).

Tendo em conta essa problematicidade do ser humano, Frankl emprega esta fórmula como resposta à causa principal da neurose noogênica, ou seja, o vácuo existencial (2003a, p. 26), o vazio existencial (2002, p.96), o “vazio interior” (2001, p.78): o que o ser humano necessita, não é da

“[...] descarga de tensão a todo custo, mas antes o desafio de um sentido em potencial à espera de seu cumprimento; precisa não de homeostase, mas daquilo que ele chama de noodinâmica, isto é, da dinâmica existencial num campo polarizado de tensão entre aquilo que ele é e aquilo que ele deve ser; necessita da tensão existencial entre o ser e um sentido que ainda está por realizar.” (FRANKL, 2002, p. 96; 2003b, p. 22).

A contraposição da noodinâmica a toda psicodinâmica se dá precisamente por entrar nela um elemento de liberdade que se verifica em face da realização de valores.

Viktor Frankl (2003a, p. 44) desenvolveu uma ontologia dimensional como núcleo do seu enfoque teórico-prático, levando em conta a totalidade humana que não pode ser reduzida a nenhuma esfera exclusiva, seja biológica, psíquica, social, econômica. Nesta visão de Frankl (2003a, p.174) a totalidade do ser humano é corpo, é alma e é espírito.

Em reação a tendências reducionistas, Frankl (2003a, p. 20) assim questionou:

“Já se consagrou a expressão psicologia profunda, onde fica, porém, a psicologia das alturas, que inclui no seu campo de visão, não só a vontade de prazer, mas também a vontade de sentido? Cumpre perguntamo-nos se não terá já soado a hora de vermos, no âmbito da psicoterapia, a existência humana, não só na sua profundidade, mas também nas suas alturas, - para se ultrapassar deliberadamente, não apenas o nível do físico, mas também o do psíquico, abarcando, por princípio, a esfera do espírito”.

Viktor Frankl (2003a, p.15) não rejeita e reconhece a validade da doutrina da psicanálise e da psicologia individual como base de suas investigações, embora tenha pretendido ultrapassar os princípios das mesmas. À “vontade de prazer” de S. Freud (o homem não é mais um frustrado sexual, mas um existencialmente frustrado) e à “vontade de poder” de Adler (a queixa maior do homem não é mais o sentimento de inferioridade, mas sim a sensação de futilidade, a sensação de falta de sentido) Frankl propagou a sua voz no deserto hostil racionalista da década de 30 postulando a vontade de sentido que se constitui a mais humana de todas as necessidades humanas, à qual a falta ou a errônea realização foi definida por ele, acima, como “vácuo existencial” (2003a, p.56).

Essa “frustração existencial” diagnosticada por Frankl como um dos maiores males do homem contemporâneo, se manifesta principalmente num estado de tédio (FRANKL, 2002) provocado pelo crescente processo de automação que conduz a um aumento das horas de lazer, chamado de “neurose dominical”. Isso se aplica também às crises de aposentados e idosos.

Há de se relevar que tanto a teoria como a terapia de Viktor Frankl se desenvolveu a partir de suas experiências nos campos de concentração nazista. Ao ver quem sobrevivia e quem não (a quem se lhe dava a oportunidade de viver), concluiu reconhecendo muita sabedoria nas palavras do filósofo Friederich Nietzsche: “Quem tem por que viver suporta qualquer como”(FRANKL, 2002, p. 95). Pode perceber como as pessoas que tinham esperanças de reunir-se com os seres queridos ou que possuíam projetos, que sentiam como uma necessidade inconclusa, ou aqueles que tinham uma grande fé, pareciam ter melhores oportunidades que os que haviam perdido toda esperança. O humor era uma das armas com as quais o sujeito lutava por sua autopreservação nos campos de extermínio. O humor possibilita

ao homem distanciar-se de qualquer coisa e de quem quer que seja, e de si mesmo também, conseqüentemente, para se fazer inteiro senhor de sua pessoa (FRANKL, 2003a, p. 327).

O que ocorre é que o ser humano é capaz de viver e até morrer por seus ideais e valores (FRANKL, 2003a, p. 92). Ainda neste contexto, dizia que “não há nada de mais apropriado para que um homem vença ou suporte dificuldades objetivas ou transtornos subjetivos, do que a consciência de ter na vida uma missão a cumprir”. Esta missão tem um caráter específico duplo: “a missão não muda apenas de homem para homem – em consonância com o caráter único de cada pessoa-; muda também de hora em hora, em decorrência do caráter irrepitível de cada situação” (2003a, p. 90-91). Estes dois aspectos da existência humana são constitutivos do seu caráter de sentido. Daí o interesse da análise existencial em fazer com que o homem experimente vivencialmente a responsabilidade pelo cumprimento de sua missão, porque quanto mais ele apreende esse caráter de missão, tanto mais verá sua vida cheia de sentido. Chegando a entender a vida como missão dará um novo passo: viver a missão como mandato. Nisto revelam-se os traços essenciais do *homo religiosus*, ou seja, um homem cuja consciência e responsabilidade se dão junto à missão que ele se impôs.

“[...] precisamos aprender e ensinar às pessoas em desespero que a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que vida espera de nós. [...] Cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável.”(2002, p. 98).

A esta altura cabe perguntar-se: onde se pode encontrar o sentido?

Para Frankl (2003a, p. 81; 149; 172) o sentido da vida se realiza basicamente no caminho do exercício destas três categorias de valores:

Na primeira, o sentido é encontrado por meio dos valores criadores, ou seja, mediante um “ato criador”, um fazer, um trabalho ou uma boa ação. Esta seria a idéia existencial tradicional de prover-se a si mesmo com sentido ao levar a cabo os próprios projetos, ou melhor, a comprometer-se com o projeto de sua própria vida. Os valores se realizam na forma de realizações que se têm relação com a comunidade, pois só a comunidade confere sentido existencial àquele caráter de algo único e irrepitível próprio da pessoa (p. 172).

A segunda, por meio dos valores experienciais ou vivências, que acontecem na experiência vital; “são os que se realizam, por exemplo, ao acolher o mundo, na entrega à beleza da natureza ou da arte” (p. 82), algo ou alguém que valorizamos. O exemplo mais importante é o de experimentar o valor de outra pessoa, por exemplo, através do amor. Por meio de nosso amor, podemos induzir nosso amado a desenvolver um sentido, e assim encontrar nosso próprio sentido. Inclui, evidentemente, a criatividade na arte, música, escritura, invenção e outras. Também inclui a generatividade da qual Erikson falou: o cuidado das gerações futuras.

A terceira via de descobrir o sentido é aquela que poucos a recomendam além de Frankl: os valores atitudinais ou de aceitação. Estes valores “se verificam quando um homem arrosta, encara um destino perante o qual nada mais pode fazer que aceitá-lo, suportá-lo; tudo está no modo como o suporta; tudo depende de que o carregue sobre si como uma cruz”. Estes incluem virtudes tais como a compaixão, “valentia no sofrimento, a dignidade na ruína, e no malogro” (p.83). Isto significa que a vida humana atinge a sua plenitude não apenas no criar e no gozar, senão também no sofrimento. “A análise existencial demonstra que o sofrimento tem um sentido, prova que o sofrimento faz parte do pleno sentido da vida” (p. 154). E afirma, citando Goethe: “Não há nenhuma situação que se não possa enobrecer, o quer que seja realizando ou suportando” (p.165). Estes três valores “trazem consigo a conclusão de que a vida tem sentido sempre, literalmente até o último suspiro, e um sentido incondicionado” (FRANKL, 2003b, p. 33).

O autor oferece um de seus exemplos famosos, que o denomina de “diálogo socrático improvisado” (FRANKL, 2003b, p.40), mantido com um de seus pacientes, um velho clínico geral depressivo, cuja esposa havia morrido, e se sentia muito triste e desolado. Frankl lhe perguntou:

“[...] Que teria acontecido doutor, se o senhor tivesse falecido primeiro e sua esposa tivesse que lhe sobreviver? \_ Ah, disse ele, isso teria sido terrível para ela; ela teria sofrido muito. Ao que retruquei: Veja bem, doutor, ela foi poupada deste sofrimento e foi o senhor que a poupou dele; mas agora o senhor precisa pagar com isso, sobrevivendo a ela e chorando a sua morte. Ele não disse uma palavra, apertou a minha mão e calmamente deixou meu consultório. O sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante

em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício.” (FRANKL, 2002, p. 101; 203b, p.40).

Segundo Frankl (2002, p. 102), à aceitação desse desafio de sofrer com bravura, a vida ganha um sentido até o seu derradeiro instante. Com outras palavras: o sentido da vida é incondicional, por incluir até o sentido potencial do sofrimento inevitável.

Estes valores atitudinais, experienciais e criativos acima mencionados são meras manifestações superficiais de algo muito mais fundamental, o supra-sentido (FRANKL, 2003a, p. 61). Ele levanta, então, o seguinte questionamento: “Ora, não teremos nós que admitir que, acima do mundo humano, existe por sua vez, um outro mundo, inacessível ao homem, e cujo sentido, cujo supra-sentido seja o único capaz de dar sentido aos seus sofrimentos?” (p. 64).

Percebe-se aqui a faceta mais religiosa de Frankl (2001, p. 85): o supra-sentido. É a idéia de que, de fato, existe um “sentido último” na vida (ou seja, Deus, que não é uma coisa entre outras, mas o “próprio Ser”). Este sentido último não é nivelado com as coisas, não depende de outros, nem de nossos projetos ou inclusive de nossa dignidade. É uma clara referência a Deus e ao sentido espiritual da vida.

Esta postura situa o existencialismo de Frankl num lugar diferente do existencialismo de Jean Paul Sartre. Este último, assim como outros existencialistas ateus, sugere que a vida em seu fim carece de sentido, e que se afronta esse sem sentido com coragem. Sartre diz que se deve aprender a suportar esta falta de sentido; Frankl, pelo contrário, afirma que o homem necessita aprender a suportar a própria inabilidade para compreender em sua totalidade o grande sentido último. “Logos é mais profundo que a lógica”. E se “o paciente está sobre o chão firme de fé religiosa, não se pode objetar ao uso do efeito terapêutico de suas convicções espirituais”. (FRANKL, 2002, p. 105).

Frankl (2001, p. 21), concebendo o ser humano como uma totalidade bio-psico-espiritual, ressalta o espiritual como uma característica mais especificamente humana. A espiritualidade é considerada uma das dimensões do ser humano que vai além da dimensão religiosa ou do supra-natural. Ela engloba a vida espiritual no sentido religioso, mas também refere-se à inclinações e afetos que não derivam só do instinto, como a produção artística, por

exemplo. O espiritual ou noético é essencialmente distinto do psicológico, não pode ser incluído na facticidade psicofísica, e tanto pode ser consciente como inconsciente. No seu livro “A presença ignorada de Deus” (FRANKL, 2001), explora a questão da espiritualidade e nomeia a espiritualidade inconsciente como inconsciente transcendental.

O conceito de inconsciente por Frankl (2002, p 18) não é constituído unicamente de elementos instintivos, mas também espirituais. E se contrapõe a Freud, afirmando que o homem só se constitui como tal quando não houver um Id a impulsioná-lo, mas onde houver um eu que decide. Em chave analítico-existencial constitui-se num “ser responsável”, um ser existencial. E destaca a psicoterapia como espaço para mobilizar a existência espiritual, sendo esta considerada como responsabilidade livre que se opõe à facticidade psicofísica. Conforme o autor, o psicofísico é algo que a pessoa tem, enquanto o espiritual é algo que ela é.

Em termos psicológicos, Viktor Frankl percebe o espírito como um eixo pessoal que perpassa o consciente, pré-consciente e inconsciente. O espírito ou o eu em sua essência – se introduz nestes três planos. Então, parece um novo conceito de “pessoa profunda”. Com essa idéia referencia-se a pessoa “espiritual-existencial, à sua profundidade inconsciente” (p. 22). Ele ainda observa que a pessoa na execução de seus atos espirituais fica de tal modo absorvida que não pode ser objeto de reflexão, não pode aparecer a verdadeira essência da pessoa: a existência é irreflexível e não-analisável. E arremata afirmando que o espiritual na sua profundidade é necessário, por ser essencialmente inconsciente. Além disso, isenta-se de conceituar o espírito, por ser ele cego a toda auto-observação e auto-reflexão; quando é totalmente primordial, completamente ele mesmo, é inconsciente de si mesmo (p. 24). No entanto, o autor faz algumas correlações e descreve essa instância como algo que regula o adormecer e o despertar e nunca dorme, permanece vigilante.

A religiosidade para Frankl pode ser tão inconsciente e reprimida quanto a libido. A religiosidade representa para o ser humano a verdadeira intimidade. Muito pudor pode envolvê-la como uma proteção a algo exclusivamente íntimo e que há temor de se revelar essa experiência e esta ser desmascarada como algo próprio do Id (inconsciente arcaico) ou do impessoal (inconsciente coletivo). A pessoa mostra-se, então, como irreligiosa, ignorando a transcendência da consciência. (p.37-39).

Apenas a pessoa religiosa assumiria o risco de perguntar o que está para além da consciência e buscaria a transcendência. Essa busca pode ser exemplificada pela procura de um sentido para a vida, um valor maior que proporcionasse significado à existência. Em contraposição, o homem irreligioso se deteria, antes do tempo, no seu caminho pela busca de sentido (p. 43). Ainda assim, no seu inconsciente sempre houve uma tendência em direção a Deus, mas esta só se realizará na medida da decisão e da responsabilidade consciente da pessoa (p.48).

Viktor Frankl (2001) acredita que a religiosidade não se origina num inconsciente coletivo por que é a própria pessoa que se decide por Deus, e que o inconsciente transcendente é existente, mas não um inconsciente determinante. Contrapondo-se a Jung para quem a religiosidade é algo essencialmente instinto, Frankl afirma “a verdadeira religiosidade não tem caráter de impulso, mas antes de decisão, e deixa de sê-la quando predomina o caráter de impulso. A religiosidade ou é existencial, ou não é nada” (p. 50).

Dentre os motivos para se tomar decisão a favor da religiosidade, Frankl (2001, p. 59) assevera que ela “não propicia à pessoa uma sensação de incomparável proteção e ancoramento que não pode ser encontrado alhures a não ser na transcendência, no Absoluto”. Nesta proteção e ancoramento, a fé em algo divino ressoa como única. Quando a pessoa se encontra sem saída, em sofrimento profundo como no enfrentamento da própria mortalidade, se pode imaginar essa sensação de proteção e ancoramento que a experiência religiosa pode proporcionar. A fé é algo que transcende a própria pessoa também pode proporcionar uma direção, uma visão de caminho ou sentido.

É na transcendência que situa o sentido: a logoterapia aposta na inata vontade de sentido e no cumprimento de sentido para alcançar a cura da alma. Frankl ao referendar P. Tillich afirma: “ser religioso significa fazer a pergunta apaixonada pelo sentido de nossa existência”. Assim acentua que a logoterapia ocupa-se não só com a vontade de sentido, mas também com a vontade de um sentido último, de um supra-sentido, sendo a fé religiosa, fé nesse supra-sentido, uma confiança nele (FRANKL, 2001, p. 62).

A concepção que Frank tem de religião não se limita à estreiteza da confessionalidade, e mesmo crendo na existência e continuidade de rituais e símbolos das diversas confissões, ele

acredita na possibilidade de diferentes estilos pessoais que os homens expressam sua busca de sentido último e se encaminham para um Ser último.

“Ao invés de uma religiosidade universal, estamos caminhando para uma religiosidade profundamente pessoal, uma religiosidade a partir da qual cada um poderá encontrar a sua linguagem muitíssimo pessoal, própria, e mais específica para se dirigir a Deus”.(FRANKL, 2001, p. 86).

A linguagem pessoal do homem religioso que busca a Deus se dá por meio da oração, tanto na sua estrutura dialógica interpessoal (eu-tu) quanto na intrapessoal (o diálogo dentro de nós) (p. 87).

”[...] o homem religioso é aquele que, ao atender ao falado, experimenta a vivência de alguém que lhe fala, sendo por assim dizer, homem de ouvido mais agudo do que o não religioso: no colóquio com a sua consciência – essa conversação mais íntima que se dá a sós consigo mesmo – o seu Deus é o interlocutor que o acompanha”(2003, p.97), denominado por Frankl como “o parceiro destes solilóquios.” (2001, p. 90).

A experiência religiosa, portanto, está inserida na caminhada para uma vida plena de sentido, na qual o homem explora a força de sua dimensão espiritual, permitindo-se ser conduzido por um Tu, advertido na dinâmica da própria consciência.

Eis então a relação: porque busca (dimensão espiritual), deixa-se conduzir (dimensão religiosa).

A logoterapia não tem por finalidade dar respostas teológicas, mas ela pode lançar uma ponte para que se possam ouvir aquelas respostas que brotam da espiritualidade inconsciente do mais profundo (ou mais elevado) dos próprios interrogantes (LUKAS, 2002).

## 2.4. Envelhecimento e espiritualidade

O envelhecimento comporta desafios biológicos, fisiológicos e psicológicos que produzem crises existenciais é, no entanto, um fenômeno normal na vida. Como em todos os momentos do desenvolvimento vital, ao chegar à última etapa da vida, o ancião sente ainda surgir em si algumas perguntas inevitáveis: Quem eu sou? J. Erikson (1982, p.93) põe a pergunta assim: “quem achamos que somos versus quem os outros podem pensar que somos ou estamos tentando ser?”. Por que estou neste mundo? Quê sentido tem a minha vida? Para onde vou? Como tenho vivido os anos que passaram? Como posso viver bem os próximos anos?

Como em toda crise existencial, também essa da última etapa não pode ser superada de modo válido senão por meio da renovação da *interioridade*. A espiritualidade evidencia a existência de “potenciais forças escondidas no homem que o envelhecer faz desabrochar” (BALDESSIN, 2002, p. 496).

Convém ressaltar que, nestas últimas décadas, de acordo com Szentmártoni (1998, p. 39) tem-se procurado mostrar a correlação entre a psicologia e espiritualidade, mesmo que não se tenha chegado a uma integração pelo desequilíbrio da contribuição das duas disciplinas. E este autor reforça:

“[...] a psicologia pode oferecer contribuições valiosas ao crescimento espiritual de uma pessoa, mas não poderá jamais substituir a experiência religiosa que é de per si transcendental; e vice-versa, se si procura uma experiência profunda de si, necessário se faz recorrer às técnicas oferecidas pelas diferentes escolas psicológicas” (Trad. do Autor).

Passou-se então a dar maior atenção ao ser humano como um todo, incluindo o orgânico, desfazendo um pouco mais as resistências dicotômicas artificiais do que é psicológico, do que é biológico para considerá-las como parte de um mesmo processo. Neste sentido, a psicologia humanista “amortizou” a mentalidade anti-espiritual, materialista e reducionista da psicanálise e do behaviorismo. E a partir de “uma psicologia marginal, não reconhecida no meio acadêmico e científico e, paralelamente a este, uma

série de abordagens alternativas” (FREITAS, 2004, p. 21), tais como a psicologia existencial (como se abordou anteriormente em Frankl) e, ainda mais recentemente, a psicologia transpessoal, deram-se conta de que nas dimensões humanas precisam incluir a dimensão espiritual.

A dimensão espiritual na vida humana talvez seja, segundo Leonardo Boff (2002), “uma das transformações culturais mais importantes do século XXI”. Mas isto só veio acontecer depois de muitas desconfianças e suspeitas, com todas as características da secularização dos séculos XIX e XX. Junto a este conceito complexo e assaz discutido, surge outro dos mais tipicamente modernos, o de religião. Assim, desde o Iluminismo (XVII-XVIII) eram acentuadas as críticas à religião e já se anunciava seu desaparecimento. Esse movimento desenvolveu-se a partir de uma plêiade de pensadores, disseminando para as classes populares tradicionais, passando pela rápida e forte secularização das classes operárias. Neste contexto, esta frase de Pio XI se tornou proverbial: “A grande desgraça da Igreja (Católica) no século XIX é ter perdido a classe operária”. Depois da Segunda Guerra Mundial essa onda avolumou-se mexendo profundamente com os valores da cultura européia, atingindo diretamente a prática religiosa. O fenômeno da secularização chega a seu apogeu na década de 1960 e começos de 1970, quando retoma com toda intensidade o grito de F. Nietzsche: “Deus está morto”. Essa declaração da morte de Deus significava que a estrutura fundamental de tudo quanto existia se quebrava (LIBANIO, 2002, p. 15).

Tornaram-se famosas as cartas de Bonhoeffer escritas no cárcere, entre os anos de 1943-1944, precisamente no momento mais trágico da Segunda Guerra Mundial. Esses escritos foram reunidos sob o título de “*Cartas da prisão*” (POWELL, 2005). Ao fazer a avaliação do mundo moderno, nessas cartas Bonhoeffer prefere termos que indicam a autosuficiência imanente do mundo, que não postula uma outra esfera da realidade, isto é, Deus. O mundo descobriu as leis segundo as quais vive na ciência, na vida social e política, na arte, na ética, na religião mesma e de tal modo alcançou a própria maturidade. Ele assim afirmou: “vamos ao encontro de uma época completamente não religiosa; os homens como estão não podem ser mais religiosos”. (MILANO, 1977, p. 1443-4).

Esse contexto era uma avalanche provocada pela convergência de todas as ciências para tentar reduzir a religião ao silêncio e, Deus, distanciado da realidade humana.

Antes do término do milênio, o vaticínio da morte de Deus e os sinais da morte do cristianismo começaram a ceder espaço ao religioso. Se o século XX não amadurecera (como o havia preconizado Bonhoeffer) a ponto de dar uma resposta à terrível crise espiritual, Malraux vaticinara que o século XXI “será místico ou não será” (LIBANIO, 22).

Releve-se que esse despertar do religioso vem ocorrendo tanto na área da saúde física quanto na da saúde mental, ainda que na área da saúde muitos profissionais espelhem o processo da secularização. A busca pós-moderna da espiritualidade parece um fato tipicamente da cultura ocidental contemporânea que, com a modernidade, passou pelo processo de secularização. Essa busca pós-moderna da espiritualidade ocorrerá mais no Ocidente que mais padece da fragmentação induzida pela razão analítica, científica e tecnológica individualizante (PAIVA, 2004).

Nessa busca de espiritualidade percebe-se a manifestação de uma variedade de formas. A palavra espiritualidade designa as mais diversas realidades e que, às vezes, até se distanciam umas das outras. Por isso, fala-se de espiritualidade cristã, judaica, mulçumana, oriental, etc. Dentro do cristianismo, cada uma das confissões desenvolveu uma espiritualidade específica: anglicana, católica, ortodoxa, protestante e outras mais recentes. Há também no seio da tradição católica uma pluralidade de espiritualidades: a espiritualidade litúrgica, a bíblica, a monástica, a ecumênica e a carismática.

Em cada confissão cristã se fala também de escolas de espiritualidade. Assim, na Igreja Católica tem-se a espiritualidade beneditina, a franciscana, a dominicana, a carmelita, inaciana, a foucauliana, a claretiana e muitas outras, sem falar da Escola Francesa de Espiritualidade (sécs. XVI e XVII) que cunhou o termo espiritualidade, passando a ser muito usado no Ocidente cristão (BORAU, 2000, p. 254).

Neste sentido, espiritualidade é uma maneira particular de vivenciar a religião cristã, sem que se oponha a ela. Não há um distanciamento entre o pessoal e o institucional, nem muito menos a recusa de um Deus pessoal em favor de um sagrado ou divino impessoal (PAIVA, p.123).

O que se entende por espiritualidade? Quando se pergunta sobre o significado da palavra espiritualidade constata-se que este termo é vago, assim como é vago o significado da palavra espírito, da qual se originou. Tendo-se em conta os seus múltiplos empregos, pode-se encontrar o sentido fundamental da espiritualidade cristã, situando-a no contexto da revelação.

“A espiritualidade cristã consiste numa vida espiritual na qual nossa vida mais íntima, mais pessoal, floresce graças ao desenvolvimento da relação pessoal que Deus quer estabelecer conosco ao nos falar, em Cristo. O desenvolvimento da espiritualidade cristã culmina na contemplação, autenticidade pelo testemunho da caridade. A fé cristã proclama que Deus é Pai, Filho e Espírito, e que este Espírito Santo é fonte e a alma de toda vida espiritual, que nunca poderá se reduzir ao puramente psicológico.” (BORAU, p. 257).

Borau afirma que a espiritualidade pode ter desvios, assinalando, por exemplo, a tentativa de “reduzir a vida espiritual a estados da consciência (psicologismo)”. Ao comentar sobre esses desvios, Zilles (2003, p. 15) diz:

“[...] Se admitirmos um subconsciente psíquico não tem porque não admitir um subconsciente espiritual. A realização humana global não se reduz ao saber racional. Também o dualismo – corpo e alma – cedo teve influência negativa na espiritualidade cristã, sobretudo certo menosprezo do material”.

Este mesmo autor, depois de indicar algumas características essenciais da espiritualidade cristã (teocêntrica, cristocêntrica, eclesial, sacramental, pessoal, comunitária e escatológica), resume asseverando que a espiritualidade cristã é a dimensão do mistério das verdades objetivas da doutrina traduzidas para a vida cotidiana (p. 16).

A palavra espiritualidade percorre veloz pelos mais diversos espaços teóricos e práticos. Segundo Goldstein & Sommerhalder (2002), as dimensões da espiritualidade passaram a ser consideradas pelos pesquisadores separados das crenças e dos comportamentos religiosos, criando instrumentos que tentam delinear algumas categorias de espiritualidade, tendo em conta características, como: crença em um ser supremo, propósito na vida, fé ou confiança na providência, capacidade de perdoar, capacidade de achar um sentido no sofrimento, gratidão pela vida, percepção da vida como uma graça.

Ainda as mesmas autoras afirmam que a espiritualidade tem sido definida

“[...] em termos de capacidade do indivíduo se ligar consigo mesmo, com as outras pessoas e com um ser superior; capacidade para transcender a si mesmo, ao tempo e ao espaço; e da atenção e do cuidado com as gerações mais jovens, com as pessoas em geral e com o mundo em que vive.”(p.951).

Muitas pessoas, especialmente as idosas, experimentam uma forte interação entre sua fé religiosa e um senso de espiritualidade, incluindo tanto a “dimensão horizontal” da espiritualidade (que se dá nas experiências comuns do dia-a-dia), quanto à “dimensão vertical” (a que busca alcançar Deus).

Neste sentido, seguindo uma das linhas de espiritualidade da tradição católica, o monge da Abadia Beneditina de Münsterschwarzach, Anselm Grün (nascido em 1945), aponta como parte da busca de uma unidade vinculante duas fontes de espiritualidade:

“A espiritualidade de baixo significa que Deus não nos fala unicamente através da Bíblia e da Igreja, mas também através de nós mesmos, daquilo que nós pensamos e sentimos, através do nosso corpo, de nossos sonhos, e ainda através das nossas feridas e das nossas supostas fraquezas. A espiritualidade de cima começa pelos ideais que nós nos impomos. Parte das metas que o homem deve alcançar [...]. Existe uma sadia tensão entre estas duas abordagens. A espiritualidade de função positiva, porque desperta em nós a vida. Ela só passa a ser doentia quando os ideais perdem a ligação com a nossa realidade [...] e a pessoa cai na divisão interior e adocece.”(GRÜN, 2004, p. 7-16).

Ressalte-se que a espiritualidade de baixo era posta em prática pelos monges da Antigüidade. Os primeiros monges partiam da convivência com suas próprias paixões para chegarem ao encontro e ao conhecimento do verdadeiro Deus. Anselm Grün (2004, p. 7; 1998 p.21) cita uma frase clássica dessa espiritualidade de baixo formulada por Evágrio Pôncio: “Se queres chegar ao conhecimento de Deus, trata de antes conheceres-te a ti mesmo.” O movimento de subida até Deus passa pela descida até a própria realidade indo às profundezas do inconsciente. O caminho para Deus não aponta uma única direção para se chegar a Deus. Indica também a passagem por erros e rodeios, fracassos e decepção consigo mesmo. A abertura para Deus não se dá em primeiro lugar pela virtude, mas pelas fraquezas, incapacidade ou pecado. Nesta espiritualidade ao se chegar ao fim das possibilidades encontra-se abertura a uma relação pessoal com Deus. Assim sendo, a oração surge da miséria humana e

não das virtudes. Na espiritualidade de cima, imposta pelos ideais, as suas perguntas básicas são do tipo: “Como deve ser o cristão? Que é que o cristão deve fazer? Que atitudes ele deve assimilar?” A espiritualidade de cima nasce do anseio do homem em querer ser perfeito, galgar sempre mais alto e chegar mais perto de Deus. A teologia moral e a ascese dos três últimos séculos, a partir da Ilustração, adotaram essa espiritualidade. A postura da psicologia moderna ante esta forma de espiritualidade é de ceticismo, porque quem a abraça corre o risco de ficar interiormente dividido (GRÜN, p. 8).

Ao referendar Romano Guardini, Anselm Grün (2004) afirma que ele resgatou a filosofia grega do “to hen”, ou seja, a filosofia do uno como resposta à angústia da fragmentação. Assim, a vida é vista como tendo sempre dois lados. Mas ela é também uma unidade. Essa unidade só é possível desse modo, contraditória. E a solução não é separar os opostos, mas manter a pressão interna. É dessa maneira que se pode vivenciar em si a própria contradição e ao mesmo tempo como unidade. E destaca: uma espiritualidade que nega os contrários e só vivencia um único pólo, fragmenta e divide o ser humano. Uma espiritualidade assim não leva o homem a Deus, mas à divisão e, conseqüentemente, à doença.

Daí a necessidade de um caminho que norteie a experiência da unidade, como Deus a imaginou para os homens. Segundo Grün (2004, p.100), há um anseio ancestral no ser humano pela unidade absoluta. Essa unidade absoluta só é experimentada na morte. Enquanto se vive aqui neste mundo, resta a unidade que deriva da tensão dos opostos. Aquele que suporta a tensão vivencia uma unidade interna, mesmo em meio às suas contradições. Não será fragmentado por elas, mas com elas experimentará a amplitude e a vitalidade. Quem acredita que esses pólos opostos fazem parte da sua vida, sente que a tensão decorrente desses pólos é que o faz manter-se vivo. Não existe vida sem tensão, sem contradição. O ser humano move-se de um lado para outro entre a experiência de fragmentação e unidade, de cisão e completude. Só quando Deus penetra em tudo o que há no ser humano, e quando este mergulha com Ele na morte, torna-se uno para sempre, completo, curado, uno com Deus e n’Ele, uno com tudo o que existe.

Se o ser humano se encontra hoje fragmentado em diferentes níveis (físico, mental, social, cultural, ambiental e espiritual) é porque a inteireza do ser não tem sido respeitada em cada ciclo do desenvolvimento humano. Em cada um deles o indivíduo necessita aprender a amar, “aprender a conviver, a aprender a fazer, aprender a conhecer, aprender a ser”,

(DELORS, 2000), a crer e a adaptar-se de acordo com as suas circunstâncias, expandindo sua consciência rumo à sua inteireza, dando-lhe sentido e, conseqüentemente promovendo a qualidade de vida. Para superar essa fragmentação (sobretudo a do nosso eu pessoal), faz-se necessário uma educação que se estenda ao longo de toda vida, e passe pela aprendizagem da humildade de descobrir e revelar o tesouro escondido em cada ser humano. Para um envelhecimento fortalecido, o idoso deverá superar a importância que a nossa cultura atribui ao corpo e à aparência jovem para valorizar a interioridade, não para negar os problemas ligados ao declínio das forças físicas, à perda (do padrão) de beleza do corpo, mas interessar-se por tudo o que está ao seu redor, do mundo e das pessoas que vivem além dos limites do próprio sofrimento físico. Isso ajuda o idoso a tomar cuidado do próprio corpo de modo adequado, reconhecendo e aceitando com prontidão a inevitabilidade da morte física e daquela que vem depois.

É este o caminho da Espiritualidade de baixo (em sintonia com a de cima, ou seja, com os ideais que devemos buscar), a humildade, entendida como “a coragem de aceitar a verdade sobre si mesmo” (GRÜN, 2004, p.11). Se o ser humano aceita chegar à velhice considerando-a como uma etapa em que se pode crescer até transcender o próprio “eu”, poderá estender o seu ser muito além do “eu” individual até à inclusão de toda família humana, que é uma parte daquela “rede ecológica” conectada com as outras partes do universo da qual nós somos responsáveis.

Neste sentido, Romano Guardini afirma:

“Eu devo querer ser aquilo que sou, querer ser realmente eu e somente eu. Devo colocar-me dentro do meu Eu tal como ele é e aceitar a missão que me for dada no mundo. Tomar a configuração daquilo que se chama vocação, pois a partir deste ponto me aproximo das coisas e as assumo”.(1998, p.19).

De fato, nada proporciona melhor capacidade de superação e resistência a problemas e dificuldades do que a consciência de ter uma missão a desempenhar na vida.

Com a experiência acumulada na luta existencial, a pessoa fica mais propensa a pensar e repensar a sua história, os acontecimentos de sua vida, voltando-se para si mesma. E neste

contexto, a dimensão espiritual de toda pessoa se esfacela quanto não há interação entre ela o mundo que a acerca. Consequentemente, a busca da espiritualidade passa a favorecer-lhe o equilíbrio perdido, curando as mazelas tanto do corpo como da mente. Isso ocorre principalmente na “terceira idade”, quando então a espiritualidade passa a favorecer novas descobertas decorrentes das “relações interpessoais com o cosmo e consigo mesmo” (BASSINI, 2000, p. 490).

O processo de perdas e frustrações pelo qual uma pessoa idosa passa, proporciona-lhe um maior altruísmo, transformando-a e reestruturando dentro de uma compreensão mais ampla de seu ser e de suas relações consigo mesma, com o ambiente no qual está inserida e com o transcendente.

### 3: PERCURSO METODOLÓGICO

#### 3.1. Definindo o modelo da pesquisa

A fenomenologia surgiu no final do século XIX com Franz Brentano, e começo do século XX, com Edmund Husserl, apresentando um novo método de se fazer ciência. Esta surge para se contrapor à visão positivista de ciência do século XIX, presa demais à visão objetiva de mundo. Para a fenomenologia, a premissa central é

“a descrição da realidade, colocando como ponto de partida de reflexão o próprio homem, como pessoa humana, num esforço de encontrar o que realmente é dado na experiência e descrevendo “o que se passa” efetivamente do ponto de vista daquele que vive em determinada situação concreta. Nesse sentido, a fenomenologia é uma filosofia da vivência” (ARANHA & MARTINS, 1989).

Assim que se inicia a elaboração de uma filosofia da consciência, constatou-se que haveria nessa fenomenologia, essencialmente filosófica, grandes possibilidades para práticas nas ciências humanas, especialmente na psicologia.

Para Martins & Bicudo (2003), as principais características de uma pesquisa fenomenológica são: 1) não existe para o investigador a compreensão prévia do fenômeno, ou seja, inicia-se o trabalho interrogando o fenômeno; 2) a situação da pesquisa não é definida pelo pesquisador, mas pelos próprios sujeitos investigados; e 3) o investigador se deixa orientar pelo sentido por eles percebido.

Desejando explorar e identificar como alguns fatores contribuem para a expressão da resiliência em idosos, destacando-se entre estes a espiritualidade, propõe-se realizar uma pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica para a compreensão particular e profunda do fenômeno. “Se quisermos alocar o método fenomenológico a algum convite de pesquisa, fatalmente ele estará mais bem referenciado como ‘pesquisa qualitativa’ (MOREIRA, 2002)”.

Conforme Chizzotti (1995, p. 79) “uma das diferenças entre a pesquisa qualitativa e os estudos experimentais está na forma como se apreende e se legitima os conhecimentos”. No que se refere a este aspecto, o autor considera:

“[...] a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte ou neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações”.

Na perspectiva qualitativa, o pesquisador é parte fundamental, deve assumir uma postura isenta de preconceitos, predisposições ideológicas, sendo receptivo a todas as manifestações que observa, objetivando uma compreensão global dos fenômenos. Para Chizzotti (1995, p. 82) “essa compreensão será alcançada com uma conduta participante da cultura, das práticas, das percepções e experiências dos sujeitos da pesquisa, procurando compreender a significação social por eles atribuída ao mundo que circundam e aos atos que realizam”.

Nesta pesquisa tem-se, portanto, o cuidado pela abordagem escolhida que trabalha com experiências vividas em determinada situação e de voltar-se para própria vivência.

Assim sendo, o método fenomenológico possibilita a busca da compreensão da dimensão humana, partindo da sua própria experiência e existência. Procura-se resgatar o significado do idoso resiliente a partir de seu próprio mundo, de seu olhar numa perspectiva própria. Esse processo de compreensão do significado da espiritualidade do idoso na dimensão do fenômeno, emerge desde a experiência existencial da sua própria espiritualidade.

### **3.2. Procedimento para coleta de dados e caracterização dos participantes**

Acredita-se que, para melhor compreensão do mundo e da realidade dos participantes envolvidos na investigação, faz-se necessário o estabelecimento de técnicas que visem o

levantamento dos dados, possibilitando ao pesquisador uma melhor interação com os mesmos, no sentido de ampliar o entendimento do fenômeno em suas variadas dimensões.

Dentre as técnicas para coletar dados sobre aspectos do comportamento humano, utilizou-se a da história de vida por ter algo em comum com o método fenomenológico. (MOREIRA, 2002, p. 51).

A técnica de história de vida busca a visão da pessoa acerca das suas experiências subjetivas de certas situações. Estas situações estão inseridas em algum período de tempo de interesse ou referem-se a algum evento ou série de eventos que possam ter tido algum efeito sobre o respondente. O entrevistado faz uma descrição em primeira mão de sua vida ou de alguma parte dela.

Levando-se em conta as finalidades propostas desta investigação, fez-se opção como estratégia a técnica *História de Vida*, pois Moreira (p. 56) baseado em Dezin, afirma que pode ser dividido em três grandes tipos: a) a história de vida abrangente; b) a história de vida tópica; a história de vida editada (DEZIN, apud MOREIRA, 2002).

Ao constatar os vários tipos de *História de Vida*, optou-se pela História de Vida Tópica porque “oferece um quadro mais segmentado da vida do sujeito. Representa um pedaço de sua vida. Material autobiográfico costuma ser a fonte primária dos dados” (MOREIRA, p. 56).

Por detrás da técnica *História de Vida* existe a suposição de que o comportamento humano pode e deve ser entendido a partir das perspectivas dos agentes envolvidos; a preocupação é dirigida para gravar (tomar nota) o desvelar da história de experiência dos indivíduos, grupos ou instituições. Este método documenta vários eventos que afetaram suas vidas, tal como eles os vêem. O objetivo do pesquisador é registrar as histórias dos sujeitos tal qual eles as contam – a sua “definição da situação”.

Portanto, propõe-se construir um conhecimento amplo, reflexivo e profundo, sem a pretensão de ser conclusivo, como se o fenômeno em discussão fosse estático e pontual, porém visa-se contribuir com a área de concentração da Gerontologia, Longevidade e Qualidade de Vida, aspectos psicológicos e sócio-culturais relacionados ao envelhecimento,

com alguns subsídios da espiritualidade que consideramos importantes no planejamento de estratégias de intervenção, desvelando assim a multiplicidade de fatores intrínsecos e sua realidade histórica.

Dessa forma, evidenciamos nesta pesquisa o sujeito em sua subjetividade, bem como em sua coletividade como alguém “que elabora conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam” (CHIZOTTI, 1995, p. 83), valorizando suas relações com o outro, com o mundo e os significados que se estruturam em torno desse contexto.

Para Haguette (1999), a *História de Vida*, além da noção de processo, enfatiza “a riqueza de detalhes que pode advir das informações coletadas junto aos sujeitos, pode sugerir novas variáveis, novas questões e novos processos que podem conduzir a uma orientação da área” (p. 82). Com isso investigamos o fenômeno a partir do ponto de vista dos sujeitos que superam as adversidades, objetivando obter informações fidedignas e condizentes com o estudo em questão.

Para a obtenção dos dados empíricos necessários para a concretização do processo de investigação que corresponda ao objetivo do estudo, foram realizadas duas etapas de coleta de dados: a primeira se caracterizou por um contato inicial (“rapport”) com os idosos que poderiam participar do grupo a ser investigado, com o intuito de identificar aqueles que se dispusessem fornecer informações mais detalhadas acerca de suas histórias de vida. A segunda etapa foi realizada com idosos que efetivamente participaram da pesquisa.

Por ser uma entrevista aberta, a *História de Vida* não contempla necessariamente um roteiro previamente estabelecido, porém apenas solicitou-se que os idosos (as) falassem sobre a experiência de sua trajetória de vida na superação das adversidades a partir do momento que quisessem.

Ao iniciar a entrevista foram salientados alguns aspectos que serviram para nortear a entrevista (Anexo A).

O estudo foi realizado com sete idosos, sendo quatro do sexo feminino e três do sexo masculino. Na escolha dos idosos, utilizou-se os seguintes critérios de inclusão e de exclusão

no estudo: a) consentir em participar da pesquisa, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B); b) estarem com idade igual ou superior a 65 anos; e não serem portadores de doenças que inviabilizem a expressão oral e o raciocínio.

As entrevistas foram realizadas pelo autor no domicílio dos entrevistados no período de setembro a dezembro de 2005, após obtenção do aval do Comitê de Ética em Pesquisa. Os depoimentos, gravados com a permissão dos depoentes e, posteriormente, transcritos na sua íntegra. A duração média das entrevistas foi de uma hora à uma hora meia. A ordem das entrevistas não obedeceu à idade cronológica dos depoentes.

### **3.2.3. Sistematização e análise dos dados**

Para a análise dos dados, utilizou-se o referencial fenomenológico de acordo com o que é preconizado por Martins & Bicudo (2003).

A análise fenomenológica dos depoentes foi realizada da seguinte forma:

- Leitura dos depoimentos (*histórias de vida*), por várias vezes, a fim de familiarizar-se com os mesmos e obter um sentido do todo.
- Retomada da leitura, tendo em vista as indagações contidas no roteiro: como o idoso superou os momentos mais difíceis de sua vida? Aceitação ou desespero? Onde encontrou forças para viver? De que forma foi possível identificar as unidades de significado?
- Busca das convergências entre as unidades de significados (elementos comuns a vários discursos) e as divergências (elementos que são peculiares a apenas um ou a poucos discursos).
- Elaboração de uma síntese descritiva, integrando as afirmações significativas em categorias temáticas, buscando a compreensão de como a “resiliência” se mostra em sua essência em idosos, expressando os significados atribuídos por eles.

Após realizar essa análise foram construídas categorias temáticas, as quais se constituem em facetas de essência das expressões da resiliência na *História de Vida* de idosos e como eles superam adversidades e conseguem manter o senso de integridade na velhice.

## 4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1. Caracterização dos sujeitos pesquisados

A idade dos sujeitos entrevistados variou de 67 a 88 anos de idade, sendo quatro do sexo feminino e três do sexo masculino. E quanto à procedência, todos vieram de outros Estados (três de Minas Gerais, três de Goiás e um do Amazonas).

O grau de escolaridade variou desde a alfabetização não-formal (um sujeito não frequentou escola), primário (dois sujeitos), secundário (um sujeito Ensino Médio), superior (dois sujeitos).

Quanto à prática religiosa: seis dos entrevistados se declararam católicos e uma evangélica.

Quanto ao estado civil: duas mulheres e um homem são viúvos e duas mulheres e dois são homens casados.

Quanto ao número de filhos: uma mulher tem três (sendo um de criação), outra, oito filhos (sendo um falecido), uma não teve filho; um homem tem três, outro dez, e uma mulher e um homem têm quatro filhos (sendo um falecido).

Quanto ao estado de saúde: um varão de 88 anos declarou ter ótima saúde, outro de 75 que está mais ou menos e o de 70 que está bem. Uma mulher de 84 anos afirmou estar ótima, outra de 75 que está mais ou menos, a de 71 que está bem e a mais nova com 67 anos que está muito bem.

Desperta a atenção o fato de dois dos entrevistados com as maiores idades aparentaram um estado de saúde melhor do que às dos mais novos.

Antes de se adentrar a análise das categorias temáticas dos discursos extraídos das *Histórias de Vida*, adverte-se que as entrevistas colhidas (gravadas) foram transcritas manual

e literalmente em sua linguagem original e, posteriormente digitadas no editor de texto Word. Estas foram codificadas para que os participantes sejam identificados pelos códigos HV1F, HV2F, HV3F, HV4M, HV5M, HV6F, HV7M (História de Vida1 Feminina... História de Vida 4 Masculina). Os depoimentos no texto foram selecionados e negritados e sublinhados para facilitar a identificação e discriminação das unidades de significado e a busca das convergências entre as unidades de significados e as divergências, ou seja, os elementos que são peculiares a um ou a poucos discursos.

A partir da extração (demarcação) das descrições ingênuas (ou seja, não interpretadas) das *histórias de vida* que descrevem a experiência vivida, foi possível identificar e agrupar os fenômenos fundamentalmente semelhantes das características estruturais gerais dos momentos adversos ou fatores de risco e as características dos fatores de resiliência, atribuídos pelos sujeitos pesquisados, a fim de identificar as unidades de significado para fazer a sua análise psicológica. Procurou-se, assim, captar a essência, ou seja, um núcleo temático em seus horizontes internos e externos, desde a seguinte questão norteadora: Quais sinais indicariam uma pessoa resiliente? (que, não apenas resguarda, mas enfrenta o risco, as adversidades?). Quais forças contribuem para ele possa superar satisfatoriamente as adversidades encontradas em seu percurso existencial e como se manifestam, desde o enfoque da resiliência? Em se identificando a espiritualidade entre essas forças, como a espiritualidade se revela na história de vida do idoso? Nela encontra sentido de vida? Vestígios promovedores da longevidade se mostram na esfera da espiritualidade?

#### **4. 2. Unidades de significados transformadas em proposição**

A preocupação do investigador aqui se voltou mais para aquilo que os sujeitos vivenciaram como um caso concreto do fenômeno investigado. Por isso, a sua atenção se dirigiu para a natureza comum dos grandes grupos de fenômenos do que para o conteúdo específico de alguns fenômenos individuais. Desejando-se identificar unidades de significados, com a finalidade de se chegar a categorias temáticas, utilizou-se de sete sujeitos, porque quanto maior for o número deles, maior será a variabilidade e uma melhor capacidade para ver o que é essencial (MARTINS & BICUDO, 2003).

Tematizou-se e compreendeu eideticamente (eidos = essência) os eventos que se desvelaram na vida cotidiana dos sujeitos entrevistados. É sobre esta forma de estabelecer o assunto que o mesmo passa a ser descrito e discutido nos itens seguintes.

#### **4. 2. 1. Características dos momentos adversos ou fatores de risco**

Tomando-se cada um dos excertos como uma descrição das unidades de significado que, não se encontravam prontas nas narrativas, porém obtidas pelo pesquisador por um insight sobre o que o sujeito desejou falar, pode identificar algumas categorias temáticas: Instabilidade familiar-matrimonial (ou relações familiares conflituosas), morte, patologias/doença/depressão e carência econômica (pobreza, despejo, trabalho).

#### **4. 2. 2. Características dos fatores de resiliência**

Dos excertos das unidades de significado dos fatores de resiliência, pode-se identificar uma variedade de fatores internos e externos, observados como sinais de resiliência dos sujeitos neste estudo, tais como: humor, auto-estima, propósito de vida/meta/sonho, iniciativa, auto-conceito, aceitação, autonomia/independência, otimismo/ponto de vista positivo, espiritualidade, apoio/suporte familiar e social.

### **4.3. História de vida: A experiência (o mundo vivido)**

Por ser uma pesquisa qualitativa, trabalha-se com o fenômeno situado (ou análise fenomenológica) “indo à coisa mesma de forma direta”, sem pressupostos ou teorias (MARTINS & BICUDO, 2003, p. 80). O que se enfatiza aqui é a experiência vivida, no mundo tal como ele é vivido.

O entrevistado ao descrever sua *história de vida*, fê-lo de forma espontânea, encontrando no momento da entrevista um interlocutor com quem pôde compartilhar de sua vida e transmitir suas emoções e vivências. Tratou-se de um momento no qual suas lembranças foram ordenadas com o intuito de conferir, com a ajuda da imaginação, ou da saudade, um sentido à vivência do sujeito que narrou a sua história.

#### **4.3.1. Núcleo temático 1 – As adversidades (fatores de risco)**

Como o indivíduo não está imune de adversidades, de riscos, de desafios, precisará sempre desse confronto para desenvolver resiliência. Conforme afirmava Viktor Frankl: “o ser humano necessita da tensão existencial entre o ser e um sentido que ainda está por realizar” (FRANKL, 2002, p. 96; 2003b, p. 22). O termo adversidade usado como sinônimo de risco pode designar uma série de fatores de risco, tais como: viver na pobreza ou em uma situação de vida específica como a morte de um familiar (INFANTE, 2003).

Este núcleo temático configurou-se em quatro subtemas: Instabilidade familiar/matrimonial, morte, patologias/doença/depressão, carência econômica, pela complexidade de sua dimensão, possibilitando assim, uma maior compreensão e análise do tema emergido nas falas dos sujeitos entrevistados.

Passa-se agora a examinar cada uma das categorias, procurando assinalar o que parece ser mais significativo para a abordagem em discussão.

##### **4.3.1.1. Subtema 1-Instabilidade familiar e matrimonial**

A categoria temática intitulada instabilidade familiar se mostrou espontaneamente em apenas duas descrições (HV1F, HV3F) demarcadas e sustentadas pelo pesquisador, como exemplos de narrativas selecionadas e transformados em uma proposição consistente referente às experiências do sujeito.

O que se desvelou da fala da HV1F são as relações familiares conflituosas dos pais por motivo de prática religiosa diferente gerando desarmonia no seio familiar, no qual o sujeito viveu e experienciou, faltando-lhe o devido suporte afetivo-materno e recriminando a mãe por sua postura negativa, como se já fosse uma pequena psiquiatra.

No excerto da HV3F seguinte, mostrou-se na fala do sujeito a instabilidade familiar ou as relações conflituosas por causa da irresponsabilidade paterna ao abandonar a mãe com três filhos e, posteriormente, levando os mais velhos e deixando-o com apenas dois anos de idade com a sua mãe numa situação de penúria, extremamente difícil, experienciando assim o abandono e a falta dos cuidados necessários.

HV1F: “[...] a mãe ao invés de levar a cultura para a fazenda, para os fazendeiros, ela absorvia a cultura da região. Era católica, passou a ser espírita e o pai não gostava da prática espírita”. “[...] Então, eu vivi em um lar muito em desarmonia. Por isso havia muitas brigas naquele casal ” “[...] Então eu a recriminava e dizia que estava sendo ingrata com Deus, porque tinha cinco fazendas, era próspera, porque tinha filhos saudáveis, tinha casa, um marido trabalhador. Ela estava sempre infeliz, lamuriando, julgando, brigando com Deus”. “[...] Então eu tive muitas dificuldades com minha mãe. E me sentia com quatro ou cinco anos, criada ali no meio muito responsável. Parecia que já era uma pequena psiquiatra. Havia nascido uma pequena psiquiatra. Porque a mãe comentava muito que era desgraçada, que era infeliz que a vizinha havia colocado feitiço, qualquer gripe, qualquer tosse na criança. “[...] Então eu acho que fui criada com carência afetiva, porque a mãe realmente tinha muitos problemas”.

HV3F: “[...] No contexto familiar eu tive, na realidade, pai e mãe, (o lar) era administrado pela minha mãe; ela foi o meu pai e a minha mãe. Sei que nós fomos morar em Anápolis. Mas eu nasci em Niquelândia, mas criada em Anápolis. E minha mãe conduziu a gente. Empregada doméstica. O meu pai não foi muito responsável. Deixou a família. Ela com três filhos. Só sei que fiquei com ela com a idade de dois anos por aí. Ele foi lá em Anápolis e carregou os filhos mais velhos e me deixou com ela. A L. veio depois. Nossa mãe ficou com a vida muito difícil. E aí cada dia ela estava num emprego. Ela me contou isso. Eu com dois anos de idade ficava abandonada. Era só eu a cuidar de mim”

Um forte indicador de instabilidade matrimonial se revela na fala da HV1F, desde a própria motivação equivocada de namoro que teria de ser com estudante de medicina, aparecendo já no namoro conflitos. Essa relação se mostra mais difícil e se intensifica no casamento criando ruptura por não se sentir amada, excluída, abandonada, infeliz, sem nenhum relacionamento sexual. Atualmente está consciente de que se trata de um

relacionamento doentio, e mantêm-no, mesmo sabendo que mais atrapalha do que ajuda. É visto como se fosse uma repetição do indesejado modelo de casamento da mãe.

De modo análogo da HV1F, no discurso da HV2F a vida matrimonial manifesta-se como trajetória de sofrimento porque baseada, desde o namoro, numa dimensão unilateral, na desinformação, no desconhecimento recíproco (“no terceiro encontro se casaram”), como se o casamento arranjado (“uns casamentos que a pessoa não fazia”) fosse solução para os problemas. Passou-se então a viver com pessoas de universos formativos diferentes, a suportar as infidelidades maritais e a quase anular-se diante das ameaças, se não assumisse conduta disfuncional (saindo, fugindo de casa).

HV1F: “[...] cheguei à conclusão que namorar tinha que ser com estudante de medicina Fazia parte de minha meta estar mais perto de médico. Para mim foi amor à primeira vista. E foi um namoro muito cheio de conflitos. Eu acho que não era amada. Acho que eu não fazia parte dos seus objetivos”. “E o casamento muito difícil. Nós só brigávamos. E eu o amava e continuei amando muito e acho que ele não me amava era nada. Hoje, como psiquiatra há trinta anos, acho que ele tinha um afeto embotado, não estava sabendo amar minha vida mesma”. “Mas eu me encontrava numa infelicidade enorme”. Casamento péssimo. “Não havia nem relacionamento sexual direito, nada, absolutamente nenhum”. “E ele continuava dizendo que não me amava”. “[...] tudo aquilo que eu havia criticado no casamento de minha mãe e que eu não queria aquele modelo era como que se ele estivesse repetindo”. “[...]Se o casamento já não era bom, ficou insuportável, porque a desculpa maior era não ter tempo mesmo para mim”. “... isso chegava para mim pior, como verdadeiro abandono: Eu pago pra você ir embora”. “[...] E continuo nesse casamento doentio. Acho que estou consciente de que é doentio agora. Não estava consciente lá atrás. Não sei nem porque continuo mesmo sabendo que é doentio que não me ajuda, me atrapalha”.

HV2F: “[...] Com os meus vinte dois anos me casei. Aí é que começou a trajetória da minha vida de sofrimentos”. Voltando um pouco, o meu namoro foi um namoro de dois encontros. A gente foi passear em Dores do Indaiá e lá eu conheci esse rapaz. Eu não gostava muito dele não. Ele foi em casa uma primeira vez para assistir um casamento e na terceira nós nos casamos. Eram aqueles namoros de longe, de olhar de longe, de flertar. Falava-se assim: está flertando, né! E aí, eram uns casamentos que a pessoa não fazia, não informava. Dos 22 até 46 foi a vida de casada. Foi uma vida de sofrimento “[...] passei a viver com umas pessoas diferentes. E a minha vida se transformou”. “Depois que foi para a cidade que ele se diferenciou. Ficou vadio. Botou mulher por conta. Era um ciúme doentio Eu não podia sair. Eu não podia vestir uma roupa melhor. Eu não podia cortar cabelo e nem ir à Igreja. Ficava entocada dentro de casa fazendo geléia, escolhendo feijão, costurando, cuidando dos filhos. Quando ele ameaçava, eu saía. Eu fugia com os meninos pros vizinhos e também ia para Belo Horizonte”.

Pela exclamação do sujeito da HV3F deixa entrever similarmente sofrimento decorrente da instabilidade na vida matrimonial, devido ao que parece a uma postura de imposição, de restrição e falta de compromisso por parte do marido.

HV3F: “Com a mudança para Vila Velha, ô parte da minha vida! Aí meu marido está instável. Instável assim: tem de ser do jeito que eu quero e tinha que fazer”. “[...] Sr. W. quem te viu e quem te vê! O senhor é tão chato com suas coisas. Faz restrição com tudo. E ele não envolveu muito em nada. Ele dizia: eu não tenho nenhum prego disso aí (apartamento)”.

As entrevistas das HV4M, HV5M, HV7M (ou seja, as entrevistas masculinas) se mostram divergentes em relação às outras por não descreverem eventos de instabilidade familiar e matrimonial. Uma possível explicação para essa falta se encontra nas conclusões desta pesquisa (cfr. p. 102).

Na fala do fragmento da HV6F se depreende que o apego fraterno provocava implicância na relação matrimonial. Visualiza-se de modo semelhante ao da HV2F: União (arranjada) baseada numa dimensão unilateral, na desinformação, prevalecendo a vontade dos pais.

HV6F. “Vou lhe contar que eu tinha um grande apego ao meu irmão, e o meu marido implicava comigo. Isto aconteceu antes e depois do casamento. Casei-me porque meus pais falavam que tinha que casar”.

#### **4.3.1.2. Subtema 2-Morte**

Os valores atitudinais ou de aceitação se verificam quando um homem arrosta, encara um destino perante o qual nada mais pode fazer que aceitá-lo, suportá-lo; tudo está no modo como o suporta; tudo depende de que o carregue sobre si como uma cruz. Estes incluem virtudes tais como a compaixão, “valentia no sofrimento, a dignidade na ruína, e no malogro” (FRANKL, 2003a, p.83). Isto significa que a vida humana atinge a sua plenitude não apenas no criar e no gozar, senão também no sofrimento.

A morte ocorre praticamente em todos os depoimentos (exceto nas HV4M e HV7M podendo estar oculta, implícita). Mostra-se como algo que causa tristeza e sofrimentos, pois essas perdas são muito ruins. São acontecimentos que provocam abalos emocionais e muito difíceis de serem enfrentados. Não se tem medo de encarar a morte, mas do como morrer, de ficar dependente, de dar trabalho.

Manifesta-se também dissimilarmente na fala da HV2F como conduta disfuncional diante da morte: dá graças a Deus, sente-se no céu, na glória de Deus por ver-ser livre do marido.

O sujeito da HV4M fala do próprio morrer num contexto de projeto futuro de voltar ao Rio de Janeiro, mas questiona, põe em dúvida a existência da vida depois da morte.

HV1F: “[...] E infelizmente o meu pai se matou. É uma história muito triste.” “[...] estudei para não morrer”.

HV2F: “[...] Perdi meu pai.” “[...] E lá eu perdi um filho de tanta extravagância”. “[...] E a morte dele (marido) foi só outra (encefalite)”. “[...] Agora dos 46 aos 84, graças a Deus, tô no céu, na glória de Deus”!

HV3F: “[...] Eu sou muito de tirar lição de vida, de todas as coisas ruins que acontecem. E quando eu vejo passa. É a morte da minha mãe”.

HV4M: “[...] Mas no dia que eu morrer, e se é que, realmente, existe vida após a morte, se quiserem me encontrar um segundo depois, é só me procurarem lá na praia de Copacabana que eu já estou lá”.

HV5M: “[...] As maiores dificuldades foi perder meu avô com 112 anos. A minha avó com 95 anos. A minha mãe com 104 anos aqui dentro da minha casa. Essa foi a maior dificuldade que eu já passei. E perder meus tios todos que eu não tenho um tio mais, todos já são falecidos. E eu sou o mais velho da família”. “Essas perdas eu acho muito ruim. Nossa! Posso te contar uma história? E aí o primeiro casamento eu senti muito abatido. Eu pensei: Eu preciso morrer também.” “[...] Quando eu me casei estava, não tinha 22 anos. Faltava um mês e quatro dias para 22 anos. Estive com minha esposa quatro anos e me esposa veio a falecer. Naquele tempo a medicina era muita fraca. Ela morreu de parto. Fiquei viúvo ali um ano e pouco. Muito novo. Porque eu ia me casar com a prima da primeira do segundo casamento. Essa mulher viveu comigo cinqüenta e muitos anos, quase sessenta. Faleceu aqui dentro da minha casa”. “[...] Do jeito que a morte vier eu a encaro. Não tenho medo. Só tenho medo de sofrer e dar trabalho aos outros. Mas a hora que Deus me chamar, eu estou prontinho, prontinho”.

HV6F: “[...] Nossa Mãe morreu com 43 anos. Morreu de hidropisia. Ficou o meu irmão caçula que eu criei. Esse foi o acontecimento mais difícil na minha vida. Eu era responsável por ele.” “[...] Depois de nove anos sem me engravidar, veio um filho temporão. Esse menino, com apenas seis meses, sendo pajeado por sua irmã de nove anos caíra numa fossa. Fui eu quem os

tirou de lá. Não era tão funda. Mas a sujeira foi direta para o pulmão do meu nenê. Levaram-no para o Hospital de Base. Pegou pneumonia dupla. Não resistiu. Foi duro demais. Sofremos com isso. Fiquei durante meses com os peitos doloridos, cheios de leite. Era mesmo triste lembrar do filho que morreu... mas enfrentei com garra”. “A morte do meu irmão e do meu filho me abalaram. Mas nunca esmoreci”.

#### **4.3.1.3. Subtema 3 – Patologias/doença/depressão**

Nas falas das HV1F, HV6F, a depressão se mostra como adversidade em suas vidas por se sentirem: uma dependente, outra por ter predisposição genética para depressão e entra em crise por ver-se rejeitada pelo marido, ocasionando-lhe muita dor. Na fala da HV2F a depressão do marido se revela pelo seu enclausuramento, considerada como doença dos nervos ou do sistema nervoso. Nos excertos das HV3F, HV4M, HV5M, HV7M aparecem doenças no próprio sujeito e que causam dores, sofrimentos, transtornos, trauma na velhice por causa de cirurgia e perda da visão; por ter sofrido acidente o próprio sujeito e doença da mãe, o câncer do marido; o risco da morte na colocação do aparelho desfibrilizador; sentir-se desenganado frente à enfermidade.

HV1F: “[...] Sou de uma família, voltando atrás, que tem pré-disposição para depressão. Geneticamente pré-disposta. E sei hoje que a medicina lida muito com heranças genéticas. E eu também diante da... (depressão) não fugi também da minha herança genética. Tinha pré-disposição para depressão. Havia tido uma crise quando o marido trabalhando demais como médico aqui no DF. E rejeitando-me claro, claro e absurdamente eu caí numa depressão de ter que voltar para Belo Horizonte para me tratar. Falo disso com muita dor. Fiquei internada num hospital psiquiátrico de Belo Horizonte e o marido sequer foi me visitar”.

HV2F: “[...] Aí ele pegou uma depressão, adoeceu, mas daquelas depressões que não saía do quarto. Ficava fechado”. “[...] minha filha falava: mamãe, isso é doença! Ele era doente. Era um nervo! Um sistema nervoso!”

HV3F: “[...] Doenças, né! Eu não fui bem cuidada. Fiquei raquítica. Falta de alimentação. Esses problemas todos. Mas venci!” “[...] Ele foi covarde. Minha mãe estava doente. Ele foi e levou os dois irmãos mais velhos e deixou minha mãe. Minha mãe doente. Estava meio desacordada. Estava com malária, maleita, sei lá!” “[...] Ele não estava muito lúcido não! Depois que ele operou da cabeça. Que ele levou um tombo nessa escada (do apartamento). Essa escada aí que é responsável. Aí operou... depois ficou lúcido, mas ele arrumou uma pneumonia. Acho que até uma infecção pulmonar. Ele tinha um câncer. Mas aí já estava debilitado e arrumou uma pneumonia. Ficou muito tempo na UTI e sofreu muito”.

HV4M: “[...] Então, sessenta anos, sessenta e dois, sessenta e três... aí começou a aparecer uma dor nas costas”. Quê é isso? Aí vai. É coluna. Aí comecei a fazer fisioterapia. E essa dor foi aumentando, aumentando. Ao final eu tinha hérnia de disco. Tinha desvio na coluna. E tinha que ser operado. Estou velho mesmo. Essa velhice é assim doida mesmo. Chega e começa esse envelhecimento. Você começa a topar pedra sem querer na rua. E fica sem apóio. Quando é jovem não vejo ninguém dar topada assim. Isso me deixou muito transtornado, porque eu tinha e até hoje tenho essa vida de saúde boa.” “[...] uma das coisas que não me conformo é ter perdido a minha visão de perto e não ter ganho totalmente a de longe assim 100%, eu tenho assim uns 80%. Eu senti realmente que eu estava na idade de velho mesmo.” “[...] O problema da doença na velhice que causa mais, assim um trauma da velhice foi ter operado da coluna e ter perdido a visão que é quase 100%.”

HV5M: “[...] Porque sofrer igual eu já sofri é muito difícil. Já quebrei as duas pernas. Já fiquei todo quebrado de acidente (mostra o braço)”. Quando “sofri o acidente, me pegaram até sem eu ver na estrada. E me levaram para o hospital Regional do Gama. Lá eles viram que eu ia morrer mesmo, me transferiram para o Hospital HRAN. O senhor conhece. Lá estive por trinta e dois dias”.

HV6F: “[...] O meu pai, um dia, adoeceu. Teve problema na perna. Ele pegou um micróbio de madeira no curral. É como falava naquele tempo. Hoje em dia é vírus. Ele foi tratar em Belo Horizonte, e eu fiquei cuidando dos meninos”. “[...] O meu marido adoeceu. Saímos de lá (da casa do meu pai). Vendi meu pedaço de terra e compramos uma casa na cidade. Aí quanta luta!”. “Quando eu estava com 72 anos o médico me recomendou colocar o aparelho desfibrilizador. Eu poderia morrer”.

HV7M: “[...] A minha maior dificuldade foi quando fiquei doente. Foi antes mesmo de me mudar para Brasília que eu fiquei doente. E fui para o hospital quase que desenganado”.

#### **4.3.1.4. Subtema 4 - Carências econômicas/pobreza, despejo, trabalho**

A psicóloga norte-americana, a doutora Emy E. Werner, acompanhou a pesquisa longitudinal de epidemiologia social na ilha de Kauai, no Hava, o desenrolar da vida de uma coorte de quinhentas pessoas durante trinta e dois anos. Observou as condições a que estavam submetidas eram situações de extrema pobreza. Apesar das situações de risco em que estavam expostas tantas crianças, observou que elas conseguiam superar-se às adversidades e a construir-se como pessoas a possibilidade de um futuro (KINKLERT, p. 13).

Algumas situações e condições similares se mostraram nos relatos destes excertos que se seguem. Neles os entrevistados revelam que no decurso de suas vidas houve tempo de

carência econômica e enfrentaram o desafio de dupla jornada de trabalho; a luta para se conseguir um emprego melhor; a vivência de uma situação de despejo, de fome e de endividamento, de aposentadoria minguada, moradia ruim e de trabalho informal para suprir as necessidades da família.

HV1F: “[...] Acabamos nos casando e ele era estudante de medicina e não tinha tempo para trabalhar. Seus pais mandavam uma mesada pra gente. E eu estudava à noite e trabalhava durante o dia. Trabalhava muito. Cheguei a ter dois empregos. Um, com muito luta e cheia de objetivos. Fui para o Rio de Janeiro para um encontro com o Juscelino Kubstchek. Ele era professor das Ciências Médicas, e agora Presidente da República. Era mineiro também. Eu tive um encontro com ele em Petrópolis... “[...] Fui, corri atrás do carro dele e falei com ele. Ele foi super gentil, e me perguntou: que é que você quer? Era aquela época de politicagem sem concurso. E eu não tinha pensado muito bem, poderia até ter arranjado coisa melhor. Eu disse: quero uma vaga no IAPC de Belo Horizonte. Hoje é o INSS. Ele fez um aceno para o chefe da casa civil, para o Vitor não sei do quê. Vitor, estou autorizando a admissão de M.J. para o IAPC de Belo Horizonte. Muita gente criticou lendo aquilo. Sim chefe, isso por um ponto que ele colocou aqui. Ele está dizendo ao chefe da casa civil que foi só política, foi só na hora. Mas eu tinha certeza pela entrevista que tivemos tão honesta, tão aberta que eu estaria com o emprego garantido. E aquele (emprego) me ajudou muito, porque o meu esposo estudando medicina não havia tempo realmente para trabalhar. E nós estávamos passando muita necessidade, tivemos uma filhinha que naquela época a gente não tinha bastante entendimento para ter ou termos programado essa filhinha.

HV2F: “[...] Depois ele construiu uma casa melhor. E foi um muda pra aqui, muda pra ali. Mudamos para fazenda. Nessas alturas ele perdeu a mãe e nós voltamos pra fazenda. Fui dar escola. Tinha 56 alunos. “[...] Ficava enclausurada dentro de casa fazendo geléia, escolhendo feijão, costurando, cuidando dos filhos”.

HV3F: “[...] Aí a minha mãe se desestruturou todinha”. “Ficamos numa casa que era alugada. Tivemos que sair dessa casa às custas de pedradas”. “[...] A estas alturas a gente passando fome”. “[...] Eu esqueci desse detalhe mais doloroso da minha vida. Eu não tenho trauma, pra você ver como tem gente que não é boa, fez maldade. Eu lembro que o senhor Adolfo levou a minha mãe com a gente lá na cozinha do Hotel e fechou pra essa senhora: olha dona fulana, a senhora tem por obrigação dar o café da manhã, almoço, lanche da tarde e janta pra essas meninas. Ela era de cor. Aí ela tinha aquela arrogância toda. Dando ordem. Eu não sei por que cargas d’água ela arrumou uma implicância com a minha mãe. E o que ela fazia? Tinha dia que ela dava o lanche. Tinha dia que ela dava o almoço. Tinha dia que ela não dava nada. Minha mãe como precisava do emprego ficava às vezes morrendo de fome. Aí a mulher às vezes autorizava dar a comida. Minha mãe nos deixava na despensa do hotel. E a gente ficava feito cachorrinho. A gente ficava brincando o dia inteiro por ali. Sentadas ali aguardando. Ela vinha com o prato de comida e fazia assim: jogava pra nós a comida. E a gente com aquela fome danada!” “[...] nos últimos anos pra cá só vivo endividada e não

consigo desenrolar”. Comprei aquele apartamento lá que está me dando dor de cabeça até hoje.

HV4M: “[...] Você vai (para o Rio de Janeiro), mas fique sabendo que eu (o pai) não mandarei um tostão para você. Você vai viver sua vida lá, mas não pense que vamos mandar dinheiro daqui para lá”. “[...] Ele não concordou. Aí disse: ou você deixa esse dinheiro comigo ou você procura um local para você ir”.

HV5M: “[...] Hoje vivo da aposentadoria que é pouca”. “Eu não tive condições para receber aposentadoria boa”. “[...] Sempre trabalhando com os braços, mas não trabalhei com a cabeça, senão era milionário. Mas trabalhei só com os braços pra ficar do jeito que estou: velho, pobre.” (mas muito satisfeito com a vida).

HV6F: “[...] A nossa vida estava dura demais.” “[...] Quando veio o nosso primeiro filho, não tínhamos dinheiro nem para pagar a parteira. Assim comecei a criar nossos filhos praticamente sozinha, porque ele não parava. “[...] Depois compramos um barracinho muito ruim mesmo. Não havia água. E aqui era só buraco e poeira. (Eu) Ficava costurando para fora”.

HV7F: “[...] Aqui fazia pão de queijo para entregar nos bares. E minha sorte naquela época foi a minha esposa que me deu a maior força no trabalho. Foi a maior dificuldade que tive porque tinha três crianças pequenas para tratar”.

#### **4.3.2. Núcleo temático 2: As resiliências ( ou fatores protetores)**

A resiliência é entendida como a capacidade que o indivíduo tem de lograr uma adaptação positiva apesar de estar ou de haver estado exposto a uma situação de adversidade (INFANTE, 2003). É “a capacidade humana para enfrentar, sobrepor-se e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidades” (GROTBERG, 2003, p.20). Entende-se a resiliência como capacidade do ser humano para aceitar os limites que a vida lhe impõe (uma adaptação positiva), e responder de forma consistente a uma situação de adversidade surgida em seu caminho, sem perder a esperança e o sentido de viver.

De fato, vida é vista como tendo sempre dois lados. Mas ela é também uma unidade. Essa unidade só é possível desse modo, contraditória. Quem acredita que esses pólos opostos fazem parte da sua vida, sente que a tensão decorrente desses pólos é que o faz manter-se vivo. Não existe vida sem tensão, sem contradição. Portanto, a solução não é separar os opostos, mas manter a pressão interna. É dessa maneira que se pode vivenciar em si a própria contradição e ao mesmo tempo como unidade. (GRÜN, 2004).

Seguem-se as categorias temáticas que se constituem em facetas da essência do mostrar-se resiliente como algo que ocorre a uma pessoa num momento adversidade, dispondo de suas habilidades para lidar com pontos críticos em sua vida, ou seja, supõe-se um contínuo entre fatores de risco (-) e fatores de resiliência (protetores) (+) no qual ambos conceitos guardariam entre si uma relação de oposição, como as duas faces da mesma moeda.

#### **4.3.2.1. Subtema 1 – Humor**

Viktor Frankl (2002) afirma que o humor era uma das armas com as quais o sujeito lutava por sua autopreservação nos campos de extermínio. E conta que com um companheiro com quem trabalhou lado a lado, fizeram um compromisso mútuo de inventarem ao menos uma piada por dia, mais especialmente uma ocorrência que poderia ter lugar após sua libertação; por exemplo, quando fossem convidados para um jantar, distraídos ao ser servida a sopa, pediriam à senhora da casa – assim como pediam ao chefe no intervalo do meio-dia – que ela lhes desse sopa “bem do fundo”. O humor possibilita ao homem distanciar-se de qualquer coisa e de quem quer que seja, e de si mesmo também, conseqüentemente, para se fazer inteiro senhor de sua pessoa (FRANKL, 2003 a, p. 327).

Os depoimentos nas *Histórias de Vida* como mostram o humor pode ser como a percepção de uma situação que pode ser reconfigurada, subitamente, e produzir uma mudança no afeto e no comportamento do sujeito.

Diante da inevitabilidade da velhice, o sujeito da HV1F a encara com naturalidade, não lhe sendo um incômodo, e não vendo a necessidade de se recorrer a plástica cirúrgica. E em resposta a essa situação, basta-lhe um colarzinho para se sentir bonita nessa sua longa trajetória de vida. Aquilo que apriori poderia parecer um fator adverso (na HV2F, a morte do marido; na HV3F, pobreza da casa e a proteção do enlace matrimonial; na HV4M e HV6F, a velhice, a enfermidade, HV7M; na HV5 a própria morte) se converte para o entrevistado num fator de resiliência porque se ri, se brinca com a situação ao recordá-la.

HV1F: “[...] Olhar a velhice com mais naturalidade sem muita plástica como nós aqui, brasileiros. Eu vejo que estou fisicamente envelhecida, mas isso

não está me incomodando. Eu ponho um colarzinho. Eu acho que fico bonitinha dentro desse pedaço da minha vida”.

HV2F: “[...] Eu tinha tanta raiva dele que eu desejava era a morte (do marido). Eu tinha vontade de matá-lo. Quando eu vejo as pessoas... Ah! Matou, é porque deu motivo. Ficava tão sentida, tão agoniada que eu pensava assim: eu mato. Eu vou levar um machado (dá uma risada). Muito feia essa palavra! Mas dava essa impressão na gente. Matar! E se ver livre!”

HV3F: “[...] E o sr. B. construiu um banco , daqueles bancos compridos de fazenda... não cabia lá dentro ( da casa). Cabia assim: de noite a gente punha pra dentro o banco, só dava pra fechar a porta. Durante o dia ficava do lado de fora. Quem chegava lá na nossa casa a gente passava pro lado de fora ( sorri). “[...] Mas eu, aí depois: vou casar com você. Falei: Quê isso? Enrolei dez anos pra me decidir (ri). Aí casei no civil com ele, porque dois anos depois que ela morreu. Ele tinha dez anos que estava divorciado. Mas aí depois ele me atentava muito ( ri).”

HV4M: “[...] Essa velhice é assim doida mesmo. Chega e começa esse envelhecimento. Você começa a topar pedra. A chutar pedra sem querer na rua. E fica sem apóio. Quando é jovem não vejo ninguém dar topada assim ( ri)” “[...] Uma colocação: posso não ir para o Rio um dia. Mas no dia que eu morrer, se quiser me encontrar um segundo é só ir lá para a praia de Copacabana que eu já estou lá. Eu faço essa colocação ( ri). Ah! eu estu num hospital de doidos (ri)” “[...] e estou bem sem ter que tomar remédio, sem nada. Só fazendo essa brincadeirazinha (ri). Tem dia que em vez de comer uma ou como duas (azeitonas). Diferente daquela propaganda na TV que o cara no final de semana enche a cara na feijoada e passa mal e aí diz que foi aquela azeitonazinha. Mas para mim é só a azeitona.” “[...] eu realmente estou nessa idade (ri), estou aceitando essa idade típica do idoso”.

HV5M: “[...] como eu já machuquei, quebrei as duas pernas, já quebrei aqui ó... (mostra o local), quebrei muitas costelas. Boa hora de ter morrido (sorri) Já estava meio morto mesmo!”

HV6F: “[...] Tem dia que a gente está doente e fica assim. Ser velho, cada dia aparece uma coisa!”

HV7M: “[...] e levo a vida com brincadeira para a gente esquecer aquilo que passou”.

#### **4.3.2.2. Subtema 2 – Autoestima**

Compartilha-se com Kinklert (2002, p. 22) ao afirma que a auto-estima “consiste na capacidade do indivíduo para querer-se a si mesmo, a partir de uma visão realista de seu potencial e de suas limitações”.

A auto-estima é algo que na HV1F se mostra como um sentimento próprio a seu respeito, um conceito interno do gostar-se e respeita-se a si mesmo, ver-se crescer e de se investir, superando o ganho do marido por ser uma boa profissional. Apesar da instabilidade matrimonial, se supera pelo atendimento profissional aos seus clientes. Este mesmo sentimento se mostra nas falas das HV2F, HV3F que se sentem autorealizadas pelo trabalho que realizam. Já nas HV4M, HV5M, HV6F e HV7M, apesar da idade, da enfermidade, da esperança de vida ameaçada, consideram interessante, importante continuar vivendo, sentem-se satisfeitos e felizes com a vida, com a relação que mantêm com os filhos.

HV1F: “[...] Gosto de mim. Tenho auto-estima boa”. “[...] eu crescia. Eu investia. E hoje quem ganha o dinheiro maior do casal sou eu. E... a coisa continuou ruim entre nós. Mas a minha auto-estima por ser uma boa profissional, por eu ter um bom relacionamento para meu cliente, por amá-lo”. “[...] E me sinto uma profissional realizada”. Gosto de mim muito. Me respeito muito. Me estimo muito”.

HV2F: “[...] Ganhei uma cadeira da escola local. Era muito estimada nas fazendas”.

HV3F: “[...] Eu fiz escritas dos Caiados importantes”.

HV4M: “[...] sentir também que eu realmente estou nessa idade típica do idoso, mas é interessante viver”.

HV5M: “[...] Eu sinto feliz com os meus filhos”. “... muito satisfeito com a vida”.

HV6F: “[...] Se eu for importante ainda aqui na terra, que me dê mais vida”.

HV7M: “[...] eu me sinto feliz que mesmo ainda doente, pois eu tenho um marca-passos, estou feliz com a minha vida”.

#### **4.3.2.3. Subtema 3 – Propósito/sentido de vida/meta/sonho**

Para Frankl (2003a, p. 321) a vontade de sentido se entende um fato que se confirma mediante uma análise fenomenológica, ou seja, o fato de que o homem sempre aspira a

encontrar um sentido para a sua vida e a atingir plenamente esse sentido, realizando-o. Ainda neste contexto, dizia que “não há nada de mais apropriado para que um homem vença ou suporte dificuldades objetivas ou transtornos subjetivos, do que a consciência de ter na vida uma missão a cumprir” (p. 92).

No excerto da HV1F aparecem as categorias sonhos, objetivo e meta (como propósito) de vida que marcam toda a sua trajetória: o desejo de ser médica. E mesmo sendo criticada por não lhe restar muita esperança de vida, mantém-se proativa trabalhando em direção ao propósito: ter metas maiores, porque a idade não lhe impede essa busca de realização. Esses sonhos ancoram e garantem a sobrevivência psicológica e a transcendência.

Na HV2F o propósito de vida se desvela no desejo de viver e se relacionar com os membros da família, esperando sempre a melhora do filho alcoólatra.

Nas HV3F, HV4M, HV5M o propósito se mostra relacionado com o fator econômico-financeiro: o pagamento das dívidas, uma estada com a família no Rio de Janeiro, compra de fazenda. E na HV6F, como aspiração de ser melhor e mais alegre. Na HV7M, gozar de melhor saúde para passar mais tempo na fazenda.

HV1F: “[...] Meu sonho de sair dali para estudar sempre foi grande. O objetivo era claro: eu quero ser médica”. “... fazia parte da minha meta estar mais perto de médico. Estar mais perto de estudante de medicina era caminhar para fazer medicina”. “[...] Eu continuo na minha meta. Criticada por amigos: você está doida! Você não tem vida para isto. Eu rejeito, porque acho que vida é vida em qualquer pedaço. E, eu vou continuar lá até a hora que estiver respirando. Agora tenho metas maiores de construir um hospital que possa agasalhar alguém”.

HV2F: “[...] Continuar vivendo, desse jeito que a gente vai levando a vida com os filhos. É esperando melhora. Esperando que o T. se conscientize. Pare de beber. E a nossa vida continue”.

HV3F: “[...] Eu tenho projeto: pagar as minhas dívidas”.

HV4M: “[...] eu quero um dia desses, quando arrumar a minha vida, se puder passar uns seis meses, um ano com a minha senhora e meus filhos ( no Rio de Janeiro).

HV5M: “[...] É de ter um dinheiro pra compra uma casa para quem eu tenho vontade. Sonho comprar fazenda. Encher de gado, não receber escritura de nada. Receber escritura no nome dos meus filhos e ter o uso e fruto durante a minha vida”.

HV6F: “[...] Gostaria ainda de fazer muita coisa. Mudar estes móveis para alegrar mais este ambiente”. “[...] Voltei do hospital para minha casa com o desejo de ser melhor em tudo”. “Vou ser sempre alegre”.

HV7M: “[...] se Deus me der vida e saúde a minha meta ainda é ficar mais tempo na roça, na fazenda. O que mais gosto na vida é mexer com terra e gado”.

#### **4.3.2.4. Subtema 4 – Iniciativa**

Para os Wolin & Wolin (2005), a iniciativa é a consideração dos problemas como desafio para exercitar o controle, um teste para si mesmo nas tarefas necessárias. Capacidade para a auto-regulação e responsabilidade pessoal necessárias para se conseguir autonomia e independência. Impulso para conseguir experiência.

Na HV1F, além da decisão de ir morar com a irmã com o objetivo de estudar, a iniciativa se evidencia ainda mais no desafio de se ir atrás do Presidente para lhe pedir emprego, a fim superar as carências econômicas e, por meio do estudo, conseguiu auto-regular-se frente às adversidades da instabilidade matrimonial. Toma a iniciativa de construir um hospital. Não obstante a idade acha que vida é vida em qualquer pedaço. E, vai continuar nesse trabalho enquanto estiver respirando.

Na HV2F a iniciativa se revela no enfrentamento dos desafios da faina diária de professora, costureira, dona de casa, e ainda no cuidar do marido depressivo e no fazer às suas vezes, equilibrando todos esses trabalhos com a vida pessoal e familiar.

Na entrevista da HV3F a iniciativa perpassa da aprendizagem informal (autodidatismo) à formal, a fim de se habilitar para montar o empreendimento próprio. Também se manifesta na defesa do seu patrimônio apelando para a justiça e enfrentando o desembargador.

A iniciativa na HV4M se mostra tanto na tomada de decisão de se ir para o Rio de Janeiro como na de “ficar com do dinheiro” do salário recebido do Exército, que significou libertar-se do irmão e de ter de encarar a vida por conta própria, se superando na dedicação ao estudo.

Em todas as entrevistas se desvela a iniciativa no sentido de tomada de decisão ao longo processo de aprendizagem em diferentes etapas do desenvolvimento humano (educação formal e informal).

HV1F: “[...] E a minha irmã vem para Belo Horizonte, casada. E eu disse: agora eu vou morar com a minha irmã e estudar”. “Fui para o Rio de Janeiro para um encontro com o Juscelino Kubstchek. Ele era professor das Ciências Médicas, e agora Presidente da República. Era mineiro também. Eu tive um encontro com ele em Petrópolis... Fui, corri atrás do carro dele e falei com ele. Ele foi super gentil, e me perguntou: que é que você quer? “[...] Eu disse: quero uma vaga no IAPC de Belo Horizonte”. “[...] E eu comecei a estudar para não morrer, embora já tivesse aquele sonho”. Eu fiz um cursinho dentro de minha casa para estudar. Eu pesquisei. Eu paguei os melhores profissionais que haviam aqui no Plano Piloto de Brasília.” (a rejeição, o abandono do marido). Isso me impulsionou para estudar.” “[...] Criticada por amigos: você está doida! (ao construir um hospital). Você não tem vida para isto. Eu rejeito, porque acho que vida é vida em qualquer pedaço. “[...] E eu vou continuar lá até a hora que estiver respirando.”

HV2F: “Até aos dez anos eu já costurava”. “[...] Aí ele pegou uma depressão, adoeceu, mas daquelas depressões que ele não saía do quarto. Ficava fechado.” “[...] Eu tirava leite, fazia queijo, desnatava, dava escola, costurava. Era uma mulher para tudo. “[...] Aí com um espaço de tempo eu o levei quase à força para consultar na cidade”.

HV3F: “[...] aí eu comecei a prestar atenção naquilo. Aí eu aprendi sozinha. Eu fui tirar o técnico de contabilidade só para ter o diploma. Eu abri o escritório no ano de 1969... era um escritório imobiliário onde eu estava sendo sócia.” “[...] só apelei pela justiça porque não vi outro caminho”. “No outro dia de manhã eu estava com muita coragem: eu vou lá enfrentar esse homem (desembargador)”.

HV4M: “[...] a decisão foi minha. Eu disse que queria ir (para o Rio de Janeiro)”. “[...] Agora eu queria ver se ficava com o dinheiro ( disse-o meu irmão)... Aí no outro dia cheguei ao quartel e falei com o capitão... “[...] e ele arranhou um local para eu dormir dentro do quartel. Estudando, saí sargento”.

HV5M: “[...] Eu tive que aprender quase que por conta própria...” “Não tinha quem me ensinasse. Fui um homem que mexia com muitos negócios. Eu acho que qualquer pessoa pode fazer o que eu fiz, mas é difícil”.

HV6F: “[...] Aprendi a costurar. Ninguém me ensinou”. [...] “Ninguém queria que eu mudasse de lá. Mas convenci o meu marido para a gente tentar a vida aqui”.

HV7M: “[...] Fiz um concurso e entrei no Banco de Brasília como motorista, onde trabalhei vinte e quatro anos. Mas dentro desse período de BRB, lá dentro também fiz um concurso”.

#### **4.3.2.5. Subtema 5 – Autoconceito**

Erikson defende que a formação do sujeito é contínua e se dá por meio de estágios seqüenciais. Cada um destes estágios deve ser satisfatoriamente resolvido para que o desenvolvimento continue seu processo. Caso não ocorra a resolução eficaz de cada estágio, todos os posteriores refletirão esse fracasso na forma de um desajuste físico, cognitivo, social ou emocional. Assim, na velhice (último estágio do seu modelo de desenvolvimento: “integridade do eu versus desespero”) o auto-conceito reflete as preocupações do envelhecer que envolvem a adaptação ou perdas vitais, doenças, aposentadorias, reconciliação com sucessos e fracassos, resolução da aflição pela morte de outros e da aproximação da própria. A velhice supõe enfrentamento com o desafio de manter a “integridade pessoal” em oposição à experiência de “desespero” promovida pelo sentido de que a vida tem pouco significado (ERIKSON, 1982).

Nas entrevistas percebe-se o idoso superando a importância que a nossa cultura atribui ao corpo e à aparência jovem para valorizar a interioridade, não negando os problemas ligados ao declínio das forças físicas, à perda (do padrão) de beleza do corpo. Assim na aparece na HV1F: “[...] eu acho que eu estou mais jovem do que era”; na HV3F: “[...] eu não tenho trauma”; na HV5M: “[...] velho e pobre, mas satisfeito com a vida”; na HV6F: “[...] eu vou ser sempre alegre”; na HV7: “[...] mesmo doente me sinto feliz”, para interessar-se por tudo o que está ao seu redor, do mundo e das pessoas que vivem alegres e felizes, transcendendo os limites físicos.

HV1F: “[...] Idosa. Eu acho que fico bonitinha dentro desse pedaço da minha vida. E espiritualmente, psiquicamente, emocionalmente. Eu acho que estou mais jovem do que era”. “[...] Mas cresci, busquei, trabalhei, a coisa

virou, a mesa virou. Hoje eu sou a psiquiatra, modéstia de lado, respeitada da cidade”.

HV2F: “[...] Porque eu era uma moça humilde, estruturada, bem elevada. Todo mundo me rodeava e gostava muito”.

HV3F: “[...] Eu não tenho trauma”. Era para eu ser uma pessoa revoltada. Eu sou muito de tirar é, como falar, lição de vida. “[...] Eu nunca fui insegura. A única insegurança que eu tenho na vida é porque não gosto de água de jeito nenhum”.

HV4: “[...] eu não tinha intenção de ficar no quartel. Eu não tinha perfil de continuar no quartel...” “[...] eu era um camarada que procurava me reciclar e dentro do quartel procurava ser o melhor datilógrafo, sempre fui o melhor sargento”.

HV5M: “[...] Eu acho que a pessoa tem que fazer o bem até o último dia de vida”. “[...] estou velho, pobre, mas muito satisfeito com a vida”.

HV6F: “[...] Ser velho, cada dia aparece uma coisa. Mas a gente não muda. Vou ser sempre alegre”.

HV7M: “[...] eu me sinto feliz que mesmo ainda doente, pois eu tenho um marca-passo, estou feliz com a minha vida”.

#### **4.3.2.6. Subtema 6 – Aceitação (integridade)**

Para Frankl (2003a) as formas para encontrar sentido são: os valores criadores - comprometer-se com o projeto de sua própria vida; valores experienciais ou vivenciais: são os que se realizam, por exemplo, ao acolher o mundo, na entrega à beleza da natureza ou da arte, algo ou alguém que valorizamos; e os valores atitudinais: se verificam quando um homem arrosta um destino perante o qual nada mais pode fazer que aceitá-lo, suportá-lo; tudo está no modo como o suporta; tudo depende de que o carregue sobre si como uma cruz.

O estágio final da vida chega com a velhice. É a época de lidar com o que Erikson (1982) chamou de preocupações fundamentais. O sentido de integridade do ego, que inclui nossa aceitação de um ciclo de vida único, com sua história de triunfos e fracassos, fornece um sentimento de ordem e significado em nossas vidas pessoais e no mundo à nossa volta.

Em todos os excertos aparece o tema da aceitação (em contraposição ao desespero, à revolta que são momentâneos, passageiros). A aceitação se mostra nas HV1F, HV4M como

aceitação da idade (velhice); na HV2F, apesar da instabilidade matrimonial e das dificuldades na criação dos filhos, fazia de tudo para viver, para ter harmonia; o sujeito da HV3F acredita que nada acontece por acaso e, se acontece, é preciso superar sem revolta; na HV5M os acontecimentos da vida são colocados nas mãos de Deus com atitude de abertura, gratidão e tão integrado com a velhice que deseja a sua sorte a todo velho; na HV6F manifesta a capacidade de aceitar os limites da vida e se sente grata pelo que a vida lhe tem dado (ou não); na HV7M após ter passado por momentos de revolta e desespero frente à adversidade da enfermidade, aceita com naturalidade e procura esquecer o evento experienciado e vivido.

HV1F: “[...] Eu acho que aceitei mais como eu aceito a idade, nem me lembro dela. Não ligo dizer que tenho menos anos”.

HV2F: “[...] E a gente acabava bem... fazia de tudo para viver. “[...] E eu havia tido oito filhos. Então eu tinha que levar uma vida mais harmoniosa”.

HV3F: “[...] Sempre aceitei tudo. Eu tenho um lema assim: nada acontece por acaso. Se está acontecendo é porque você tem é que, de uma forma ou de outra sair disso, não com revolta”.

HV4M: “[...] estou aceitando essa idade típica do idoso, mas é interessante viver”.

HV5M: “[...] Nunca me desesperei porque eu penso assim: o que Deus faz pra gente, a gente tem que receber de mão aberta e saber agradecer”. “[...] eu acho que qualquer pessoa pode fazer o que eu fiz, mas é difícil”. “[...] Eu queria que todo velho tivesse a sorte que tenho. A gente não pode querer o que é bom só para a gente”.

HV6F: “[...] Já não espero viver tanto mais. Agradeço pelo que já vivi”.

HV7M: “[...] eu tive momentos de revolta e de desespero. Mas hoje eu aceito com maior naturalidade e levo a vida com brincadeira para a gente esquecer aquilo que passou”.

#### **4.3.2.7. Subtema 7 – independência/autonomia**

Os Wolin & Wolin (2005) afirmam que, apesar de padecer diversos problemas em ambientes disfuncionais, os indivíduos podem desenvolver resiliências internas para superar o dano, sendo a independência uma delas, e significa distanciamento físico e emocional enquanto satisfaz suas próprias demandas.

Esta categoria temática é expressa quase de modo onipresente em todas as falas como estado ou condição de quem ou do que ainda é capaz de balancear necessidades próprias e demandas do meio, para tomar decisões apropriadas para benefício próprio, sem detrimento dos demais. Na HV1F a independência se revela na condição de querer ter as próprias coisas, mas teme, receia que a velhice possa atrapalhar. Nas HV2F, HV4M, HV5M, HV6F, HV7M se manifesta na condição de quem ou do que tem liberdade, sendo livre para ir-e-vir e fazer o que quiser e enquanto puder; seria também a possibilidade de realizar atividades da vida diária sem a ajuda de terceiros. O depoimento da HV3F se revela capaz de manter distanciamento do problema se precavendo e não se deixando envolver por ele.

HV1F: “[...] Eu quero ter as minhas coisas, não sei se a idade, a velhice que já está, mas cresce cada dia se vai me atrapalhar. Isso me deixa com um pouco medo, de receio”.

HV2F: “[...] Eu sou livre, vou onde eu quero, faço o que quero”.

HV3F: “[...] Quando eu vim para cá, ele (ex-patrão) até me deu uma carta de recomendação de políticos, de uma televisão, mas eu não quis não. Era gente enrolada. Não queria começar com gente enrolada não”.

HV4M: “[...] E eu sou muito independente e não gosto muito que façam alguma coisa para mim”.

HV5M: “[...] Sou independente porque ninguém precisa me dar banho. Ainda faço a minha barba bem feita ou mal feita. Não preciso, faço o que quero”.

HV6F: “[...] Mesmo que o marido não fosse à Igreja, eu ia sempre, isso que me dava força para viver e lutar.”

HV7M: “[...] Eu ainda me sinto autônomo e independente e quero continuar assim até os meus dias finais”.

#### **4.3.2.8. Subtema 8 – Otimismo/confiança/esperança**

Acorda-se com Flach (1999, p. 123) como sendo uma das características da personalidade resiliente ter um apurado senso de humor, o situar-se num contexto filosófico, no qual as experiências pessoais possam ser interpretadas com significado e esperança, até mesmo nos momentos mais desalentadores da vida. E também com a afirmação de Erikson

(1982, p. 90): a confiança básica é a confirmação da esperança, uma consistente proteção contra todas as provas e atribulações da vida neste mundo. E com Frankl (2002, p. 95) ao referendar Friederich Nietzsche: "Quem tem um porquê na vida suporta qualquer coisa." E ainda asseverava que "não há nada de mais apropriado para que um homem vença ou suporte dificuldades objetivas ou transtornos subjetivos, do que a consciência de ter na vida uma missão a cumprir" (2003a, p. 90).

Estas categorias temáticas se revelam quase que de modo ubíquo nos excertos que se seguem. As experiências pessoais frente às adversidades são interpretadas com significado e esperança em mudar o que se tinha de obscuro, e não se importa que chova ou faça sol (HV1F); saber esperar com confiança na melhora (HV2f); nada acontece por acaso (HV3F); quando se tem um por que na vida há de haver a pretensão de viver o quanto puder (HV5M), participar e acreditar que tudo vai dar certo (HV6F), prosseguindo com a certeza de que Deus ajuda na caminhada, no cumprimento da própria missão (HV7M).

HV1F: "[...] E a minha decisão de mudar tudo o que havia de escuro era de ser para sempre, sempre otimista. Otimismo. Não importa que se chova ou que faça sol. Otimismo. Sonhos. Esperança. Não importa pobreza. Corra. Levante. Ande. Atravesse o Jordão".

HV2F: "[...] É esperando melhora (que o filho pare de beber)".

HV3F: "[...] Nada acontece por acaso. Tenham muita fé. Deus é tão bom que na hora certa ele resolve as minhas coisas".

HV4M: "[...] Pretendo sim, viver. Acho que devo conseguir isso porque a minha saúde, já lhe falei, está boa. Pretendo fazer a festa dela (neta) de quinze anos e participar".

HV5M: "[...] A minha esperança é enquanto Deus me confiar a vida eu quero. Seja cem anos. Seja cento e vinte."

HV6F: "[...] Acho que tudo na minha vida deu certo. Eu sempre pensei que tudo ia dar certo."

HV7M: "[...] que sigam o caminho que a gente vem seguindo. E que Deus nos ajuda a caminhar".

#### 4.3.2.9. Subtema 9 – Espiritualidade e fé

Comparte-se com a seguinte afirmação de Frankl (2001, p. 59):

“[...] a fé em algo divino ressoa como única. Quando a pessoa se encontra sem saída, em sofrimento profundo como no enfrentamento da própria mortalidade, se pode imaginar essa sensação de proteção e ancoramento que a experiência religiosa pode proporcionar. A fé é algo que transcende a própria pessoa também pode proporcionar uma direção, uma visão de caminho ou sentido”.

Em todos os depoimentos as pessoas idosas identificam a fé e a espiritualidade como uma força diante dos acontecimentos adversos mais significativos de suas vidas. Assim, a fé em Deus se revela como força para o crescimento e resposta na hora da dor (HV1F), remoção da montanha das dificuldades da vida e confiança na melhora (HV2F, HV6F), apelo, oração, confiança na providência (HV3F), invocação de uma figura de Deus; reza e petição quando se precisa (HV4M); como proteção contra todo mal aos membros da família (HV5M); sentido de direção na vida mesmo no sofrimento (HV7M).

Goldstein & Sommerhalder (2002, p. 951) ao distinguirem religiosidade e espiritualidade afirmam que

“[...] as dimensões da espiritualidade passaram a ser consideradas pelos pesquisadores separados das crenças e dos comportamentos religiosos, criando instrumentos que tentam delinear algumas categorias de espiritualidade, tendo em conta características, como: crença em um ser supremo, propósito na vida, fé ou confiança na providência, capacidade de perdoar, capacidade de achar um sentido no sofrimento, gratidão pela vida, percepção da vida como uma graça”.

Uma outra categoria convergente da espiritualidade que se desvela nas falas dos idosos do presente estudo é a da gratidão pela vida. Na HV1F, manifesta gratidão a Deus, a mãe. Na HV2F: dá graças a Deus porque tem vida; na HV3F, gratidão-admiração pela mãe e a Deus; na HV4M, dá graças a Deus porque conseguiu médico bom; na HV5M rende graças a Deus por estar vivo e forte; e porque o que Deus faz pra gente, a gente tem que receber de mão aberta e saber agradecer; agradecer a Deus por todo momento de vida; na HV6F diz ser grata

a Deus e já não espera viver tanto mais, mas agradece pelo que já viveu. E na HV7M, sente-se tranqüilo e feliz pelo que já passou.

Com Viktor Frankl (2001) compartilha-se ao afirmar que

“Ao invés de uma religiosidade universal, estamos caminhando para uma religiosidade profundamente pessoal, uma religiosidade a partir da qual cada um poderá encontrar a sua linguagem muitíssimo pessoal, própria, e mais específica para se dirigir a Deus” (p 86). [...] “A linguagem pessoal do homem religioso que busca a Deus se dá por meio da oração, tanto na sua estrutura dialógica interpessoal (eu-tu) quanto na intrapessoal (o diálogo dentro de nós)” (p. 87).

Embora quase todos os depoentes se declarem católicos, exceto o sujeito da HV1F que se confessa evangélica, não se limitam à estreiteza da confessionalidade, pois o sujeito da HV1F se disse evangélico, mas não é assíduo às práticas religiosas; na HV4M afirma que não se compromete com nenhuma religião e acredita em todas; na HV5M parece acreditar na reencarnação ao afirmar que, “quem morre não volta, porém se precisar volta até de dia”, mesmo crendo na existência e continuidade de rituais e símbolos das diversas confissões, manifestam estilo e linguagem pessoais para falar com Deus.

O sujeito da HV1F assume estilo de abertura ao diálogo religioso ao valorizar Maria, a Mãe do Deus encarnado. Apega-se à terceira Pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, quando sente dificuldade em diagnosticar, em prescrever uma medicação, obtendo a resposta correta por meio da oração. Com linguagem bíblica revela também encontrar força na Palavra de Deus para atravessar o Jordão de suas adversidades. De modo análogo na HV2F utiliza a metáfora da montanha das adversidades que são removidas pela fé.

Nas HV3F, V4M, HV5M, HV6F e HV7M desvelam a espiritualidade como sendo “uma maneira particular de vivenciar a religião cristã, sem que se oponha a ela. Não há um distanciamento entre o pessoal e o institucional, nem muito menos a recusa de um Deus pessoal em favor de um sagrado ou divino impessoal” (PAIVA, p. 123).

Assim aparece o aspecto devocional na HV2F ao recordar-se ter sido filha de Maria e sempre na Igreja Católica; na HV3F se lembra da reza do terço do Divino Pai Eterno e da missa na qual sua mãe a colocou às despensas de Santo Antônio, e fazendo novena à Madre

Paulina conseguiu um milagre; na HV4M aprendeu com a esposa a rezar a Salve Rainha para Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e tem como protetor Santo Antônio; na HV5M a veneração a Maria Santíssima.

Nas HV6F e HV7M se mostram comprometidos com a sua confissão cristã católica pela frequência assídua e pelo engajamento em movimentos de espiritualidade.

J. Erikson (1982, p.103) denomina de gerotranscendência, ou seja, uma mudança de uma visão materialista e racional para uma visão mais cósmica e transcendente, normalmente seguida por um aumento de satisfação de vida. E Grün (2004) chama de espiritualidade de baixo significando que Deus nos fala também através de nós mesmos, daquilo que nós pensamos e sentimos, através do nosso corpo, das nossas feridas e das nossas supostas fraquezas.

Este elemento se mostra de modo peculiar no discurso da HV6F que ao ver-se deprimida por sentir-se dependente, retira-se para o fundo do quintal e se alegra com o canto dos passarinhos, encontrando sentido para viver.

HV1F: “[...] E não visito muito as igrejas. Mas gosto muito de orar, de rezar, de tratar o meu cliente com amor, meu próximo. Então eu me agarro muito. Gosto muito de Maria, ao contrário de muitos até do esposo. Eles não valorizam Maria. Eu dou muito valor à Mãe do Deus encarnado. Acho que Ele já era Deus. Tenho muitas perguntas. Então sempre falo: a Mãe do Deus encarnado. Mas da Trindade eu me apego muito ao Espírito Santo e acho que esta parte religiosa é muito, muito, muito importante! Nas horas de dificuldades de um diagnóstico, de uma medicação correta eu oro em espírito, ao Espírito Santo, busco e vejo, escuto e ouço; escuto que a resposta vem daqui a pouco e tenho a medicação correta na minha mente. Não abro mão disso. Se está fora de moda, em desuso, não interessa. Se no relatório não se usa colocar “graças a Deus” meu cliente melhorou, eu coloco. Faço questão de dar um testemunho no meio de colegas”. “[...] Na fé em Deus eu encontro forças. Sempre lendo a Palavra de Deus, buscando, analisando a Palavra de Deus. Estou me lembrando aqui de Paulo: Tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus. Tudo. E a gente na hora da dor que a gente cresce e foi na fé em Deus e sempre encontro resposta. E lembrando dele sempre. Ela me invocará e eu lhe responderei porque ela conhece o meu nome. É Palavra de Deus dizendo a Josué: como eu fui com Moisés, serei contigo. Acho que Ele é Pai generoso. Como Ele foi com Moisés será comigo. Atravesso sempre o meu Jordão.”

HV2F: “[...] Ah! Desde pequenininha quando eu estava na cidade estudando eu já era Filha de Maria, né. Então eu, a gente foi criada na Igreja. E por aí a

gente continuou naquela fé. E a fé remove montanha. A fé vai removendo a vida da gente. Então, a gente sempre ta naquela fé das coisas melhorarem. É a fé!”

HV3F: “[...] Nós tínhamos uma senhora muito amiga que se chamava Rosa. Aí ela fazia o terço do Divino Pai Eterno. Era, devia ser começo de julho. Aí minha mãe ia ao terço na casa dela. Ela (a mãe) em 1949 quando foi celebrada a primeira missa na capela Santo Antônio, ela era muito devota. A gente já escutava, não sei. Eu sei que ela foi assistir a missa e tudo. Chegou e falou pra Santo Antônio nos tomar conta como protetor, as despensas dele. Aí a gente tem uma devoção tão grande por Santo Antônio. “Ah! Só apelando por Deus, Santo Antônio. Eu acho que foi ele quem cuidou e ainda cuida.” “[...] Mas eu fiz uma novena... Aí um milagre com a Madre Paulina”. “[...] E eu rezando, rezando! Um dia eu falei pra Santo Antonio. Qual é Santo Antônio? O senhor tem que resolver isso hoje, que não dá mais não! Aí eu fui. Falei para ela. Se eu não tirar ele através de minhas rezas, através do Diabo eu não vou fazer isso não. O lá de cima é que sabe a hora que ele tem que sair.”

HV4M: “[...] Eu fui uma pessoa que desde a época de criança, sempre freqüentava a Igreja Católica. A minha mãe foi sempre católica. A meu pai mandava a gente fazer catecismo, ir às missas. E aí no Rio de Janeiro parei de ir à igreja, porque não tinha incentivo”. “[...] Mas nunca me enfronhei em religião nenhuma. Acredito em todas. Que todas elas o princípio é levar Deus, sempre invocava uma figura de Deus, todos levam a esse Deus que buscam. E conhecendo a minha senhora, ela sempre foi católica e a mãe dela também. Elas iam muito à Igreja Católica.” “[...] Aí queria ser catequista. Não me opus nada disso assim veemente. Acho que você tem que ir à Igreja. Você vai à missa. Mas não sou daqueles que aceitam as pessoas estarem nas missas todos os dias, fazendo, entregando àquelas missões, àquelas rezas, mil ave-marias e tal, fazer retiros, não! A isso eu reajo. Mas ela faz o que ela quer. Até que agora nós, ela vai a determinadas coisas que ela vai fazer ao cenáculo que ela vai. Eu não sei. Sair segunda-feira de casa às 19 horas da noite e voltar às 23 horas para casa, isso não tem fim. Não dá para encarar isso aí. Eu vou uma vez ou outra. Se precisar que vai eu vou lá. Mas não quero ir toda segunda-feira”. “[...] Naquele instante que ela falava da força de Deus que eu também rezava muito. A gente também começa a rezar muito quando está precisando, a gente reza e pede. Antes eu não sabia a Salve Rainha. Eu não conseguia aprender a Salve Rainha. Aí consegui aprender com ela. E rezava a Salve Rainha para Nossa senhora do Perpétuo Socorro e meu Santo protetor que é Santo Antônio, dia 13 de junho. E rezava muito para eles. Pedia também a Jesus que me desse força para me ajudar naquela recuperação.” “[...] E vendo que ela chegava lá e rezava o tempo todo. Rezava muito. Então nós fomos mais espiritualmente assim, fazendo e vendo que estava dando certo ao ponto dela chegar para o médico (no segundo dia da cirurgia), que se encontrava no lugar onde ficam as enfermeiras, com a mão na cabeça e pensativo. A minha senhora perguntou ao médico: o senhor está bem doutor? Ele respondeu a ela: Eu estou pensando no caso do seu marido. Ele tem uma recuperação que nunca vi assim. Ela então disse a ele: agora o senhor vai saber o porquê disso aí. Porque quem o operou não foi o senhor. Aí ele ficou assim! O senhor foi um ajudante. Porque quem operou ele foi Jesus. O senhor somente o ajudou e fez os comandos que ele mandou o senhor fazer. É por isso que o senhor nem entende. “Espiritualmente foi dando forças para a gente superar e ver que tudo estava correto, nada, nenhum erro”.

HV5M: “[...] É com nosso Pai que tenho vencido. É Deus. Não acho nada difícil até hoje para mim, porque eu não tinha o poder de ver, mas eu percebo Nossa Mãe Maria Santíssima e Nosso Senhor Jesus Cristo. Não tenho dificuldade.” “[...] E tenho o dom da cura. E faço curas curiosas. Eu não. Eu não curo ninguém. Eu sou apenas um enviado por Deus”.[...] Sou aquele que não deito sem fazer minhas orações como já expliquei para o senhor qual é que é (O Pai nosso e a Ave Maria). Não me levanto sem fazer minhas orações. Então sexta-feira eu vou rezar para os meus filhos para tirar todas as coisas malfeitas que tem. Tem inveja. Tem o feitiço, malefício, artifício diabólico. A gente tem que aquelas coisas todas. Tanto de mim como de minha família”. “[...] Quem morre não volta. Se não precisar. Se precisar volta até de dia. Volta de dia pra você ver assim. Nós não morremos. O nosso corpo morre, mas a alma não morre. É minha crença. Falar morrer acabou. Não. Ninguém morre.”

HV6F: “[...] A nossa vida estava dura demais. A nossa sorte é que fomos criados numa família muito religiosa. Mesmo que o marido não fosse à Igreja, eu ia sempre, isso que me dava força para viver e lutar”. “[...] se Deus deu inteligência aos homens, eu vou pôr esse aparelho. E fiquei boa. Minha vida sempre foi assim, cheia de fé”. “[...] Quem nos ajudou muito nessa época foi o padre Francisco Iturriága. Naquela ocasião dolorosa conversamos com ele e ele nos falou muita coisa bonita que nos tocou. Vocês vão receber uma bênção maior com esse filho que foi para o Céu. E voltamos para casa com novo ânimo”. “[...] Eu pedi a Jesus luz para decidir se operava ou não. E pensei: se Deus deu inteligência aos homens, eu vou pôr esse aparelho. E fiquei boa. Minha vida sempre foi assim, cheia de fé”. “[...] quando me vejo meio deprimida por me sentir dependente, vou lá para o fundo do quintal e me alegro ao ver os passarinhos, os sabiás e o papagaio. E digo a mim mesma que eu não tenho motivo para me sentir deprimida”.

HV7M: “[...] O que mais me deu força para superar essas dificuldades, além da esposa foi a minha religião. Toda vida fui católico. Nessa época eu passei a freqüentar mais a igreja e adquiri muita força com isso, porque eu fiz encontro de casais, fiz Jornada Cristã e re-jornada. Isso foi a minha maior glória! E na qual estou até hoje”. “É assim que eu vivo e me sinto tranquilo e feliz mesmo com todas essas dificuldades que já passei. É a minha fé, pois ela é o que mais me tem ajudado a dar forças para continuar a nossa vida”.

#### **4.3.2.10 Subtema -10 Apoio/ suporte familiar e social**

“A resiliência requer a interação de fatores resilientes em três níveis: suporte social: eu tenho; habilidades: eu posso, e fortaleza interna: eu sou e eu estou” (GROTBERG, 2003).

Este subtema é freqüente no decorrer dos depoimentos coletados. Todos os sujeitos fizeram referência à família como suporte em sua trajetória de vida, seja dos pais, das esposas, dos filhos e dos netos. E o suporte social se mostrou por meio dos amigos, professora e

peças influentes ou não da sociedade. No entanto, estes suportes se evidenciaram de maneira dessemelhante em suas descrições, mormente as fortalezas internas. Na HV1F o perdão representa mudança benéfica que ocorreu dentro do sujeito que se sentiu prejudicado no passado pelo comportamento da mãe, ou então, na HV5M, porque se tivesse assassinado uma pessoa teria sido o fracasso de sua vida.

HV1F: “[...] E tive pai muito generoso. Ele criou os oito filhos sem ter dado um tapa, um beliscão em nenhum de nós. Eu o amava muito”. “[...] agora eu vou morar com a minha irmã e estudar”. “[...] A professora freira me preparou para a admissão”. [...] “Juscelino Kubsciek autorizando a admissão para o IAPC de Belo Horizonte, hoje INSS”. “[...] Eu fiz um cursinho dentro de minha casa para estudar. Eu pesquisei. Eu havia estudado. Por um lado, para não morrer. Por outro para a minha meta”. “Estou construindo às duras penas com dinheiros emprestados de amigos”. “[...] Talvez um pedido de perdão à mãe, porque embora eu lá na adolescência não gostasse do comportamento dela, acho que era uma atitude de adolescente mesmo”. Sei lá. Mas sou muita grata por ela não me ter abortado, ter me dado o peito. Sou muito grata e devia ter registrado o pedido de desculpa a ela.”

HV2F: “[...] Eu era uma moça humilde, estruturada, bem elevada. Todo mundo me rodeava e gostava muito. Fui uma menina muito estimada”. “Quando eu saía para os vizinhos ele ia lá ao doutor R. que era promotor de justiça e mandava me chamar. Eu não sei por que ele mandava me chamar. Quando eu chegava lá no doutor R. e ele me dizia: você tem que largar esse homem” “Apoio da mãe em Belo Horizonte”. “[...] A gente pelo menos agora tenho um (filho alcoólatra) dentro de casa para companhia”. “Era uma mulher para tudo”.

HV3F: “[...] Ela foi o meu pai. Ela foi minha mãe. Esse moço que estava com ela (a mãe) fazia tudo por minha irmã e por mim”. O senhor K. foi tão bom pra gente!” “Eu cheguei aonde estou com a ajuda do povo de Anápolis”. “[...] A gente tem sempre alguém dando apoio”. “[...] onde a gente está a gente arruma gente para ajudar a gente nas horas mais difíceis”. “[...] estou pedindo pelo amor de Deus para resolver meu problema porque não dá mais”. “[...] Ele foi uma pessoa que me ajudou muito. Deu muito apoio, né! com negócio de emprego. Trabalhei esses anos todos com ele. Ajudou muito, sabe”. “[...] Eu tenho um lema assim: nada acontece por acaso. Se está acontecendo é porque você tem é que, de uma forma ou de outra sair disso, não com revolta”.

HV4M: “[...] fui para o exército.” “[...] falei com o capitão e ele arranhou um local para dormir dentro do quartel. Estudando. Saí sargento.” “E consegui superar essas adversidades todas com o carinho de minha esposa”. “[...] eu estou aceitando essa idade típica do idoso”. “[...] Estou bem de saúde”. “Agora que estou com 70 anos e andando na tirolesa.” “[...] Eu vou fazer a minha carteira de idoso, se eu tenho esse direito.”

HV5F: “[...] A mulher dele (pai) me criou. Ficou viúva com seis filhos aos 35 anos de idade”. “[...] os meus filhos são as minhas almas. Não preciso

comprar nada porque os filhos têm tudo. Eu tenho bisneto de vinte anos, vinte seis anos. Meus netos me respeitam muito. Se eu chamar um deles aqui num instantinho estão aqui de carro.” “[...] Eu me sinto feliz com os meus filhos”. “[...] Essa mulher viveu comigo cinqüenta e muitos anos, quase sessenta. Faleceu aqui dentro da minha casa. Certo? Ela me ajudou a criar nossa família. Trabalhou muito comigo.” “[...] Eu tenho um arrependimento. Se eu tivesse matado aquele homem seria o fracasso da minha vida”.

HV6F: “[...] Meu pai era um homem muito bondoso. Minha mãe muito caridosa. Aprendi com o exemplo deles”. “[...] Sinto alegria pelo carinho dos meus amigos”. “[...] Quem nos ajudou muito nessa época (morte do filho) foi o padre F. I”. Estou de bem com a vida. As nossas dores e doenças não são nada comparadas com o que a gente já passou nesta vida. Eu sempre pensei que tudo ia dar certo. Ultimamente estou vivendo quase que entre quatro paredes.

HV7M: “[...] Hoje os netos ficam mais em volta da gente. E a gente tem mais tempo para com o-s netos”. “[...] Vivo hoje exclusivamente de trabalho de igreja.” “[...] Estou entregando agora esse trabalho para descansar um pouco e viver mais um pouco o resto de minha vida”.

Estas foram as expressões mais claras identificadas pelo pesquisador, a partir dos significados atribuídos pelos sujeitos à situação explorada. Todo o material empírico, ou seja, os relatos recolhidos não foi apenas ilustração para confirmar o referencial. A intenção era a de aclarar o fenômeno estudado pela análise sistemática dos registros das experiências ou vivências. Tomou-se as falas na sua intencionalidade peculiar e constitutiva, não só pelo que elas revelaram, mas pelo que elas são. Acredita-se que esses relatos trouxeram e tornaram presente à experiência do vivido.

Achegou-se a esse vivido por meio das descrições das histórias de vida dele. As expressões subjetivas ou intencionais, grosso modo, não ficaram excluídas, embora possam ter alguma distorção ou omitam porções de sua história de vida, porque ninguém conta tudo de sua vida. Tomou-se aqui do possível revelado.

## CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A resiliência neste estudo patenteou-se como uma maneira de viver, ou melhor, de sobreviver. E sobrevivência tem a ver com a integridade. Por meio das *Histórias de Vida* marcadas pelas adversidades relatadas pelos sujeitos pesquisados, a adaptabilidade e a tenacidade deles foram visualizadas com notoriedade. Apesar de expostos a eventos de adversidade, não deixaram de ter expectativas associadas ao processo de seu desenvolvimento que se revelou integrado. Aceitaram os limites que a vida lhes impôs e responderam de maneira consistente a situações de adversidades em sua trajetória de vida.

Uma variedade de sinais se revelou como fatores individuais e externos de resiliência neste estudo. Os sujeitos estudados criaram ambientes, nos quais a resiliência poderia desabrochar e florescer. Foram estas as marcas internas da resiliência identificadas pelo investigador: humor, auto-estima, propósito de vida, iniciativa, auto-conceito, aceitação, autonomia, otimismo. E como fatores de apoio externos (e internos) foram identificados: espiritualidade/fé, apoio/suporte familiar e social.

Dentre as adversidades descritas nas falas foram identificadas: a postura negativa da mãe, a depressão e morte do pai, o relacionamento matrimonial doentio, as infidelidades maritais, as ameaças do marido, a morte do pai e do filho, o alcoolismo do filho, a pobreza, a fome, o despejo, o abandono do pai e a separação dos pais, a doença e morte do marido, o desafio da aprendizagem, a perda de uma criança, trauma na velhice por causa da cirurgia e perda da visão, a própria enfermidade, acidente e o sentir-se desenganado frente à enfermidade.

Em cada narrativa os sujeitos se reergueram e enfrentaram essas adversidades que se mostraram de diversos modos. Assim, tanto os fatores individuais internos como os externos, acima mencionados, os ajudaram em seus esforços para superar as dificuldades. Uma ilustração tirada da HV3F revela esse interesse para refletir sobre os eventos ambivalentes na vida: “É bom pra gente de vez em quando falar das coisas, para refletir porque eu tiro muitas lições da vida, das coisas boas e ruins”.

Estas características presentes e arraigadas na experiência da vida cotidiana desses sujeitos não seriam possíveis separar o fator resiliente deles, mormente o das mulheres, por se sentirem em alguns momentos, oprimidas, anuladas, inclusive uma delas desesperou-se chegando às raias do suicídio, porém acabou virando a mesa ao sentir que Deus conciliou e a queria ajudando os outros e que poderia seguir em frente.

As histórias de vida masculinas (HV4M, HV5M, HV7M) se mostraram divergentes em relação às femininas por não descreverem situações nem de instabilidade familiar e nem de instabilidade matrimonial. A ausência desses eventos adversos se deve ao fato de eles terem encontrado em suas esposas um forte suporte afetivo, laborativo e espiritual. Como bem se revela nestes fragmentos:

“E consegui superar essas adversidades todas com o carinho de minha esposa.” “[...] ela chegava lá e rezava o tempo todo”, ou seja, com apoio espiritual da esposa. (HV4M); “[...] nos dois casamentos eu combinei muito bem com as minhas mulheres. Sou aquele que nunca deu um tapa em mulher alguma e nem nos filhos.” (HV5M); “[...] A minha sorte é que a minha mulher me deu a maior força no trabalho” [...] “ e quem me deu mais força para que superasse tudo o que já passei”. (HV7M).

A resiliência se manifestou e fortaleceu esses sujeitos em decorrência dos ambientes nos quais nasceram e o conjunto de fatores pessoais (internos) e externos moldados no curso da vida adulta. Eles tiveram filosofias únicas ou visões de vida. Habilidades de domínio para continuarem no seu processo de desenvolvimento, a fim de se erguerem acima dos aspectos distônicos que poderiam desviá-los do verdadeiro crescimento e aspiração: a aceitação dos limites, a disposição para enfrentarem os desafios de cabeça erguida, o desejo de ajudarem os outros e a determinação em continuarem vivendo com o pensamento positivo, a confiança de acertarem, de atingirem a meta. Todas as características citadas pareciam reforçar a resiliência, não como algo inato apenas, mas também aprendida, como o sujeito deste estudo revela: “eu acho que qualquer pessoa pode fazer o que eu fiz, mas é difícil.” (HV5M).

Tendo-se em conta esta premissa, identifica-se a resiliência em muitas pessoas ao recuperarem-se de suas dificuldades e aprenderem a lidar com elas. Não se poderia considerar um indivíduo resiliente se ele nunca tivesse tido ou passado por uma ameaça significativa durante o seu desenvolvimento. Em outras palavras, é preciso se lhe apresente o risco ou evento adverso.

Erik Erikson em seus oito estágios de desenvolvimento psicológico submeteu o conceito de crescimento e desenvolvimento dentro da vida adulta, em particular no último estágio da integridade do Ego, a velhice. A integridade versus desespero progride na tardia idade adulta e há ainda um amadurecimento no indivíduo. Se o indivíduo for capaz de adaptar-se aos sofrimentos e privações, Erik e Joan Erikson afirmam ser ele capaz de transcender, erguer-se acima dos aspectos distônicos com a virtude da sabedoria, entendida como visão atenta e orientadora, possibilitando a integração do indivíduo com a terra, onde vive e se move, encontrando sustentação e aprendendo a conviver com as outras pessoas, com os animais e com a natureza. Este fragmento da HV6F confirma o dito no referencial teórico: “[...] quando me vejo meio deprimida por me sentir dependente vou lá para o fundo do quintal e me alegro ao ver os passarinhos, os sabiás e o papagaio. E digo a mim mesma que eu não tenho motivo para me sentir deprimida”.

Concluiu-se ao explorar as expressões da resiliência nas narrativas de histórias de vida: todos enfrentaram acontecimentos ameaçadores adversos em seu processo de crescimento e desenvolvimento continuado. Não obstante, atingiram setenta ou até mais de oitenta anos de vida, porque se adaptaram aos êxitos e perdas; aceitaram os limites da vida e o ganho de um sentido de pertença a uma história mais ampla, mantendo o senso de integridade. Entre outras confirmações das descrições dos sujeitos, destacam-se estas:

“[...] porque acho que vida é vida em qualquer pedaço. E, eu vou continuar lá até a hora que estiver respirando.” (HV1F). “[...] Sempre aceitei tudo. Eu tenho um lema assim: nada acontece por acaso. Se está acontecendo é porque você tem é que, de uma forma ou de outra sair disso, não com revolta” (HV3F).

A espiritualidade se revelou um forte indicador de resiliência na superação das adversidades, como capacidade de encontrar significado na vida a partir da fé. Está estreitamente conectada com a dimensão de transcendência do ser humano e, ao mesmo tempo, abarca a fé desde a perspectiva religiosa ligada ou não a uma instituição. É também a humildade ou “a coragem de aceitar a verdade sobre si mesmo” (GRÜN, 2004), de descobrir a riqueza dentro de si mesmo, nos outros e no ambiente.

“[...] Na fé em Deus eu encontro forças.” [...] E a gente na hora da dor que a gente cresce e foi na fé em Deus que sempre encontrei resposta. É

lembrando d'Ele sempre. Ela me invocará e eu lhe responderei por que ela conhece o meu nome. É Palavra de Deus dizendo a Josué: como eu fui com Moisés, serei contigo. Acho que Ele é Pai generoso. Como Ele foi com Moisés será comigo. Atravesso sempre o meu Jordão”.

Como um dos fatores promovedores da longevidade na esfera da vida espiritual apareceu, espontaneamente, em pelo menos três dos sujeitos (HV1F, HV2F, HV5M), o arrependimento, o perdão. Revela o perdão uma série de mudanças benéficas no interior dos indivíduos que, um dia, se sentiram ofendidos, magoados ou por terem praticado uma ação que não deviam. Essas mudanças ocorridas lhes proporcionaram fortalecimento e acrescentaram anos às suas vidas.

Todos os subtemas descritos como fatores de resiliências possuem estreita conexão entre si e com fatores promovedores da longevidade na esfera da espiritualidade (o humor, auto-estima, propósito de vida, iniciativa, auto-conceito, aceitação, independência e autonomia, otimismo, apoio/suporte familiar e social).

Outro fator de grande convergência da espiritualidade identificado nas falas dos idosos é o da gratidão. Se a gratidão se mostrou como apreciação pela própria vida, por alguém que lhes fez o bem, por boas ações e por Deus, é porque tudo isso concorreu para o bem-estar do indivíduo e, como consequência dessa satisfação e fortalecimento, o acréscimo dos anos às suas vidas.

Tomando os idosos como parte de uma população, verifica-se terem eles muito a ensinar sobre o processo do envelhecimento e da velhice, porque manifestaram reconhecimento e gratidão pela vida e a viveram de modo satisfatório, mesmo em meio às adversidades.

A consagração dos direitos do idoso já se encontra assegurada em Lei, pelo Estatuto do Idoso, desde 2003, embora em nosso cenário, ainda continua a permear situações lamentáveis de agravo ao atendimento aos mesmos. A sociedade continua a ignorá-los em sua busca desenfreada pelo juvenil, como se os idosos não tivessem relacionamento, participação e contribuição alguma com as novas gerações. Na verdade, constata-se uma riqueza de sabedoria e de conselhos, de habilidades e de competências, de comprometimento e de responsabilidade na sua missão de pais e avós. E, muitas vezes não se lhes dá ouvidos.

O idoso poderá, portanto, ensinar a superar a importância atribuída pela cultura hodierna ao corpo e à aparência ao valorizar a interioridade, sem negar o declínio de suas forças físicas e da aparência, porém valorizando o que se encontra ao seu redor. Eles podem ensinar nesses tempos de incertezas e de inseguranças como superar as intempéries das instabilidades familiares e matrimoniais, das carências econômicas e das diversas patologias. Estes idosos já experienciaram e sobreviveram a períodos instáveis e adversos e por diversas mudanças e transformações sócio-econômico-políticas e culturais em nosso País. E eles sobrepuseram tudo isso com senso de dignidade e senso de integridade. Se eles conseguiram, outros poderão fazer o mesmo.

## **RECOMENDAÇÕES**

Com este estudo tentou-se escutar e registrar *histórias de vida* tecidas com os fios e (desafios) de suas dores e alegrias, de suas angústias e esperanças. “Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração.” (Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, nº 200).

Crê-se, por terem aceitado contar suas experiências de vida, reconheceram-se como pessoas possuidoras de algo único, autobiográfico e irrepetível, pois “a vida de cada um é de sua própria responsabilidade, defendendo a dignidade em seu estilo de vida” (ERKISON, 1972, p. 140). Reconheceram em cada pessoa uma missão de caráter específico duplo: “a missão não muda apenas de homem para homem – em consonância com o caráter único de cada pessoa-; muda também de hora em hora, em decorrência do caráter irrepetível de cada situação” (FRANKL, 2003a, p. 90-91).

Necessária se faz a abertura para acercar-se à complexidade do fenômeno, pela adição de estudos mais desenvolvidos para a compreensão da resiliência e das condições ambientais onde ela possa se desenrolar. No jogo de perdas e ganhos não há quem não tenha sobrevivido sem ter feito algum esforço, passado por alguma ansiedade, dor ou sofrimento. Por isso há uma profunda necessidade de explorar mais vidas de idosos acima dos sessenta e cinco ou mais anos de idade para melhor entendimento do processo do envelhecimento satisfatório e fortalecido. Essas pessoas ao refletirem sobre suas próprias experiências, ou fazerem memória

de seus recursos para enfrentarem as adversidades estão promovendo a resiliência naqueles que souberem escutá-los.

Partindo-se do princípio de que a resiliência não é apenas algo inato, mas que pode ser aprendida pelos indivíduos menos resistentes por meio de pessoas significativas e modelares para eles, então será necessário desenvolver estratégias específicas para enfrentarem e sobrepuem com sucesso as suas adversidades, e também intervenções que fortaleçam as famílias e seus membros para o enfrentamento de situações adversas que permeiam suas vidas.

Desde que se nasce o processo do envelhecimento se desencadeia. Um postulado da *geragogia* (= pedagogia do idoso) é o de que a velhice deve ser preparada antes da sua chegada, também pelos mais jovens. Um provérbio africano afirma que “na velhice se esquentam com a lenha recolhida durante a juventude”.

Ao evidenciar na vivência dos idosos a espiritualidade como forte sinalizador da resiliência, solicita-se, de fato, uma proposta de espiritualidade, ou seja, uma série de valores e atitudes humanas e cristãs importantes para se viver, especialmente, a última etapa, com maior bem-estar.

Por ter o investigador do presente estudo formação filosófica, teológica e pedagógica, tem elaborado projetos que já vêm sendo desenvolvidos dentro do plano curricular e extra-curricular da escola, no sentido de promover resiliência em jovens, adultos e idosos.

Em suma: os idosos são modelos de sabedoria para todos. Deles se pode aprender a ser como uma orientação-resposta a toda fragmentação, procurando o desenvolvimento integral, total, numa compreensão mais ampla da pessoa humana; aprender a ser é saber enfrentar a verdade sobre si mesmo; é estar seguro de que se tem valor, merece viver e ser feliz: “[...] estou vivendo essa idade típica do idoso, mas é interessante viver.”(HV4M).

Eles podem ensinar a ser pelo estilo de vida: “[...]”

“Toda pessoa, passou dos cinquenta anos deve evitar o jantar, porque é perigoso deitar com a barriga cheia” (HV5M); gratidão pela vida: “[...] Ser velho, cada dia aparece uma coisa. Mas a gente não muda. Vou ser sempre alegre. Já não espero viver tanto. Agradeço pelo que já vivi.”(HV6F).

Deles se pode aprender a viver e conviver com maior satisfação, especialmente dentro do espaço da vida familiar (comunitária e social):

“[...] tenho dezenove netos. Todos me respeitam e me tratam muito bem”; “[...] Todo pai devia ter o prazer que eu tenho de ver a família criada e tudo com muito respeito”. (HV5M); “[...] As pessoas falam que os netos são filhos duas vezes. Eu não levo por este sentido, porque eu não tinha tempo para ficar com os filhos. Hoje a gente tem tempo para os netos. Os meus netos são ótimos, carinhosos.” (HV7M).

Deles se pode aprender a conhecer pela compreensão do mundo que os cercam, pelo menos na medida em que isso lhes sirva para viver dignamente e para desenvolver as suas potencialidades. Aprende-se a descobrir que na aparência de uma pessoa qualquer pode haver mistérios profundos de amor, de dor, de lágrimas, felicidade, de que nunca se teria idéia se não lhe fizesse uma leitura. “[...] Quem sabe (esta entrevista) pode auxiliar alguém, porque conheci, conheço comportamentos por ter sido analisada por muitos. E não tenho dificuldade de falar disso”, ou seja, contar sua história (HV1F).

Deles se aprende a crer em meio às adversidades, criando uma postura fundamental de oração, de aceitação, de confiança e compromisso:

“[...] Eu sempre me coloco nas mãos d’Ele. A pessoa que tem Deus tem o coração alegre”. (HV6F); “[...] Se eu cheguei a essa idade é porque minhas crenças me ajudaram. Eu acho que a pessoa tem que fazer o bem até o último dia de vida” (HV5M).

Eles podem ensinar que aprender a discernir é um processo que nunca termina definitivamente, e que sempre se deve ter a abertura ao imprevisível, à novidade da história, que põe todos à prova, porém, entrando nessa dinâmica de “aprender a” saberão direcionar os desafios humanos com solidariedade, paciência, silêncio, alegria, perseverança e esperança até o fim de suas vidas.

A sensação do pesquisador ao escutar essas *histórias de vida* foi a de que ele escutava se a si mesmo, porque se encontrava num processo de tomada decisão e precisava ter auto-equilíbrio interno para enfrentar as turbulências externas (e internas). Precisava de humor em meio ao trágico; de auto-estima para sentir que é importante viver com sentido; de renovação

de propósitos, sonhos e metas; de iniciativa para enfrentar os desafios; de empenho na reconstrução da própria auto-imagem; de uma postura humilde para aceitar a verdade sobre si mesmo e dos próprios limites; de lutar por independência financeira e autonomia como desejo de ser livre, mas fiel às heranças de uma espiritualidade que faça com que o significado flua na vida cotidiana integrando a vida do ser consigo mesmo, com os outros e com o cosmos, e contando sempre com apoio dos familiares, dos amigos e de pessoas influentes ou não da sociedade.

Chegou-se ao fim do percurso deste trabalho sem a pretensão de determinar resultados conclusivos como se o fenômeno em discussão fosse estático e pontual. Ateve-se ao que foi delimitado como propósito de estudo: identificar expressões da resiliência em *Histórias de Vidas* de idosos, como eles superaram as adversidades e mantiveram o senso de integridade.

Os dados obtidos descortinaram horizontes para além das expectativas, em termos de riqueza das narrativas de todos e de cada um dos entrevistados.

Acredita-se ter realizado a missão, não só pelo cumprimento dos prazos para finalização de um trabalho científico, mas muito mais pela gratificação e recompensa pelo que foi possível realizar. “Quando se tem um *porquê* na vida supera qualquer *como*” (Friederich Nietzsche citado por Frankl). E sendo capaz de perceber e transformar adversidades em desafios e oportunidades, com senso de direção, visão de um caminho a ser percorrido ou de um sentido que ainda está por vir.

Rubem Alves (2003) em seu livro “Sobre o tempo e a eternidade” cita um poema de Carlos Drummond de Andrade intitulado *Ausência*. Alves pede licença a Drummond para substituir a palavra *Ausência* por *velhice*. E o poema fica assim:

“Por muito tempo achei que velhice é falta.  
E lastimava, ignorante, a falta.  
Hoje não a lastimo.  
Não há falta na velhice.  
A velhice é um estar em mim.  
Sinto-a, branca, tão pegada,  
aconchegada nos meus braços,  
que rio e danço e invento exclamações alegres,  
porque a velhice, essa velhice assimilada,  
ninguém a rouba de mim”.

Poder-se-ia dizer também:  
“porque a velhice, essa velhice *resiliente*,  
ninguém a tira de mim”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. **Sobre o tempo e a eternidade**. 11. ed.. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- BUCHALLA, Anna Paula. **O Doutor Felicidade**. Entrevista com Martim Seligman. Revista Veja. Editora Abril. Edição 1884, ano 37, nº 10 – 10 de março de 2004, p. 11.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**. Introdução à Filosofia. São Paulo: Editora Moderna, 1989.
- BALDESSIN, Anísio. O idoso: viver e morrer com dignidade. (Org.) NETTO, Matheus Papaléo. In: **Gerontologia: A velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada**. São Paulo: Editora Atheneu, 2002, p. 496.
- BASSINI, Pedro Felix. Dimensão Espiritual e a Terceira Idade. (Orgs) DUARTE A de Oliveira; DIOGO, M. J. D'Elboux. **Atendimento Domiciliar – um enfoque gerontológico**. SP, RJ, BH: Editora Atheneu, 2000, p. 487-505.
- BOEREE, C.Gorge Dr. Teorias de la Personalidad. Erik Erikson. Disponível em: <<http://psicologia-online.com/ebooks/personalidad/erikson.htm>> Acesso em 29.de mai. de 2005.
- BOFF, Leonardo **Do iciberg à Arca de Noé**. O nascimento de uma ética planetária. Rio de Janeiro: Gramond, 2002.
- BORAU, J. L. Vázquez. **Espiritualidade**. (Org.) VILLA, Mariano Moreno. In: Dicionário de Pensamento Contemporâneo. São Paulo: Paulus, 2000.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- COMPÊNDIO DO VATICANO – **Constituição pastoral “Gaudium et Spes”** - Sobre a Igreja no Mundo de Hoje. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1968.
- DELORS, Jacques (Org.). **Educação – Um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO DA Comissão Internacional Permanente Sobre Educação para o século XXI. 4ª edição, São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2000.
- ERIKSON, Erik. **Identidade, juventude e crise**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1972.
- \_\_\_\_\_. **O Ciclo de Vida Completo**. Porto Alegre: Artemed, 1982.
- ESTATUTO DO IDOSO: Lei nº 10.741, de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso. – Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2003. 42 p. – (Série fontes de referência. Legislação: n. 53).

FALEIROS, Vicente de Paula. **Estratégias em Serviço Social**. 4. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

FLACH, Frederic. **Resiliência: a Arte de ser flexível**. Trad. DUPONT, Wladir. 1. edição, São Paulo: Editora Saraiva, 1991.

FRANKL, Viktor E. **Um sentido para a vida – Psicoterapia e Humanismo**. Trad. LANPETA, V. Hugo. 10. ed. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1989.

\_\_\_\_\_. **A presença ignorada de Deus**. 6. ed.. Petrópolis, RJ: Editora Sinodal, Editora Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Em busca de sentido**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia e sentido da vida**. 4. ed. São Paulo: Editora Quadrante, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Sede de Sentido**. 3. ed. São Paulo: Editora Quadrante, 2003b.

FREITAS, Marta Helena de. **O senso religioso como objeto de interesse da Psicologia: um breve histórico**. In: Texto Didático – Questões da Psicologia Contemporânea (Org.) RIBEIRO, Maria Alexina. Brasília, DF: Editora Universa, 2004.

GEIS, Pilar Pont. **Atividade física e saúde na terceira idade – teoria e prática**. Porto Alegre, Artemed, 2001.

GUARDINI, Romano. **A Aceitação de Si Mesmo – As Idades da Vida**. 2. ed. Trad. NEIVA, João Câmara. São Paulo: Palas Athena, 1998.

GOLDSTEIN, Lucila L.; SOMMERHALDER, Cinara. **Religiosidade, Espiritualidade e Significado Existencial na Vida Adulta e Velhice**. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia; NERI, Anita Liberalesco; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier; GONZONI, Milton Luiz; ROCHA, Sônia Maria de (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, 950-955.

GROTBERG, Edith Henderson. **Nuevas tendencias en resiliencia**. In: MELLIO, Aldo, OJEDA, E. Nestor Suárez (Comp.) **Resiliência – descubriendo las propias fuerzas**. Buenos Aires: Paidós, 2003.

GRÜN, Anselm; DUFNER, Meirad. **Espiritualidade a Partir de Si Mesmo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Ser Fragmentado. Da cisão à Integração**. 2. ed. Tradução LOHTBAUER, Inês Antonia. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologia da Pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HENDERSON, Nan; MILSTEIN, Mike M. **Resiliency in Schools. Making It Happen for Students and Educators**. California: Corwin Press, 2003.

HOUAISS, A., Villar, M.S. & Franco, F.M.M. (2001). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva.

INFANTE, Francisca. **La resiliencia como proceso: una revisión de la literatura reciente.** In: MELLIO, Aldo, OJEDA, E. Nestor Suárez (Comp.) **Resiliência – descubriendo las propias fuerzas.** Buenos Aires: Paidós, 2003.

KLINKERT, María P. Puerta. **Resiliencia. La estimulación del niño para enfrentar desafíos.** Buenos Aires-México: Grupo Editorial Lumen Hvmánitas, 2ª ed., 2002.

LIBÂNIO, J. Batista. **A Religião no Início do Milênio.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

LINDSTRÖM, Bengt. **O Significado de resiliência.** In: *Adolescência Latinoamericana*; 2 (3):133-7, abr. 2001.

MARTINS, Joel, Martins; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia. Fundamentos e Recursos Básicos.** 3. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

MARTINS, Rosa Maria Lopes. **Envelhecimento demográfico.** Disponível em: <[http://www.ipv.pt/millennium/Millennium26/26\\_23.htm](http://www.ipv.pt/millennium/Millennium26/26_23.htm)> Acessado em 18 de mar. de 2004.

MELILLO, Aldo. Prefácio. OJEDA, Nestor S. **Resiliência – descubriendo las propias fuerzas.** Buenos Aires, Argentina, Editorial Paidós, 2003.

MILANO, A. **Secolarizzazione.** In: *Nuovo Dizionario Di Teologia.* A cura di BAGAGLIO, G. & DIANCHI, S. Edizione Paoline, 1977.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método Fenomenológico na Pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NERI, Anita Liberalesco. **Teorias Psicológicas do Envelhecimento.** In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia; NERI, Anita Liberalesco; CANÇADO, Flávio Aluísio Xavier; GONZONI, Milton Luiz; ROCHA, Sônia Maria de (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, 950-955.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA, Vol. 5 – Enciclopédia Britânica do Brasil, Rio de Janeiro-São Paulo: 1997, p. 448.

PAIVA, Geraldo José de. In: Capítulo 2. **Psicologia da Religião na Europa, Revisitadas.** (Org.) HOLANDA, Adriano. *Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia.* Campinas-SP: Editora Elínea, 2004.)

\_\_\_\_\_. **Espiritualidade e Qualidade de Vida: pesquisa em psicologia.** (Orgs.) TEIXEIRA, Evilázio F. B., MÜLLER, Marisa Campio & SILVA, Julian Dors T. da. In: *Espiritualidade e Qualidade de Vida,* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PEREIRA, Anabela M. S. **Resiliência, Personalidade, Stresse e Estratégias de Coping** (Org.) TAVARES, José. In: **Resiliência e Educação.** São Paulo: Cortez Editora, 2001.

POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO: Lei nº 8.842 de 4 de janeiro de 1994. – Brasília: MPAS, SAS, 1997.

POWELL, Elsie Romanenghi. El enigma de Dietrich Bonhoeffer. Disponível em: <<http://www.kairos.org/articuloderevistaiym.php?ID=1272>> Acesso em 22 nov. de 2005.

REVISTA VEJA. Anna Paula Buchalla. **O Doutor Felicidade**. Entrevista: Martin Seligman. Editora Abril. Ed. 1884, ano 37, nº 10 - 10 de março de 2004., p. 11

RUTTER, M. (1993). Resilience: some conceptual considerations. *Journal of adolescent health*, 14, 626-631.

SELIGMAN, Martin E. P. **Felicidade Autêntica** – Usando a Nova Psicologia Positiva para a Realização Permanente. Trad. CAPELO, Neuza. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SZENTMÁRTONI, Mihály. **In Cammino verso Dio**. Riflessioni psicologico-spirituali su alcune forme di esperienza religiosa. Torino: Edizioni San Paolo, 1998.

TAVARES, J. (2001). **A Resiliência na sociedade emergente**. In: J. Tavares (Org.), *Resiliência e educação* (pp.43-76). São Paulo: Cortez.

TEIXEIRA, Mirna Barros. **Empoderamento como estratégia de Promoção da Saúde no campo do Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 2002.

TROMBETA, L. H. & GUZZO, R. S. L. **Enfrentando cotidiano adverso: estudo sobre resiliência em adolescentes**. Campinas: Alínea, 2002.

ZILES, Urbano. **Espiritualidade Cristã**. (Orgs.) TEIXEIRA, Evilázio F. B., MÜLLER, Marisa Campio & SILVA, Julian Dors T. da. In: *Espiritualidade e Qualidade de Vida*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice – aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre: Artemed, 2002.

YUNES, Maria A. Mattar; SZYMANSKI, Heloísa. Resiliência: Noção, Conceitos Afins e Considerações Críticas. (Org.) TAVARES, José. In: **Resiliência e Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

YUNES, Maria Angela Mattar. **Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família**.in: *Psicologia em Estudo*, Marigá, v.8.nº esp., p.75-84, 2003.

WOLIN, S. J y WOLIN, S.. **Child, Adolescent, and Adult Phases of the Resilience**. Disponível em: <<http://www.projectresilience.com/devdefs.htm>>. Acesso em: 23.mai. de 2005

WHO (World Health Organization) 1998. **WHOQOL and spirituality, religiousness and personal beliefs** (SRPB). Report on WHO consultation. MNH/MAS/MHP/98.2 WHO, Genebra. 22 pp. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7077.df>>. Acesso em: 25.set. de 2005.

## **ANEXOS**

## **ANEXO A**

### **Aspectos a serem contemplados na História de vida**

#### **1. IDENTIFICAÇÃO ( HV1...)**

Nome:  
Sexo:  
Idade:  
Grau de instrução:  
Procedência:  
Estado civil:  
Filhos:  
Profissão:  
Saúde:  
Prática religiosa:

#### **2. EIXOS TEMÁTICOS DA HISTÓRIA DE VIDA**

- Situação atual: percepção do envelhecimento ( auto-percepção).
- História de vida (contexto familiar, social, educacional, médico).  
De que ponto de partida você gostaria contar a sua história de vida?
- Resiliência (modo de superar as adversidades – como lidou com os momentos mais difíceis da sua vida? Aceitação ou revolta, desespero?).
- História da vida espiritual - as crenças que mapeiam a sua existência.
- Fechamento:  
Visão de futuro: Como você se vê no futuro, daqui a alguns anos? Tem ainda alguns projetos? Uma possível a lista de seus sonhos?
- Quais são os seus sentimentos a respeito dessa entrevista e tudo o que até agora foi falado?
- Há alguma coisa que você deixou de fora da sua história de vida e que gostaria de contar?
- Você tem algum conselho (ou mensagem) para passar às gerações mais jovens?

## ANEXO B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Envelhecimento, Resiliência e Espiritualidade  
Mestrando Pesquisador: Atnônio Itamar da silva  
Especialista em Educação – MEC 4.535 –GO. LP: 11.734-GO.

Por meio deste termo, eu \_\_\_\_\_, declaro que concordo em participar como voluntário da pesquisa e declaro que conheço o objetivo da mesma é o de investigar e identificar expressões da resiliência em história de vida de idosos, como eles superaram as adversidades e mantêm o senso de integridade. Estou consciente de que o objetivo desta pesquisa é o de fundamentar a dissertação de mestrado em Gerontologia do mestrando Antônio Itamar da silva, matrícula 1404029011.

Estou ciente de que a pesquisa se efetivará em minha residência, em horário previamente marcado e responderei a um questionário a respeito de meus dados pessoais: idade, nacionalidade, ocupação atual, sexo, naturalidade, mora com quem, estado civil, nível de escolaridade.

Estou ciente de que serei entrevistado com o seguinte eixo temático: situação atual – percepção do envelhecimento, história de vida (contexto familiar, social, educativo, médico); da espiritualidade (crenças que mapeia a existência); resiliência (de que modo superou as dificuldades), e fechamento, sabendo que a entrevista será gravada e posteriormente transcrita.

Estou ciente que os resultados fundamentarão a Dissertação de Mestrado e poderão ser publicados e divulgados em eventos científicos, preservando minha identidade em absoluto sigilo. Estou ciente de que não corro riscos em relação à minha saúde ao participar desta pesquisa, que posso recusar responder a qualquer questão da entrevista e que posso a qualquer momento retirar meu consentimento, sem prejuízo algum.

Estou ciente que posso perguntar a qualquer momento sobre qualquer assunto relativo a esta pesquisa e que terei sempre solucionadas as minhas dúvidas.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Brasília em 20 de julho de 2005.

Entrevistado: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Pesquisador: Antônio Itamar da Silva

Assinatura: \_\_\_\_\_

Entrevista n°: \_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## **ANEXO C**

Seguem-se em anexo as histórias de vida dos sete entrevistados. Nelas aparecem uma quantidade e complexidade de problemas, deixando transparecer que, apenas um tipo de abordagem não poderia aproveitar toda a riqueza dos dados. Crê-se na possibilidade de outros pesquisadores terem em mãos um material sugestivo e possam encontrar alguma utilidade nessas histórias de vida, mesmo que não sejam abrangentes.

Releve-se que as entrevistas foram realizadas em uma única ocasião. Há entre elas marcantes diferenças em tamanho devido, talvez, a uma maior ou menor confiança do entrevistado, sua prolixidade e nível educacional, por mais que o investigador se colocasse em uma posição de escuta empática, a fim de que o depoente se sentisse à vontade para contar a sua história.

## HISTÓRIA DE VIDA

Identificação: HV1F  
Nome: MJQ  
Idade: 71 anos  
Grau de instrução: Superior  
Procedência: Minas Gerais, Brasileira  
Estado civil: casada 50 anos  
Filhos: Um casal e criou quatro meninos.  
Profissão: Médica e Psiquiatra  
Saúde: Está bem  
Prática religiosa: evangélica.

Nasci em Minas Gerais. Tenho oito irmãos. Tinha, porque dois faleceram. Pais fazendeiros. O meu pai era semi-analfabeto. A minha mãe era professora nos meados dos anos 20. Era muito naquele tempo ser professora naquela região. Era como se fosse hoje ser um senador da República. Entretanto, *a mãe ao invés de levar a cultura para a fazenda, para os fazendeiros, ela absorvia a cultura da região. Era católica, passou a ser espírita e o pai não gostava da prática espírita. Então, eu vivi em um lar muito em desarmonia.* Por outro lado, aquele pai circunspeto é generoso, um caráter reto. E quanto à mãe, *fico até constrangida em dizer. E olhando hoje para trás, achava que ela praticava ou absorveu, sim a cultura daquele povo que acreditava em belzebus. Acreditava naqueles rituais e se tornou meio que sem valores. Por isso havia muitas brigas então naquele casal.* Éramos oito irmãos. E eu era a do meio. Três meninas e cinco meninos. O pai era muito próspero, muito trabalhador. Chegou a ter cinco fazendas. Era o segundo homem da região. O mais rico era Leite, da família Leite. Depois vinha o meu pai. Era um senhor muito preocupado em trabalhar. Comentava todos os dias que ele ia deixar para os filhos o que quisessem. E como eu já disse, não aceitava naquela cultura, naquela religião que a esposa estava buscando, aceitando. *E tive pai muito generoso. Ele criou os oito filhos sem ter dado um tapa, um beliscão em nenhum de nós. Eu o amava muito.* Achava que tinha mais (emociona-se...) analogia, por ele. É isso! Gostava mais do que era ele, das atitudes, das palavras. **Então eu tive muitas dificuldades com minha mãe.** E me sentia com quatro ou cinco anos, criada ali no meio muito responsável. Parecia que já era uma pequena psiquiatra. Havia nascido uma pequena psiquiatra. Porque a mãe comentava muito que era desgraçada, que era infeliz que a vizinha havia colocado feitiço, qualquer gripe, qualquer tosse na criança. Ela acreditava, ela absorveu, ela acreditava muito. **Eu quero perdoar porque olhando para trás eu entendo que ela foi vítima. Naquela época eu a recriminava e dizia que estava sendo ingrata com Deus, porque tinha cinco fazendas, era próspera, porque tinha quatorze filhos saudáveis, tinha casa, um marido trabalhador. Ela estava sempre infeliz, lamuriando, julgando, brigando com Deus. E o papai sempre aconselhando, aconselhando, repreendendo até que meu pai começou... Hoje com certeza sei que ele teve predisposição genética de depressão grave. Ele começou a ficar muito depressivo com aquele relacionamento.** Não se tratava de psiquiatria, a psiquiatria era muito atrasada. Qualquer coisa que fosse demonstrar as emoções dele era criticado como um louco. Até que a gota d'água que faltava, a estrada Fernão Dias que liga o Estado de São Paulo ao Estado de Minas Gerais cortou toda a fazenda, pois iam fazer uma estrada reta, como fizeram e cortaram tudo o que ele amava. E não havia indenização naquela ocasião. E era a gota d'água que faltava para uma depressão grave. **E infelizmente o**

**meu pai se matou. É uma história muito triste. E a minha decisão de mudar tudo o que havia de escuro era de ser para sempre, sempre otimista.** Isso eu sempre acreditei. Eu não conhecia Jesus. Não havia uma religião ali. Raramente havia terços. Novenas e missas campais de dois em dois anos. Quer dizer, um povo de pouca instrução na religião. Então os terços e as novenas a gente acabava rindo de tudo, nós os quatro irmãos mais velhos. Havia uma diferença de idade bem grande. E eu era a mais nova desses quatros. Nós mais velhos nunca brigávamos. Éramos de fato amigos. Nunca havia briga até que um desses irmãos não gostava de estudar. Nós íamos os quatro à escola de roça da fazenda. Nós combinávamos, ninguém brigava, dedava para o pai e a mãe. Um desses quatros não gostava de estudar. Ele ficava nos esperando ir para a escola. E íamos os outros três. Ele ficou praticamente analfabeto, mas ele era autêntico e muito honesto. Uma pessoa muito agradável. Era muito gostoso lidar com ele. Nós éramos quatro: duas meninas e dois meninos. Um era Zé Maria, mais velho do que eu um pouco. Muito meu amigo. Fazia meu fogãozinho de lenha para eu brincar de boneca. Fazia minha pastinha de madeira. Era o meu coleginha de turma, sentava comigo. Nós éramos muito amigos. Ríamos até da chuva que ele assim falava. Veja: a chuva hoje resolveu cair torta! Isso era motivo para eu rir demais. **A infância foi boa demais, a despeito de muita luta e muito sofrimento. Eu era muito observadora.** Estava sempre ocupada. Foi muito agradável o campo. Cada um tinha o seu cavalo. Muita fartura de coisas, de biscoitos, de quitutes. Muitos empregados porque a mão de obra era muito barata. Ainda na remanescente escravidão. Minas Gerais tinha empregados negros e trocavam trabalho, às vezes, pela comida. E eu era criada como sinhazinha de engenho. Papai colhia muito café, e na colheita as mocinhas fazendeiras festejavam a colheita com grinaldas de flores de café que começavam a dar. **Então eu acho que fui criada com carência afetiva, porque a mãe realmente tinha muitos problemas.** Hoje acho que seria um diagnóstico de bipolar oscilação, mas não tinha carência econômica nenhuma. Noto que ainda hoje, *percebo isto hoje na minha vida não tenho carência financeira.* Eu não ligo muito. **Gosto de mim. Tenho auto-estima boa.** Não acho que sou pobre de jeito nenhum. Eu acho que isso vem da infância. Era tida naquele meio de pobres como rica. Quanto à parte religiosa, eu não tinha ensinamentos religiosos, mas também não tinha cobrança, culpas. Vivíamos muito de rir, de alegria, de brincar na fazenda, soltos. A minha mãe dizia: eu criei vocês como porquinhos soltos. Eu não sei até que ponto foi negativo, não. Acho até que foi muito bom, porque ficamos livres. **Meu sonho de sair dali para estudar sempre foi grande. O objetivo era claro: eu quero ser médica.** Não sei bem como e nem saberia lá então como um a menina que estudou no campo chegou ao ponto que a professora não tinha mais o que ensinar. Fui para a cidade. Minha irmã mais velha casou-se aos dezessete anos com um alfaiate. Trouxe muita tristeza para o papai. Papai era fazendeiro rico e queria que ela se casasse com um fazendeiro e não com um alfaiate. Ele achava que ela gastava muito com vestidos bonitos. E, realmente gastava! E o alfaiate não poderia lhe dar. Ficou muito triste, mas não implicou com esse casamento. E a minha irmã vem para Belo Horizonte, casada. E eu disse: **agora eu vou morar com a minha irmã e estudar.** Vim para Belo Horizonte, com aquele diploma da roça. Era tão esforçada, reconheço. Eu era tão estudiosa, reconheço. **Peguei uma professora que era freira, era poetisa.** E ela em quatro dias de aula me preparou para fazer a admissão ao Ginásio. E eu passei nos primeiros lugares. Eu dizia: é isso que eu queria. Depois fazendo a minha análise, a psiquiatra chegou à conclusão que namorar tinha que ser com estudante de medicina. Cheguei a esta conclusão: **fazia parte da minha meta estar mais perto de médico. Estar mais perto de estudante de medicina era caminhar para fazer medicina.** Até que conheci mo meu marido, meu esposo. Era estudante de medicina em Belo Horizonte, nas faculdades de ciências médicas de Minas Gerais. Ele tinha vindo do Paraná. E nos conhecemos numa fila do restaurante de estudantes, com uma bandeja na mão. Para mim foi amor à primeira vista. Ele era parecido com um namoradinho que tive na adolescência, nos

inícios da adolescência. Isso já foi aquele toque. **E foi um namoro muito cheio de conflitos. Eu acho que não era amada. Acho que eu não fazia parte dos seus objetivos.** Ele era recém saído de colégio interno de São Paulo. Um colégio onde estudavam só ricos. Acho que ele tinha como meta moças ricas. E eu era pobre, pobre filha de fazendeiro. Começando estudar agora. **E eu acho que forcei um pouco a barra.** Acabamos nos casando e ele estudante de medicina não tinha tempo para trabalhar. Seus pais mandavam uma mesada pra gente. *E eu estudava à noite e trabalhava durante o dia. Trabalhava muito. Cheguei a ter dois empregos. Um, com muito luta e cheia de objetivos. Fui para o Rio de Janeiro para um encontro com o Juscelino Kubstchek. Ele era professor das Ciências Médicas, e agora Presidente da República. Era mineiro também. Eu tive um encontro com ele em Petrópolis. Fui. Corri atrás do carro dele e falei com ele. Ele foi super gentil, e me perguntou: que é que você quer?* Era aquela época de politicagem sem concurso. E eu não tinha pensado muito bem, poderia até ter arranjado coisa melhor. **Eu disse: quero uma vaga no IAPC de Belo Horizonte.** Hoje é o INSS. Ele fez um aceno para o chefe da casa civil, para o Vitor não sei do quê. Vitor estou autorizando a admissão de Maria José para o IAPC de Belo Horizonte, hoje INSS. Muita gente criticou lendo aquilo. Sim chefe, isso por um ponto que ele colocou aqui. Ele está dizendo ao chefe da casa civil que foi só política, foi só na hora. *Mas eu tinha certeza pela entrevista que tivemos tão honesta, tão aberta que eu estaria com o emprego garantido. E aquele me ajudou muito, porque o meu esposo estudando medicina não havia tempo realmente para trabalhar. E nós estávamos passando muita necessidade, tivemos uma filhinha que naquela época a gente não tinha bastante entendimento para ter ou termos programado essa filhinha.* Era muito bonita, mas de qualquer maneira foi meio que fora de hora. Que ela seja sempre abençoada, mas que fora de hora, porque foi uma gravidez muito complicada, com muitos enjôos, com muitos problemas. **E o casamento muito difícil. Nós só brigávamos. E eu o amava e continuei amando muito e acho que ele não me amava era nada. Ele tinha um afeto, hoje, como psiquiatra há trinta anos, acho que ele tinha um afeto embotado, não estava sabendo amar minha vida mesma. Então o casamento, tudo aquilo que eu havia criticado no casamento de minha mãe e que eu não queria aquele modelo era como que se ele estivesse repetindo. Agora uma coisa boa de tudo isso, além da Bíblia, era que ele conhecia Jesus.** Mas um Jesus meio que... hoje gosto de Jesus, amanhã ele (marido) está zangado, porque ele ao contrário de mim ele havia tido pais estrangeiros, imigrantes, meio que problemáticos, fugindo de suas terras por dificuldades financeiras. O pai era português. Ele veio com dezesseis anos para o Brasil num navio de carga e chegou ao Rio de Janeiro enfrentando fome e frio. Então foi um pai muito rude na minha ótica, na minha maneira de ver. Batia por qualquer coisa nos filhos, como ele mesmo me conta. Dava socos na frente das visitas A mãe italiana rude também. Batia todos os dias nos filhos. Agressão física com violência. Botava água de sal depois, fiquei sabendo. Era um homem revoltado. Tinha uma parte criança, infantil nele cheia de mágoas. Como se brote... ele guardou, colecionou não pode jogar essa mágoa, essa raiva encima dos pais, lógico, jogou encima da esposa que estava mais próxima. *Daí tanta briga, tanta revolta, dizendo: não te amo, não te amo! Você forçou, foi...* (pronúncia incompreensível) Mas ele vinha de um colégio interno com ensinamentos cristãos. E me mostrou Jesus. Que eu me apaixonei por Ele assim profundamente, enquanto que ele continuou aquela vida de revolta, de não querer tomar conhecimento de quem ele era mesmo. E eu peço desculpa na gravação pela rouquidão. **Toda vez que fico assim ( emocionada) quando falo de coisas que foram muito amargas eu fico pior. A somatização é toda a minha voz.** Então eu fico rouca. Mas eu continuei com a minha meta: quero estudar. E foi o que fiz. Quando meu marido terminou o curso de medicina ele me disse que viria pra Brasília. Nós estávamos no ano de 1960. Eu fiquei encantada de já estar casada com um médico. Nessa época era muito importante ser médico. Eu acho que mais para minha cabeça. Sempre achei a medicina lindíssima. *Mas eu me encontrava numa*

*infelicidade enorme. Casamento péssimo. Não havia nem relacionamento sexual direito, absolutamente nenhum. E ele continuava dizendo que não me amava.* Eu continuava em busca de meu sonho: eu quero fazer medicina! E ele disse que viria a Brasília. Foi o que combinamos lá em BH, procurar um trabalho, um emprego como médico. E veio aqui. Alugou um barraco. Como sempre nunca havia diálogo. E ele foi o primeiro médico de Taguatinga. Por isso cidadão honorário de Brasília. E chegou lá e disse: olha, aluguei uma casa pra mudarmos pra lá. Eu estava tão encantada com o médico. Ele me havia dito que um farmacêutico lhe tinha dito sobre a possibilidade dele ganhar muito dinheiro. Eu estava cansada de passar dificuldades, casada com estudante, e não tinha coragem de pedir à família. Ficava envergonhada. Papai já havia falecido também. Eu fiquei encantada aí, e quis vir. Está bom, a gente vai por pouco tempo. Por um período e, depois voltaremos, porque eu amava Belo Horizonte. Amava, cantarolava pelas ruas. Mas cheguei aqui comecei... Realmente, ele começou como um único médico a morar aqui. Fazia partos à noite inteira. E tinha de fazer absolutamente tudo dentro da medicina. ***Se o casamento já não era bom, ficou insuportável, porque a desculpa maior era não ter tempo mesmo para mim. E eu comecei a estudar para não morrer, embora já tivesse aquele sonho. Eu fiz um cursinho dentro de minha casa para estudar. Eu pesquisei. Eu paguei os melhores profissionais que tinham no Plano Piloto de Brasília.*** . Eu estava na cidade satélite. Eles vinham do Plano piloto: professores de física, português, química, biologia, e eu estudava. Eu amanhecia encima dos livros. Progridi. Eu fiz um vestibular primeiro pra direito. Passei em quatro lugares. Eu tinha aprendido, pois ***havia estudado. Por um lado, para não morrer. Por outro para a minha meta.*** A UnB estava começando a ter medicina. Muito poucas vagas e, um pouquinho delas transferências para filhos de militares, um pouco não havia correção de vestibular, politicamente cedia as vagas. E' sabido e era sabido que a politicagem naquela época que ninguém cobrava como cobra hoje, que não aparecia, comandava (eu fui reprovada no 1º, vestibular e no 2º vestibular de medicina...), mas eu sabia. É isto que eu vou fazer. Até criticada por psicólogos amigos: por quer você não faz outra coisa. Eu disse, é porque não quero. Porque não queria. E fui para o Rio de Janeiro tentar o vestibular. Passei, felizmente. Fiquei felicíssima. Estudei... Amanhecia no anatômico. Três filhos. Aí eu já tinha outro filho nascido aqui em Taguatinga. E peguei um bebê recém-nascido para criar. Então tinha três filhos. Um já entrando a adolescência e outro com nove e um com zero ano de idade. Mas estudei. Brillantemente passei em todas as matérias, sempre com a graça de Deus. Voltada para a psiquiatria, para a psicologia. ***Sou de uma família, voltando atrás, que tem pré-disposição para depressão. Geneticamente pré-disposta. E sei hoje que a medicina lida muito com heranças genéticas. E eu também diante da... (depressão) não fugi também da minha herança genética. Tinha pré-disposição para depressão. Havia tido uma crise quando o marido trabalhando demais como médico aqui no DF. E rejeitando-me claro, claro e absurdamente eu caí numa depressão de ter que voltar para Belo Horizonte para me tratar. Falo disso com muita dor. Fiquei internada num hospital psiquiátrico de Belo Horizonte e o marido sequer foi me visitar-. Mas saí da crise depressiva e continuei a estudar*** e fui para o Rio de Janeiro. Uma coisa boa ele tinha: nenhum apego ao dinheiro. Tudo o que ganhava dizia: é teu. Você pode gastar. Vá para Europa. Paga passagem para alguém ir com você. Tudo é seu. Dinheiro não fazia conta. E isso chegava para mim pior, como verdadeiro abandono. Eu pago pra você ir embora. ***Isso por outro lado me impulsionou a estudar. Estudava para não morrer.*** Fiz o meu curso brillantemente. E comecei pela depressão da família por mim mesma depressiva, comecei a dizer: ***é psiquiatria que quero.*** Ele criticava como clínico como o pior. E geralmente na medicina quase ninguém gosta da psiquiatria, quase todos a rejeitam , criticam que é realmente a especialidade mais difícil porque tem que ter muito amor. Tem que ter muita paciência. Tem que ter muita observação. Tem que ter muito carinho. Então eu comecei... Voltamos depois da medicina, ele

se mudou comigo. Todo o mundo elogiou a atitude dele. Foi... Nós tínhamos dinheiro guardado. Esse dinheiro serviu para pagar a escola que era muito caro. Ficamos o tempo todo lá no Rio de Janeiro. E voltamos, quando foi época de fazer a residência, por sorte o HFA abriu residência médica. Passei. Voltamos. Passei nos primeiros lugares na residência do HFA, onde fiquei dois anos. Comecei a fazer muitos cursos na área da psicologia. Fiz cinco anos de psicanálise. Fiz três anos de análise transacional do México. Fiz curso na UnB de música-terapia. O curso era dado por um professor argentino que estava aqui. Fiz um pouco de gestaltterapia. Fiz a minha terapia, meu **auto-conhecimento** com uma professora brasileira extraordinária, que hoje leciona na Sorbone, na França, tão boa que era. Estudei, estudei, estudei. **O casamento continuava péssimo. E tinha esse lado doentio. Todo psicólogo que eu freqüentava, todo psiquiatra, o conselho era: terminar com o casamento.** E eu sentia que não tinha forças para sair desse casamento doentio. **Eu comecei a trabalhar.** Ele tinha e continuou tendo com aquela clientela enorme de avós, tios, daqueles filhos, daqueles clientes antigos. Era extremamente respeitado em toda a cidade de Brasília. Qualquer supermercado que fôssemos. Qualquer caixa diria é o Doutor. Era mesmo muito conhecido. Tínhamos os melhores carros importados, lançamento da Ford, por exemplo, tipo Landau. Os primeiros eram nossos. Dinheiro não faltava, não havia amor. Que tristeza que eu acho! Que doença! Eu comecei a trabalhar. Aquela parte depressiva era muito conhecida, eu por ser casada com o médico mais próspero de Taguatinga, que tinha casa de dois pavimentos, a primeira com piscina. Era tida como rica novamente. A história de eu ter tido depressão ecoava. Eu ainda não estava tão preparada. Comecei a trabalhar. Todo cliente chegava e dizia: eu vim escondido da família, porque eles têm a senhora como louca. E isso me bloqueava a ponto de todo aquele estudo que havia feito cair por terra, por **eu não saber fazer uma receita. Mas cresci, busquei, trabalhei** e a coisa virou, **a mesa virou. Hoje, eu sou a psiquiatra, modéstia de lado, respeitada da cidade.** Tenho como clientela ministros que saem do Plano Piloto e vêm à cidade satélite consultarem, familiares deles. E eu os trato com amor e respeito, como trato o garizinho que varre a rua. Isso é questão de honra *minha. Isto é questão de fé.* E a coisa virou. O marido que era tido como cheio de clientes passou. Eu não sei se pelo... sei lá! Porque não investiu nele. Não quis especializações. Não quis terapias. **Criticava que eu era doida, não iria numa doida como eu.** Enfim, não quis. Perdeu praticamente a clientela toda. Enquanto **eu crescia. Eu investia. E hoje quem ganha o dinheiro maior do casal sou eu. E a coisa continuou ruim entre nós. Mas a minha auto-estima por ser uma boa profissional, por me deter fazer um bom relacionamento para meu cliente, por amá-lo.** Por ter a coragem de dar um chá para uma pessoa que chora, de cobrir uma pessoa que está com os pés frios. Hoje tenho uma clientela enorme. E continuei também com minha parte espiritual, não freqüentando muitas igrejas, porque eu não aprendi, não foi gravado na minha mente. Acredito muito nas gravações, especialmente as da infância. E não visito muito as igrejas. *Mas gosto muito de orar, de rezar, de tratar o meu cliente com amor, meu próximo. Então eu me agarro muito. Gosto muito de Maria, ao contrário de muitos até do esposo. Eles não valorizam Maria. Eu dou muito valor à Mãe do Deus encarnado. Acho que Ele já era Deus. Tenho muitas perguntas. Então sempre falo: a Mãe do Deus encarnado. Mas da Trindade eu me apego muito ao Espírito Santo e acho que esta parte religiosa é muito, muito importante! Nas horas de dificuldades de um diagnóstico, de uma medicação correta eu oro em espírito, ao Espírito Santo, busco e vejo, escuto e ouço; escuto que a resposta vem daqui a pouco e tenho a medicação correta na minha mente. Não abro mão disso.* Se, está fora de moda, em desuso, não interessa. Se no relatório não se usa colocar “graças a Deus” meu cliente melhorou, eu coloco. Faço questão de dar um testemunho no meio de colegas. **E me sinto uma profissional realizada. Idosa. Gosto de mim muito. Me respeito muito. Me estimo muito.** Isso é uma coisa muito boa. E que passo, procuro passar para meus clientes: seja gentil com você. **E continuo nesse casamento doentio. Acho que estou consciente de**

**que estou consciente de que é doentio agora. Não estava consciente lá atrás. Não sei nem porque continuo mesmo sabendo que é doentio e que não me ajuda, me atrapalha. Me atrapalha atender um cliente melhor. Me atrapalha orar melhor. Sei que me atrapalha.** Continua isso e eu ainda não tenho resposta. *Continuo. Agora tenho metas maiores de construir um hospital que possa agasalhar alguém*, que hoje sabemos todos que o hospital psiquiátrico é necessário sim, mas tão somente na hora que o cliente quer matar alguém ou quer morrer ou matar-se. Ali ele estará mais agasalhado, cuidado, isso se faz necessário. **Estou construindo às duras penas com dinheiros emprestados de amigos.** E sou muito grata por isso. *Sou muito grata a Deus* e lá ele já está pronto. A parte de recepção, de consultório, de ambulatorial. **Eu continuo na minha meta. Criticada por amigos: você está doida!** Você não tem vida para isto. *Eu rejeito, porque acho que vida é vida em qualquer pedaço.* E, eu vou continuar lá até a hora que estiver respirando. Nesses momentos difíceis **acho que houve mais aceitação.** É claro que cheguei a ter desespero por pequenos momentos. Um deles foi de suicídio. Oh! Deus! Eu não queria me matar. Mas estou vendo que meu marido não me ama, adultera. Enfim, e *Deus ouviu. E Deus conciliou. Deus me queria depois ajudando os irmãos aqui neste momento e agora.* Mas **eu acho que aceitei mais. Eu acho que eu tenho forças porque eu sabia com clareza que eu podia ( eu ) chegar**, que eu poderia ir. Eu buscava e que Deus havia uma força maior que me ajudava. **Eu acho que aceitei mais como eu aceito a idade, nem me lembro dela. Não ligo dizer que tenho menos anos.** Não ligo para isso.

Olha, acho que fui muito fiel nessa entrevista. E o meu sentimento é de paz, de harmonia, de alegria e de amor. Quem sabe pode auxiliar alguém e porque conheci, conheço comportamento ter sido analisada por muitos e ter assim a auto-estima boa. Eu não tenho dificuldade de falar disso. Então é um sentimento gostoso. Faz-me lembrar do grupo que eu participava já com psiquiatras e psicólogos, professores do Rio de Janeiro que vinham para o curso em Brasília para nós. Estou um pouco habituada a isso. Eu tenho muita tranqüilidade e não tenho absolutamente culpa e nem achar que eu não deveria ter dito. Acho que estou ótima, me sentido, olhando pra dentro de mim e me sentido bem fisicamente. Embora a voz sempre esteja somatizada.

Continuando a responder, acho e é claro que envelheço fisicamente mais do que mentalmente, do que psicologicamente. Físico: olho os meus braços estão cheios ( é ) de celulite... Fui tida como rosto bonito. O corpo nem tanto. Eu vejo que o corpo está abatido com rugas. Gosto de olhar para a Inglaterra e ver que na Rainha e naquele povo que até admiro. A América do Norte que são países desenvolvidos. Olhar a velhice com mais naturalidade sem muita plástica como nós aqui, brasileiros. Eu vejo que estou fisicamente envelhecida, mas isso não está me incomodando. Eu ponho um colarzinho. **Eu acho que fico bonitinha dentro desse pedaço da minha vida. E espiritualmente, psiquicamente, emocionalmente. Eu acho que estou mais jovem do que era.**

Acho que ficou uma coisa de fora de minha história e que eu gostaria de contar. **Talvez um pedido de perdão à mãe**, porque embora eu lá na adolescência não gostasse do comportamento dela, acho que era uma atitude de adolescente mesmo. Sei lá. Mas **sou muito grata por ela não me ter abortado**, ter me dado o peito. Sou muito grata e devia ter registrado o pedido de desculpa a ela.

O meu prognóstico daqui a alguns anos, eu não sei muito. Eu temo um pouquinho olhar para frente. Eu falo do presente e do passado com mais naturalidade, eu temo porque como médica eu sei que o coração é órgão, músculo. Ele vai se cansar um pouco. Eu tenho medo da insuficiência cardíaca. Eu vejo que minha voz era linda, não estava feia. Tenho um pouco de receio. Não quero incomodar os filhos. Não quero morar na casa deles. **Eu quero ter as minhas coisas, não sei se a idade, a velhice que já está mas cresce cada dia. Se vai me atrapalhar isso me deixa com um pouco medo, de receio.**

Por último, a minha mensagem ou conselho para as gerações mais jovens é de *otimismo. Não importa que se chove ou que faça sol. Otimismo. Sonhos. Esperança. Não importa pobreza. Corra. Levante. Ande. Atravesse o Jordão.* É Palavra de Deus dizendo a Josué: como eu fui com Moisés, serei contigo. Acho que Ele é Pai generoso. Como Ele foi com Moisés será comigo. *Atravesso sempre o meu Jordão. E que atravessem, que creiam, que acreditem que podem. Não importa.* Eu acho lindo o jovem que vai de manhã levando a marmitta. Eu acho que são pessoas de espécimes maravilhosos, humanos. *Trabalhem. Estudem. Cresçam. Busquem. Não dependam do irmãos. Dependam de Deus e de si mesmos. Acho que a minha mensagem é de otimismo.* E quero falar disso. Deus permita que a minha voz melhore. Falar disso em cadeia de rádio e televisão, porque eu acho que...

Acho que encontrei forças para superar as dificuldades ***na fé em Deus. Sempre lendo a Palavra de Deus, buscando, analisando a Palavra de Deus. Estou me lembrando aqui de Paulo: Tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus. Tudo. E a gente na hora da dor que a gente cresce e foi na fé em Deus e sempre encontro resposta. E lembrando dele sempre. Ela me invocará e eu lhe responderei porque ela conhece o meu nome.***

## HISTORIA DE VIDA 2

Identificação: HV2F  
Nome: MCC  
Sexo: feminino  
Idade: 84  
Grau de instrução: Primário  
Procedência: Minas Gerais, Brasileira  
Estado civil: viúva  
Filhos: 8  
Profissão: Do lar  
Saúde: ótima  
Prática religiosa: Católica.

Vou contar minha história do lugar onde eu nasci. Fui uma menina muito estimada, meus pais eram muito católicos. Eram amados. Eram um casal de pessoas idênticas. Papai e mamãe era gente boa. Somos onze irmãos, graças a Deus todos vivos! **Fui criada com muita estima.** Até aos dez anos eu já costurava. Depois estudava em escola particular lá pras roças, era escola rural. Com quatorze anos eu fui para cidade de Abaeté, para ir pra escola. Aí eu entrei no terceiro ano. Do terceiro passeio para o quarto ano. Tirei diploma com distinção. **Eu era inteligente. Gostava de estudar. Queria saber e não admitia ninguém na minha frente.** E continuei assim. Depois que tirei o diploma eu voltei para a roça. E fui dar aula para os meus irmãos. E depois que foram crescendo, né! **Perdi meu pai.** Fui dar escola rural. **Ganhei uma cadeira da escola local. Era muito estimada nas fazendas.** Gostava muito. E a nossa vida em casa, voltando atrás, era aquela vida de roça, de socar arroz no pilão, torrar café, socar café. Papai era uma classe média baixinha. tirava o sustento da fazenda. Tirava leite, fazia queijo, fazia roça. Só comprava o sol e querosene, porque não tinha luz. Usava lamparina. Era aquela vida de roça há 84 anos atrás, bem pacata, mas eu gostava, gostava muito da minha infância, da minha juventude. Com os meus vinte dois anos de idade me casei. **Aí é que começou a trajetória da minha vida de sofrimentos.** Porque eu era uma moça humilde, estruturada, bem elevada. Todo mundo me rodeava e gostava muito. Fui criada com muito amor, e depois passei a viver com umas pessoas diferentes. E a minha vida se transformou. Fui levando e até hoje estou aqui. Criei meus filhos. Vitória de volta pra Brasília. **Estou aqui graças a Deus.** Todos estudaram e quase todos se formaram.

Voltando um pouco, o meu namoro foi um namoro de dois encontros. A gente foi passear em Dolores do Indaiá e lá eu conheci esse rapaz. Eu não gostava muito dele não. Ele foi em casa uma primeira vez para assistir um casamento e na terceira nós nos casamos. Eram aqueles namoros de longe, de olhar de longe, de flertar. Falava-se assim: está flertando, né! E aí, eram uns casamentos que a pessoa não fazia, não informava. Não fazia casa, construía, não. Casamos e ficamos lá com mamãe. E aí o noivo queria. Depois o pai dele foi e nos buscou. E fomos morar com o irmão dele. Ele não se dava com a mãe, não. Aí ele construiu um rancho e nós moramos nesse rancho um ano. **E lá eu perdi um filho de tanta extravagância.** *Depois ele construiu uma casa melhor. E foi um muda pra aqui, muda pra ali. Mudamos para fazenda. Nessas alturas ele perdeu a mãe e nós voltamos pra fazenda. Fui dar escola. Tinha 56 alunos. E criando a Lea. Aí ele pegou uma depressão, adoeceu, mas daquelas depressões que não saía do quarto. Ficava fechado. Eu tirava leite, fazia queijo, desnatava, dava escola, costurava. Era uma mulher para tudo.* Aí com um espaço de tempo

**eu o levei quase à força para consultar na cidade.** Aí o médico passou um remédio e ele melhorou logo. Aí ele ficou vaidoso. Morar na cidade! Enquanto na roça não, ele era um homem legal. *Depois que foi para a cidade que ele se diferenciou. Ficou vadio. Botou mulher por conta. Era um ciúme doentio. Eu não podia sair. Eu não podia vestir uma roupa melhor. Eu não podia cortar cabelo e nem ir à Igreja. Ficava entocada dentro de casa fazendo geléia, escolhendo feijão, costurando, cuidando dos filhos. Quando ele ameaçava, eu saía.* Eu fugia com os meninos para os vizinhos, e também ia para **Belo Horizonte, para casa de mamãe.** E aí passava oito dias. E, depois ele ia atrás de nós e nos buscava. Isso aconteceu muitas vezes. **Quando eu saía para os vizinhos ele ia lá no doutor R. que era promotor de justiça e mandava me chamar.** *Eu não sei porque ele mandava me chamar. Quando eu chegava lá no doutor R. e ele me dizia: você tem que largar esse homem.* Eu falei: pois é doutor, ele não larga não. E aí aconteceu outra vez e passou. Aconteceu e ele tornou a me chamar. E nessa ida para lá nós nos encontramos na rua. Ele desceu do carro e veio para me tirar do carro. Aí juntaram três homens e o seguraram. E quando eu consegui escapar e estava entrando na casa do doutor R., ele entrou atrás. Dona Leonor me levou lá pra dentro, pra me dar café quente. E o Dr. R., prendeu-o lá dentro. E foi lá dentro que ele me falou: a senhora some dessa cidade. Foge daqui. Não fica aqui não! Eu vou segurar ele aqui até de tarde. Isso acontecia, às vezes. Uma vez eu fui para uma cidadezinha chamada Quartel Geral. Lá eu fiquei um mês. Depois voltei. Ele não ficava sem mim, mas era esquisito. É como **minha filha falava: mamãe, isso é doença! Ele era doente. Era um nervo! Um sistema nervoso!** Um ciúme! Aí a hora que eu vim embora ele ficava bonzinho, era diferente. Era *uma vida atrapalhada. Quando fez oito dias que ele tinha me buscado em Belo Horizonte ele morreu.* Nós ficamos lá em Dores dois anos. Eu com meus filhos. Os dois mais velhos trabalhavam em Unai. Eles vieram aqui para Brasília. Acharam que aqui era melhor e ficaram morando aqui num quartinho, passando dificuldades. Aí eu vim pra cá também para ficar com eles. Já faziam 38 anos que o meu marido morreu. Tem 36 anos que a gente mora aqui. Aí os meus filhos foram estudar. Graças a Deus estão bem. Só tem um que está comigo, né! Ele se encharcou na bebida e não larga mais. Casou duas vezes e não deu certo ficar com a mulher porque bebe. Está nessa vida. **Agora, graças a Deus eu tenho vida. Eu sou livre, vou onde eu quero, faço o que quero.**

No período que a gente veio para Brasília, a gente tinha um recursozinho. Quando morávamos em Dores tínhamos duas casas lá. Tínhamos um gado que havia ficado quando ele (marido) morreu. Vendemos o gado. Compramos uma casinha onde a gente mora até hoje. Graças a Deus foi uma bênção essa viagem pra cá. Meus meninos hoje estão todos bem, graças a Deus, e se formaram. A vida continua.

O que mais me dava forças para superar os momentos de dificuldade? Ah! Eu tinha muita fé, muita esperança. *Tinha muita fé em Deus de conseguir.* E o tempo vai passando, tudo vai mudando, se diferenciando. As coisas vão se transformando. Muito difícil. Não foi fácil a minha vida não. Se contar tudo a partir do que eu nasci até hoje! Depois que eu vim para Brasília eu fui passear lá em Anchieta, na casa do meu irmão à beira da praia. Meu irmão tinha um sócio e queria vender a parte dele. E aí eu comprei a parte desse sócio. Fiquei com meu irmão de sócia, mas não dava certo. Quando eu ia para lá, chegava lá a casa estava cheia. Peguei, comprei um lote lá, construí. Naquela época era mais barato. Um lote custava uns 800,00 reais. Construí a casa e essa casa está lá até hoje, pra vender. Quero vender essa casa. Meus meninos iam hoje pra lá, o Romildo. Gostavam muito de lá. Casaram. Romildo comprou fazenda... É vender, né!?

Apesar de passar por tantas situações difíceis eu não senti revolta. *Depois que ele morreu eu perdoei. Acabou. Parece que vinha aquele ódio, aquela raiva... Depois ele (o marido) voltava bom, amigo. E a gente acabava bem, fazia de tudo para viver. E eu havia tido oito filhos. Então eu tinha que levar uma vida mais harmoniosa.*

É, a gente vai levando. Uns dias está bom, outros dias está ruim. Nos dias em que ele (o filho) bebe a gente fica com raiva. Depois fica com dó, porque é o que extraviou, não conseguiu e perdeu, porque casou a primeira vez com vinte anos. Comprou apartamento. Teve duas filhas com a primeira mulher. Depois agarrou a beber. A mulher largou dele e ele deu o apartamento pra mulher e ficou sem nada. Voltou para casa. Aí arrumou outra mulher e casou com essa mulher. Tem duas filhas já mocinhas dessa segunda mulher. Eles são amigos. Estão separados, mas não ficam indiferentes. Ele vai lá em casa, eles conversam. Ele encontra com ela por aí. Ele continua lá em casa. Passou um tempo sem beber. **A gente fica, pensa assim: coisa boa. A gente pelo menos agora tem um (filho) dentro de casa para companhia.** Viver é... de repente ele larga disso. Ele bebe e eu fico triste, chateada.

Quanto ao meu projeto de vida, só Deus é quem sabe. Sonho de continuar vivendo, desse jeito que a gente vai levando a vida com os filhos. *É esperando melhora.* Esperando que meu filho se conscientize. Pare de beber. E a nossa vida continue.

Tem muita coisa que a gente esquece. O tempo vai passando... No tempo que a mamãe me ganhou morava na casa da vovó. Eu fui criada lá até ficar grandinha com a madrinha. Minha madrinha quando foi casar falou para o papai assim: eu caso se você me der a sua filha. Papai, disse: eu dou. Aí casou, mudou para a fazenda. Passou um mês ele foi lá em casa: Eu vim buscar a filha. Papai não estava lá em casa. Mamãe disse assim; não adianta sê não fica sem essa menina não. Não vai levar. E eu doida pra ir com ela, que gostava muito dela. Aí juntei as roupas e fiquei lá mais de um mês. E o dia em que papai foi me buscar. Tanto ela chorava como eu chorava. E tinha essas passagens na vida da gente, né! Cada época na vida a gente passa por uma etapa de transito que fica na memória. É, muitas coisas, porque se a gente for contar essas passagens eu nessa idade de 84 anos eu lembro da minha vida de infância, de menina, menina brincando de boneca o dia inteiro. Tinha lá em casa uma mulher que fazia boneca, daquelas de pano. Porque não tinha boneca de louça nem existia isso. Eu não sei porque o papai não procurava na cidade, né. Era na roça fazendo boneca de pano. Graças a Deus era uma vida alegre. Minha infância foi ótima. Minha juventude melhor. É, foi uma etapa da vida de 22 anos eu tive uma vida muito boa. **Dos 22 até 46 foi a vida de casada. Foi a vida de sofrimento. Agora dos 46 aos 84, graças a Deus, tô no céu, na glória de Deus! A não ser esse probleminha lá dentro de casa.**

Por isso aconselharia que a juventude fosse diferente. Tivesse mais amor, mais religião. Ta acabando. Ninguém está freqüentando a Igreja. Acabou o amor. Acabou a fé. Acabou a esperança. E vai de mal a pior.

O que mais me ajudou nos momentos difíceis foi a fé. A fé em Deus. A fé em Nossa Senhora. A fé que me ajudou muito. Desde pequenininha quando eu estava na cidade estudando eu já era Filha de Maria, né. Então eu, a gente foi criada na Igreja. E por aí a gente continuou naquela fé. E a fé remove montanha. A fé vai removendo a vida da gente. Então **a gente sempre ta naquela fé das coisas melhorar. É a fé!**

Naquele período que foi dos 22 aos 46 eu tinha esperança que ia melhorar. Mas eu tinha raiva. *Eu tinha tanta raiva dele que eu deseja era morte. Eu tinha vontade de matá-lo. Quando eu vejo as pessoas dizerem: Ah! Matou, é porque deu motivo. Porque tinha icava tão sentida, tão agoniada que era, pensava assim: eu mato.* **Eu vou levar um machado (dá uma risada). Muito feia essa palavra,** né! Mas dava essa impressão na gente. Matar! E se ver livre. E a morte dele foi só outra... (encefalite) acho se eu tivesse vida até hoje eu tinha morrido. Não agüentava, não!

## HISTÓRIA DE VIDA 3

Identificação: HV3F  
Nome: MCMS  
Sexo: feminino  
Idade: 67 anos  
Grau de instrução: Superior (Ciências Contábeis)  
Procedência: Niquelândia, GO.  
Estado civil: viúva  
Filhos: não tem  
Profissão: Contadora  
Saúde: muito bem  
Prática religiosa: Católica Apostólica Romana

Vou começar a minha história de vida do início, da minha infância.

Bom, minha educação foi sempre em colégio religioso. A minha formação religiosa veio com o curso primário onde estudei. Bem, antes foi muito difícil conseguir entrar numa escola porque a minha mãe não tinha emprego fixo. Ela estava sempre buscando, procurando meio para se estabilizar, só que não tinha, aí entrava numa escola... Eu na realidade comecei a ser alfabetizada numa entidade espírita, Allan Kardec. Mas saí dali. Só mais ou menos o iniciozinho. Depois fui para um Grupo Escolar onde eu tive o resto da alfabetização. Tive que parar. Não podia continuar. Quando eu continuei foi na Escola Paroquial Santo Antônio dos Frades Franciscanos. E aí fiz o curso primário. O 1º grau foi concluído no Ginásio Auxílio das Irmãs Salesianas. Depois eu fiquei dez anos sem estudar. Voltei a estudar dez anos depois no Colégio do Governo, Colégio José Luduvico de Almeida, onde eu concluí o 2º grau. O Curso Técnico de Contabilidade concluí-o em 1968. Em 70 prestei vestibular aqui no CEUB. Fiz minhas Ciências Contábeis. Tirei em 1973. Parei. Não fiz mais nada. Só trabalhei (dá uma risada). Agora, na parte de trabalho. Comecei a trabalhar com 18 anos, no meu primeiro emprego. Emprego, eu só tive dois. Um em Anápolis e outro aqui em Brasília, já tendo o meu estabelecimento próprio que é o escritório. Então eu tinha um período trabalhando no escritório em 69 que eu montei. Em 70 eu quase fechei o escritório porque estava ruim. E assim eu fui levando até quando arrumei um emprego no Conselho Federal de Medicina Veterinária. Aí foi melhor. A Secretária executiva arrumou esse emprego para mim. Trabalhei lá quatro anos e meio. No meu primeiro emprego, trabalhei onze anos e meio. Depois vim para Brasília e montei o escritório. **Muitas dificuldades até hoje.** Depois saí do Conselho, depois de quatro anos e meio para cuidar do escritório. O quê mais?

**No contexto familiar eu tive, na realidade, eu tive pai e mãe; administrado pela minha mãe. Ela foi o meu pai. Ela foi minha mãe. Sei que nós fomos morar em Anápolis. Eu sou anapolina de criação. Fui criada lá. Mas eu nasci em Niquelândia. E minha mãe conduziu a gente. Empregada doméstica. O meu pai não foi responsável. Deixou a família. Minha mãe com três filhos. Só sei que fiquei com ela com a idade de dois anos por aí. O meu pai, um dia, foi lá em Anápolis e carregou os filhos mais velhos e me deixou com ela. A minha irmã L. veio depois. Nossa mãe ficou com a vida muito difícil. Cada dia estava num emprego. Ela me contou isso: eu com dois anos de idade ficava abandonada. Era só eu a cuidar de mim. Lá pela meia noite, doze horas, depois que eu estava dormindo, já tinha feito todas as minhas necessidades, certamente com fome (ri).**

Porque estava cuidando da pensão de beira de estrada, como diziam. Com isso eu encontrei doenças! Eu não fui bem cuidada. Fiquei raquítica, por falta de alimentação. Esses problemas todos. **Mas venci!** . Depois ela resolveu construir a vida dela com uma outra pessoa. De onde surgiu a dona L.? Dona L. é um pouco revoltada. Era. Porque ela dizia o seguinte: não tinha pai. Porque antigamente quase não existia isso. Mas a gente considerava filha de mãe solteira. Eu também. Eu só fui registrada com a idade de cinco ou seis anos. Meu pai o vi essa única vez. A imagem que eu tenho dele é só dessa única vez. Ele chegou em casa e bateu na porta. Minha mãe já estava com a vida estabilizada com essa pessoa que é o pai da L. Ele, então, chegou um dia, eu me lembro muito bem: Bateu na porta e perguntou: sua mãe está aí? Falou o nome dela. Está, respondi-lhe. Gritei: Mãe, está querendo falar com você! Aí quando minha mãe veio e viu que era ele... começou a xingar. Que você veio fazer aqui? Se você veio buscar a minha filha, essa aqui você não fazer o que você fez com os outros. *Ele foi covarde. Minha mãe estava doente. Ele foi e levou os dois irmãos mais velhos* que é o pai dessas meninas que são as minhas sobrinhas que moram aqui. O meu irmão que mora lá em Rondônia. Aí levou os mais velhos *e deixou minha mãe. Minha mãe doente. Estava meio desacordada. Estava com malária, maleita, sei lá!* E ela não pode fazer nada. A mãe dele que era a sogra, também abandonou lá em Anápolis, numa casa que, depois pagava aluguel. Numa situação pior possível. E foi embora. Diziam que *elas escreviam para ele vir e ele respondia com violência. O que eu tenho para vocês (e para a mãe) é uma carabina cheia de bala.* Aí eu não vou. E a mãe dele, sabe como é que é mãe, foi embora e foi procurá-lo. Minha mãe não respondeu nada. Apenas dizia que estava como onda na praia. Estava indo to vindo pra frente e para trás. Aí nessa época que ele veio e a minha mãe o atendeu na porta. Ele disse: eu vim buscar a M. Essa aqui você não leva. Correu lá dentro e pegou um pedaço de ferro e ia sentar na cabeça dele, porque ele queria me levar. Aí ele correu e foi embora. A estas alturas eu não sei, porque não me contaram e nem nada. Eu que deduzi depois, pois eu já estava grandinha quando ele chegou lá. Que essa família do lado do meu pai são pessoas violentas. Meu avô não tinha receio nenhum de tirar a vida dos outros. E meu pai também numa certa ocasião ficou dentro de uma vala para matar o próprio pai da Letícia. Você acha? Todos doidos! Povo de antigamente. Coronelismo, como diziam. Aí ele foi embora. E nesse dia, eu me lembro de minha mãe comentar isso. **Nós tínhamos uma senhora muito amiga que se chamava Rosa. Ela fazia o terço do Divino Pai Eterno. Era, devia ser julho, começo de julho. Minha mãe ia ao terço na casa dela.** Estava esperando o pai da L. chegar. Aí aconteceu isso. Deduzo que minha mãe não teve condições de chegar e falar com o pai da L. Nisso fomos ao terço, lembro direitinho. Ele segurando na minha mão. L. devia ter uns dois anos por aí, pois eu sou mais velha do que ela. Quando a gente saiu de casa, o muro (não sei se você conhece) era daqueles de taipa. Tudo de barro. E aqueles buracos estavam pelo lado de dentro. Quando a gente saiu o pai da L. notou uma pessoa dentro daquele buraco que deveria ser meu pai. Estava de tocaia. Ou estava querendo me levar ou estava querendo matar o pai de L., porque ele ficou sabendo que a minha mãe já estava com a vida mais ou menos organizada; porque estava mesmo! A gente tinha tudo. **Eu lembro direitinho que esse moço que estava com ela fazia tudo pela L. e por mim.** Não tinha miséria não. Eu já tinha passado os meus bons bocados! E aconteceu isso. Ele foi embora e o pai de L. também. A gente não tem notícia. Eu há pouco tempo fiquei analisando: será que o meu pai não matou esse cara não? Por que ele desapareceu? Não se tem notícias. Minha mãe morreu com essa dúvida. O que é que aconteceu com ele? Ele se tinha o apelido de Manoel Mineiro.

A L. não tem muita lembrança disso. A L. é meio recalçada porque o nome dela é só o da minha mãe. Aí fomos viver uma vida difícil. Eu assistindo aquele filme do Zezé de Camargo vejo que a minha vida foi pior. **A minha mãe se desestruturou todinha. Ficamos numa casa que era alugada. Tivemos que sair dessa casa às custa de pedradas.** Que as pessoas que compraram a casa, que eu não sei se a casa era alugada, porque a minha mãe

dizia que era do pai da L. que vendeu e as pessoas que compraram era uma família difícil. Uns mineiros que não sei de onde tinha um monte de filhos. Esses filhos eram muito custosos. Eles diziam: tem que sair da casa. Até que a gente saiu. Fomos morar num quartinho da dona Rosa que rezava o terço. Ela era parteira. Como dizia, segurava menino. Meu Deus! Aí fomos morar. As coisas ficaram. A cama e um fogãozinho desse tamanho (faz gosto), onde só cabia a cama e esse fogãozinho e algumas coisas. E o resto de mudança, tudo do lado de fora ao sol. Aí a minha mãe começou a lavar roupa pra fora. Um belo dia apareceu um senhor que havia ficado viúvo que todos os dias passava por lá e via aquela peleja. Aí ele chegou pra minha mãe e falou: Quer cuidar das minhas roupas? Minha mãe disse: quero! Eu vivo disso. **E foi cuidar das roupas do senhor K.** Este senhor foi tão bom pra gente! Ele comia de marmita. Falava assim: eu não dou conta de comer a comida toda (**A estas alturas a gente passando fome!**) Você pode mandar lá buscar a janta, porque eu a separo e o pão eu lhe dou. Ia lá buscar. Ele morava longe. E a gente morando ali. De repente ele falou assim: **A senhora não tem condições de achar um outro lugar para comprar, não? Eu ajudo. E depois a senhora me paga. Até que minha mãe arrumou uma casinha de dois cômodos na Rua Mauá.** A gente morava na Rua Mauá. De dois cômodos. Uma casinha parecendo com aquelas (meia água). Só que era compridinha com duas janelas, um quarto e uma cozinha de chão batido. Não tinha cisterna. Só construída no terreno. Não tinha (como eles diziam naquela época) latrina ou privada. Só era aqueles trens de buraco. Aí o que é que acontecia? **A gente ia ao vizinho do lado.** Gente muito boa! Hoje mora lá no Núcleo Bandeirantes, como **se fosse da família da gente. Rezava ali. E usava a privada (dá uma risada). E assim foi. Tomava banho de copo, naquelas bacias enormes!** E minha mãe lavando roupa para os outros. Até que ela... em frente tinha **uma casa de um polonês refugiado da Segunda Guerra Mundial.** E muito sistemático. Ele tinha neurose de guerra. Ele não permitia entrada de ninguém estranho na casa dele. O que ele fez? A mulher dele contratou a minha mãe para lavar a roupa. Ele só permitia minha mãe na casa dele. Estranho! **E pegou uma amizade tão grande comigo e a L. A gente foi muito feliz. Eu cheguei onde estou com a ajuda do povo de Anápolis. Socorreu a minha mãe em todos os sentidos. Então a gente andou com a ajuda do povo de Anápolis.** Aí na nossa casa não tinha mesa, não tinha banco. Este senhor... Como se fala? Era mestre de obra do Hospital Evangélico. E ele era marceneiro, era pedreiro. Ele fazia de tudo, de tudo quanto é jeito. Falava enrolado. Ele se chamava E. B. Ele tinha uma amizade tão grande com minha mãe e com a gente. Ele deu um daqueles bancos compridos de fazenda. Não cabia lá dentro. Cabia assim: de noite a gente punha pra dentro o banco, só dava pra fechar a porta. Durante o dia ficava do lado de fora. **Quem chegava lá na nossa casa a gente passava pro lado de fora (sorri).** Ele chegava lá no sábado com (imita o polonês) umas moedinhas: aqui que eu trouxe pra vocês! E dava para L. e pra mim, pros filhos dele. Ele era gente boa, mas o dia que ele estava na veia dele, sai de perto! (ri). Ficamos ali. Mas antes a gente ia pra essa casa. **Eu esqueci desse detalhe mais doloroso da minha vida. Eu não tenho trauma, mas pra você ver como tem gente que não é boa, fez maldade. E fazer maldade com pessoas inocentes não é bom não. Acho que Deus não agrada disso, porque essa pessoa também teve um final de vida muito horrível!** É minha mãe arranhou um emprego no Hotel Oeste. Isso antes da gente morar nessa casinha. Antes que a gente conheceu o senhor K. Ele arrumou o emprego porque os donos deste hotel, um deles porque era sócio, era casado com a filha da comadre de minha mãe. Aí minha mãe foi e pediu ajuda. E eles arranham um emprego. Minha mãe lavava roupa e ajudava na cozinha. E nos levava também para lá.. Eu não esqueço nada de minha infância, apesar de ser muito novinha! **Eu lembro que o senhor A. levou a minha mãe com a gente lá na cozinha do Hotel e falou pra essa senhora: olha dona fulana, a senhora tem por obrigação dar o café da manhã, almoço, lanche da tarde e janta pra essas meninas.** Ela vai desempenhar a função de lavadeira das roupas do hotel e ajudante de cozinha. Aí no início ele fazia isso. Ela fazia,

eu me lembro o café com leite. Mas que delícia! Mas também antigamente as coisas eram gostosas. Hoje não. Não tem mais gosto. Trem sofisticado! Por aí vai! De repente essa mulher *de cor com aquela arrogância toda, dava ordem. Aí eu não sei por que cargas d'água ela arrumou uma implicância com a minha mãe. E o que ela fazia? Tinha dia que, de manhã ela dava o lanche no o almoço e o almoço com o lanche. Tinha dia que ela não dava nada. Minha mãe como precisava do emprego ficava às vezes morrendo de fome. Aí a mulher às vezes autorizava dar a comida. Minha mãe colocou eu e a L. na despensa do hotel. E a gente ficava feito cachorrinho. A gente ficava brincando o dia inteiro por ali. Sentadas ali aguardando. Ela vinha com o prato de comida e fazia assim: jogava pra nós a comida. E a gente com aquela fome danada!* Aquele negócio estranho. O dia que ela não punha comida, minha mãe passava nos... Sabe desses quiosques de beira de esquina, de estrada? Então tinha um hotel. Você se lembra da Praça Oeste? Conheceu? Ali tinha um hotel que se chamava Hotel Oeste. Hoje parece que tem um mercado ou não é mais mercado? Aí um dia minha mãe chegou num daqueles quiosques. Olha as coincidências! Falou: ô senhor me vende desses biscoitos? **As minhas filhas estão morrendo de fome. E eu pago pro senhor no fim do mês.** O senhor não me conhece, mas eu te pago. E ele vendeu. Aí a gente chegava em casa. Ela fazia água doce de açúcar e a gente comia aquelas petas bem grandes assim. E aí ela ficou naquela amizade. Ele vendendo fiado para ela. Aí depois ela saiu do emprego porque ela já tava vendendo que não dava mais. Aí foi lavar roupa e trabalhar em cozinha dos outros. Só que ela não levava a gente. Ficávamos trancadas dentro de casa. Não saía pra nada. Brincando as duas ali. Não tinha nada pra brincar. Mas a gente inventava. Ficava ali. Quando chegava a hora do almoço as pessoas, os patrões davam a comida para ela. E ela falava: eu posso fazer o meu prato? Fazia o prato. Porque ela sempre trabalhou bem. **Para mim e a L. ela dava. Levava. Eu lembro que eu mais L. sustentava as filhas e dividia.** Isso é meu e isso é seu. Tinha vez que ela brigava comigo, que eu esta comendo mais do que ela ( sorri). Aí tudo bem. Ficou isso muito tempo. Aí depois ela conseguiu com gratificações e se estabilizou.

**Passei dez anos sem fazer nada porque eu queria um curso profissionalizante. Embora se eu tivesse tido condições teria feito farmácia, não contabilidade. Como eu não tinha condições de prosseguir porque era curso científico e só tinha lá no colégio dos Frades Franciscanos e aí era um curso assim esse dava, só te dava base para continuar estudando, fazer vestibular. Aí como eu não podia... fiquei dez anos sem estudar. E quando eu parei e tive ficar com o meu emprego. No meu primeiro emprego fiquei um ano e meio. E no meu primeiro emprego comecei na faxina, limpando chão, espanando prateleira, arrumando vitrine. Depois passei pro balcão. Do balcão trabalhei na discoteca da empresa. Lá vendi muito disso. Muita “Boneca Cobiçada”. Não esqueço disso (ri). E, do balcão eu passei para o caixa. No escritório é onde eu me projetei. Eu aprendi contabilidade sozinha. Fazia todo o movimento do escritório: entradas, saídas, despesas, né! Eram pedido por uns lançamentos cor-de-rosa, amarelo, branco... *aí eu comecei a prestar atenção naquilo. Aí eu aprendi sozinha. Eu fui tirar o técnico de contabilidade só para ter o diploma.* Eu já sabia. Fechava balanço e tudo. E tinha um parente sócio da empresa que ia lá no final do balanço, sem nenhum trabalho. Eu disse para ele: ô rapaz, eu ainda vou ter um escritório onde ninguém mais vai ganhar dinheiro às minhas custas. Foi o que aconteceu. Aí nesse período que eu vim fazer o técnico de contabilidade. A empresa faliu. Ela não faliu, ela fechou. Aí o que aconteceu? Eu tive muitas propostas de emprego até por professores do colégio que davam aulas de contabilidade. Eles diziam para eu trabalhar com eles. Mas aí o meu professor de contabilidade Geral se chamava E., ele tinha um escritório de contabilidade. E a minha intenção era vir para Brasília e montar um escritório. Eu sabia fazer contabilidade daquela empresa. Aí no desenrolar do curso eu vi que era tudo igual, mas com alguns aspectos diferentes assim de administração de... o meu fez alunos melhores. Convidou para trabalhar no escritório dele. Eu ia ficar desempregada. Deixei**

de ganhar salários altos como empregada, como até outros profissionais e outras empresas para ir **trabalhar pra ele só pra aprender**. Eu lembro que eu ganhava só 120 cruzeiros. A moeda da época era cruzeiro. Isso era 1968. aí eu deixei de ganhar 300, 400 pra poder trabalhar com ele. Na hora ele não queria me liberar para vir para Brasília não. **Eu fazia quinze escritas, Oh! Manual! Eu fiz escritas dos Caiados importantes**, das fazendas deles. Aí fazia comércio, fazia quer dizer, eu vi todo tipo de contabilidade porque contabilidade tem a bancária, comercial, a industrial. Por aí vai, né! Pra eu ver que tipo de contabilidade. **Quando eu vim para cá ele até me deu uma carta de recomendação de políticos, de uma televisão, mas eu não quis não. Era gente enrolada. Não queria começar com gente enrolada não!** E aí eu abri o escritório no 69. eu vim, é... escritório era um escritório imobiliário aonde eu tava sendo sócia dessa imobiliária. Aí eu vim pra trabalhar como secretária de manhã e à tarde ele (W). já tava pegando escrita assim pequenas. A empresa que eu trabalhei era dele. Trabalhei onze anos e meio. Aí ele quebrou (incompreensível a gravação) . uma pessoa que foi até presidente do clube lojista de Anápolis. Veio como trabalhador braçal. Mas aceitou porque pra não ficar à toa e tendo a família para cuidar. Aí ele foi, começou a pegar escrita. Ele não entendia nada disso. Entendia de comércio. E eu tinha umas três já. Então eu fazia. E uma senhora onde tinha imobiliária. Era o marido dela, como o finado marido. E eu vim como secretária. Ela que me deu um empurrão. Tanto o W. como eu. Ele como sócio do marido dela permitiu que eu viesse para trabalhar. Como eu vim sem emprego nenhum me prezava como boa funcionária, inclusive minha indenização nessa época, o fundo de garantia foi fundado em 1966. e a empresa fechou em 68. Aí nessa época tinha que, quem não tinha opção, porque a lei era nova, a indenização era paga um salário para cada ano de estabilidade.... (incompreensível) eu tomei um prejuízo muito grande. Eu ainda tenho coisas dessa indenização: o cofre que tenho no escritório dói dessa indenização, mesa, cadeiras. Entendeu? Tudo dessa indenização. Aí montou o escritório, tudo bem! Eu comecei a trabalhar. Fui trabalhar depois... essa imobiliária não estava dando certo. Aí eles fecharam essa imobiliária. E a dona mais o seu finado A. que morreu no ano passado. Pegou os móveis da imobiliária e falou assim: vocês podem usar, quando vocês puderem pagar com o escritório... e aí a gente fez isso. Aí a gente pagava o aluguel da sala para eles. E fomos. Fomos arrumando. Aí eu fui trabalhar para um sírio num armazém atacadista. Fiquei três meses organizando a contabilidade dele. **Quando chegou na hora de me pagam o cara não quis me pagar não. Eu saí com tanta raiva! E eu peguei a minha sombrinha, que estava pra chover. Fui armada de sombrinha. Se esse cara não pagasse eu sentava essa sombrinha na cabeça dele (ri) com raiva.** Você passando por necessidade por causa do dinheiro e o cara não pagava, mas aí eu falei. Aí nós ficamos só no escritório. E o escritório começou até crescer. Isso era 1969. Cresceu. De repente em 70 teve uma reviravolta. Aí eu fiz vestibular em fevereiro e comecei a estudar em 1970. e trabalhando só no escritório. E o W. trabalhando na limpeza pública. E eu ficava no escritório. Era só um período que ele trabalhava. Ele dava assistência no escritório. Tinha muito carisma. Arrumou muitos clientes. Apesar de não ter assim grande instrução à altura, mas ele tinha o primeiro grau. Mas o primeiro grau daquela época mais a experiência... Aí a família dele morava na W3 num barraco de madeira que era da irmã dele, não cobrava aluguel nem nada. (incompreensível). E a gente morando na casa dos outros, eu e a Letícia. Ela sofreu aqui em Brasília mais do que eu. **Eu morro ora que lembro. Fico com tanta dó da Letícia!** Porque a gente morou na casa do pessoal que, eu que chegava cedo tinha comida direitinho! E ela chegava tarde lá do Gama num pau-de-arara do Governo que era ruim demais. Aí às vezes não tinha mais comida para ela. Aí em 1970, B. que era cunhado dele. B. morreu em 68. Ele tinha um apartamento na 404, militar. Ele chegou lá onde a gente morava como se fosse família. Aí ele queria devolver o Apartamento porque era funcional e achava um desaforo. E ele chegou lá e disse: eu vou botar vocês é pra vigiar o apartamento. Fiquem lá. Só paguem a taxa de quitação. E como a gente já

o chamava de tio e minha mãe tinha consideração por ele... Não quis por parente nenhum com ele, nem sobrinho nem anda. A gente foi morar ali. Aí saímos da casa dos outros. Aí buscamos minha mãe. A gente se fixou ali seis anos porque ela morreu em 1976 (a mãe). Só sei... aí depois esse escritório não deu certo. Em 70 ele começou a ficar ruim. Vamos fechar o escritório. Eu saí da Faculdade. Não dava pra pagar. A L. estava bem na Fundação. Eu disse a ela: vou trancar a faculdade porque não dá mais para pagar. Ela me disse: o dinheiro que está sobrando do escritório dá pra você pagar a faculdade? Eu falei: dá. Só não dá para ajudar em casa. Pois então vá continuar estudando e eu vou ficar com as despesas da casa sozinha. E vamos ver até onde o escritório dá pra ficar. E eu vou arranjar emprego. E o W. , né trabalhando também nessa limpeza pública. De repente trocou o chefe dele. E o escritório ruim. Trocou o chefe dele e eu aí arrumei um emprego. L. com as amizades dela com a ex-irmã N. que era secretária executiva desse Conselho. Perguntou para ela assim; você conhece alguém para assumir a contabilidade lá do Conselho. A L.: ta falando com a pessoa certa. A minha irmã está precisando de um emprego urgente, urgentíssimo! Aí eu fui. Mas não fechei o escritório. Não fechei porque... vou ver até onde dá, já que eu arrumei o emprego. E o W. trabalhando. Ele ficou num período e eu ficava noutro. Aí ele trabalhava de manhã e eu ficava no escritório de manhã. E ele ficava no escritório de tarde e eu ia para o Conselho. O escritório foi melhorando depois que eu arrumei o emprego. Mas aí (gravação incompreensível)... ele exercia a função que não era aquela que estava registrado na carteira, trabalhador braçal. Gari. Aí, gente... ele fazia o quê? Ele andava nesses caminhões de lixo cronometrando, gari. Ele não varria. Fazia isso. Aí trocou o chefe dele e o governo... Cada um vai ter que exercer a função das qual foi registrado, dizia o chefe. Era um chefe chato. Eu achei isso muito doloroso para uma pessoa que veio dum comércio quebrado e aceitou trabalhar aí na limpeza pública. Só que ele não estava registrado numa função e exercia outra que não era ruim para ele. Uma pessoa que foi até presidente do clube lojista de Anápolis. Teve lá suas glórias. Foi meu patrão. A estas alturas eu já estou empregada. O escritório está mais ou menos bem. E aí eu disse: agora não pode pedir demissão e a gente agüenta as pontas, pelo menos ajuda mais aqui no período em que eu não estiver aqui. Eu não o deixei varrer rua não. Acho que eu fiz certo. A clientela do escritório até hoje que eu tenho foi ele. Ele tinha um carisma muito grande! E foi estragar a bola com outra pessoa ( ela mesma, e dá uma risada). Aí a família dele disse: vou falar com ele. Houve desavença muito grande. A finada esposa foi pro lado da filha porque ele xingou a filha dele... Quem é você para ta falando da minha moral e não me deixar ir pro passeio a Caldas Novas (naquela época) com o namorado. Ela tinha descoberto que ele tava com um romance fora de casa. Aí eu falei: a mulher dele era bem mais velha do que ele, pesa por esse lado também. Mas era bem mesmo! Houve desavença. Eles tocaram-no de casa. Saiu e pediu o divórcio. Não teve volta. Mas nunca deixou de ajudar a família. Aí eles voltaram para Anápolis, depois de dez anos de divórcio. Mas eu, aí depois: vou casar com você. Falei: Quê isso? **Enrolei dez anos pra me decidir (ri). Aí casei no civil com ele, porque dois anos depois que ela morreu. Ele tinha dez anos que estava divorciado. Mas aí depois ele me atentava muito ( ri).** Aí eu falei: quer saber de uma coisa. A L. não era muito a favor, não. **Ele foi uma pessoa que me ajudou muito. Deu muito apoio com negócio de emprego. Trabalhei esses anos todos com ele. Ajudou muito, sabe. Eu era muito amiga da família.** Até hoje, né! Só os filhos que, depois que ele decidiu casar comigo eles não enguliram isso não! Mas ele já estava divorciado. A mulher já estava assim, condenada. Aí quando eu casei com ele um ano depois que ela morreu. Foi quando eu fiquei com ele. Aí quando ele tava passando muito mal... o sonho dele era casar na Igreja. Ele era casado com a esposa dele na Igreja e no civil. Ele realmente não podia casar, né, na Igreja. Aí nós casamos só no civil. O casamento foi aqui em casa. Aí ele foi, quando ele estava muito mal, hospitalizado ele falava: vamos casar no religioso. Eu falava: deixa isso pra lá! Ta bom assim! Mas ele estava passando muito mal e não pode receber os sacramentos, né! Lá dentro

do hospital nós casamos. A sobrinha dele mito religiosa foi e chamou o padre lá da igreja Nossa Senhora de Guadalupe. O Padre foi lá e deu toda a assistência pra gente no hospital. Fez o casamento. O filho dele foi testemunha. Nós achamos bonito. Nós casamos. Ele não estava muito lúcido não! **Que depois que ele operou da cabeça. Que ele levou um tombo nessa escada ( do apartamento) essa escada aí que é responsável. Aí operou... depois ficou lúcido, mas ele arrumou uma pneumonia. Acho que até uma infecção pulmonar. Ele tinha um câncer. Mas aí já estava debilitado e arrumou uma pneumonia. Morreu de falência dos órgãos. Ficou muito tempo na UTI entubado. Sofreu muito. Aí a gente casou no hospital.** Aí completou o casamento. É isso aí! Tem muito mais coisas.

Apesar desses momentos mais difíceis da minha vida eu nunca tive revolta. **Sempre aceitei tudo. Eu tenho um lema assim: nada acontece por acaso. Se está acontecendo é porque você tem é que, de uma forma ou de outra sair disso,** não com revolta. Nunca revoltei. Nunca tive trauma na minha vida. **Nunca tive depressão.** Outro dia eu acho que é por causa de um remédio de pressão eu comecei a sentir insegura. Eu nunca fui insegura. A única insegurança que eu tenho na vida, é porque não gosto de água de jeito nenhum. Morro de medo de água. Eu vou para a praia, mas não entro no mar de jeito nenhum. Dá uma insegurança, assim de que eu não vou dar conta de fazer isso. Insegurança eu não tenho dinheiro... eu vou passar. A L. ela tem trauma de não ter o nome do pai. Agora não. Porque ela viu que isso era besteira. Ela começou com esse trauma no momento em que ela entrou dentro da igreja pra casa. O marido dela era filho de mãe solteira. Entendeu. E ali eu vi agora. O casamento da L. minha mãe estava perto. Um negócio muito estranho. E a L. tinha uns tabus muito esquisitos que às vezes, ela tinha vergonha de minha mãe. A minha **mãe era analfabeta. Mas era de uma sabedoria tão grande, mas tão grande que eu admiro até hoje.** E era muito devota de Santo Antônio. Quando éramos pequenas, a L. tinha sete anos, porque ela era de 42, e eu tinha 11. Ela (mãe) em 49 quando celebrou a primeira missa na Santo Antônio que era uma capela. Então **ela era muito devota.** A gente já escutava, não sei. Eu sei que ela foi assistir a missa e tudo. **Chegou e falou pra Santo Antônio nos tomar conta como protetor,** às despensas dele. Fazia tudo pela gente. **Aí a gente tem uma devoção tão grande por Santo Antônio.** Ela já tinha. Era da Pia União. Quando ela estava doente ela mesma fazia uma trezena, aconteceu um fato tão estranho que ela estava com um castiçal na mão. Que era um castiçal de barro com asinha, igual uma xícara. E a menina que morava com a gente, que a gente buscou no Maranhão para poder fazer companhia para ela, vinha e dava o castiçal para ela e o livrinho. Aí ela começava a rezar. Eu não sei em qual dia da trezena, né! Não sei se na terça-feira, porque são treze! Ela sentada. Ela estava com câncer. Ela rezando. Ela devia saber que estava com doença grave. Aí rezando. De repente saiu, descolou a asinha com a vela acesa. Descolou e caiu. Quase provoca um incêndio. Sonhei que isso estava dizendo para ela: não adianta igualzinho, falou pra mim que com a doença da menina da L. já havia acontecido várias vezes.

Uma das coisas que mais me marcou foi essa da menina da L. e essa da minha mãe. E também a história de umas jóias que estavam desaparecidas e que a L. tinha a intenção de doá-las a Santo Antonio, se a filha dela fosse curada. Quando aconteceu o falecimento dela as jóias apareceram. Isso me marcou. E me arrepiava todinha!

**Vejo também um milagre da Madre Paulina.** Isso já foi aqui em Brasília com a irmã de uma funcionária de minha da farmácia que tinha tumores no útero e era recém casada. Ela tinha por objetivo ter filhos. No entanto, ao consultar o médico ele falou para ela que teria que retirar o útero. Ela se desesperou pensando em se matar dirigindo um fusca. Ao entrar numa igreja, porém desistiu. Mas eu não pude detectar se foi a minha parte porque toda a minha família rezou também. **Mas eu fiz uma novena.**

**Eu sempre encontro forças para superar as adversidades apelando para Deus, e Santo Antônio. Eu acho que foi ele quem cuidou e ainda cuida.** Por que eu nunca falei

assim: Ah! Meu Deus será que estou merecendo isso? Eu não faço assim. Eu nunca falo. Então eu não falo isso. Tem gente que fala assim: eu estou me... mas por que eu? Porque estou passando isso. Olha que eu já tive tanta coisa na minha vida. Quando a menina da L. ficou doente, de março a novembro de 1980, **eu tive que fazer uma cirurgia de vesícula. Aí até procurei esse povo espírita. Aí porque eu estava com medo de fazer a cirurgia. Mas eu sou assim muito cética, eu não, eu gosto é de testar pra ver se acontece. Eu fui num cara lá em Abadiânia. Não sei se você já ouviu falar sobre aquele cara. João não sei das quantas. E fui lá porque ele operava e você não precisa ir para o hospital. E o cara me operou coisíssima nenhuma ( ri).** A gente fazia crítica. Aí tirei a radiografia e estavam lá as pedrinhas, todinhas! Aí fui lá. Fiz tudo o que ele mandou, mas assim com um pé atrás. Esse cara vai operar o quê? Quer dizer, eu não vacilei não, porque eu não acreditei não. Eu vou é por curiosidade. Entendeu? ( ri). Tirei as radiografias e depois as pedras estavam todas no lugar. A gente ri. Vai procurar mais, vai? A L. veio com essa menina doente, coitadinha! Era só um milagre para curar essa menina.

O problema de Vila Velha não foi de desespero, foi de cobrar que **eu sou muito é burra. Fiquei com raiva de ser burra. Mas** não foi desespero. Porque eu acho assim: tudo o que acontece na sua vida de bom ou de ruim. *Eu sou muito de tirar lição de vida, de todas as coisas ruins que (me) acontecem.* E quando eu vejo passa. **É, a morte da minha mãe. A minha mãe era alcoólatra. Nossa! Para você ver. Era para eu ser uma pessoa revoltada. E nunca tive isso (gesto) de vergonha dela.** Porque ela ficou alcoólatra de tanto sofrimento. Ela detestava bebida. De repente ela se viu uma alcoólatra. Ela ia lavar roupa lá no córrego de... (incompreensível) não sei se você conheceu ou se ouviu falar. Pega as trouxas de roupas e ia pra lá para lavar roupas para poder sustenta a gente. E iam umas senhoras junto. E elas levavam garrafa de pinga. E o que acontecia? **Foi até minha mãe beber. E se tornou uma alcoólatra. Olha, a gente essa foi a parte que mais sofri na minha vida.** Mas a L. não chegava nem perto. Eu ia dentro das vendas pegar a minha mãe. Tava lá bebendo com aqueles pés-inchados. E o povo de Anápolis não abandonava ela, não. Às vezes ela estava em casa lavando, passando! Ficava uma semana, duas semanas só bebendo, bebendo. Todas as famílias que ela trabalhou lá a respeitavam. Aí ficava mais uma semana. Bebia, bebia, bebia! Ficava uma semana de cama porque ela não comia. Quê que a gente fazia? Eu já trabalhava. A L. trabalhando. Aí o que é que acontecia? A gente chegava em casa para almoçar. Cadê o almoço? Se tinha almoço como é que você ia almoçar se estava bom ou se tava ruim? Ou se estava bem feita? Aí tinha uma vizinha de frente que minha mãe trabalhou pra ela. Ela se chamava Maria. Tinha o apelido de Maria do Benedito. Quando eu passava na hora almoço, ela dizia: minha filha vem almoçar aqui hoje, porque lá na sua casa não tem almoço não. Aí às vezes eu aceitava outras vezes não aceitava. Chegava lá era uma tristeza. Mas nunca me desesperei. Quantas vezes chegava tarde... Minha mãe bebia, mas não caía não. Ela ia direitinho pra casa, e se deitava.

**Nessas horas era sempre o Senhor quem me dava forças. Só pode ser, mesmo que eu não me lembrasse Dele, mas era uma coisa que me movia. Ia e limpava o vomito dela. Coisa que eu tenho mais nojo na minha sobrinha que está morando comigo agora...**

Outro dia eu falei: agora os meus sonhos, o meu **projeto é este: pagar as minhas dívidas, todinhas!** Porque **eu nos últimos anos para cá só vivo endividada e não consigo desenrolar.** Esse escritório com **a mudança para Vila Velha, ô parte da minha vida!**... (incompreensível). Estava com a vida toda estabilizada. **Aí meu marido está instável. Instável assim: tem de ser do jeito que eu quero e tinha que fazer.** Vamos para Vila Velha. Vamos arrendar o escritório. O M. tomava conta. E fomos. **Comprei aquele apartamento lá que está me dando dor de cabeça até hoje.** Aí que aconteceu? Chega lá depois de um ano e meio meu marido ficou doente. **Mas em todo lugar em que estou eu arrumo alguém pra ficar sempre do meu lado, o Espírito Santo.** Nesse lugar que eu não conhecia ninguém.

Mas **as pessoas ajudando**. Eu não dirijo. Quer dizer, tenho a carteira, mas não dirijo. Tinha todos os dias de ir a Vitória para fazer lá uma esclerose, um problema que ele tinha... Aí essa pessoa dessa imobiliária que foi quem comprou esse apartamento para mim e agora está tentando vender e desenrolar a minha vida com esse apartamento. Depois disso deu esse problema. O dia que eu tinha que ir muitas vezes ( a Vitória) ela foi. **Quando ela não ia, os filhos iam dirigindo**. Me levavam e ficavam à minha espera. **É em qualquer lugar que eu esteja tem alguém que me ajuda**. E a L. também Porque a minha mãe foi uma pessoa que se doava e se pudesse ela arrancava o coração e dava. **E a gente tem. Não tem como ela não. Mas tem mais ou menos. Então aonde a gente está a gente arruma gente para ajudar a gente nas horas mais difíceis. Então o quê que é isso? É a ajuda de Deus e das pessoas. A gente tem sempre alguém dando apoio. Segura na mão de Deus e vai. Entendeu?** Então eu sofri demais. Voltei para cá. **Paguei os meus pecados**. O cara embirrou nesse apartamento aqui (que ela alugou). Não quis sair. Prometeu que entregava dentro de três dias. Eu cheguei no dia 27/09 de 89 e que no dia 30 o apartamento estaria desocupado. E foi um ano e meio. E eu morava na casa de uma amiga lá na ponta (Asa Norte). Foi (o sujeito do apartamento) e me buscou lá no aeroporto e deixou a gente como... As coisas têm que ser tudo certinho (para o meu marido), mas na individualidade dele. Já imaginou? Morar num quarto e que seu espaço ficou reduzido? E eu analisando e tirando as minhas conclusões. **Meu Deus! É eu não sei o que é que está me cobrando, mas eu só estou analisando, me perdoe! Eu com um imóvel em Vila Velha, um em Brasília e um em Anápolis e eu dentro de um fusca passando sede. Sem horário para comer. Sendo que banheiro num vi o dia inteiro**. Parecendo doida andando, andando, andando. Na casa dela inventou de costurar. Levava costureiras direto para casa. A máquina ficava no quarto que a gente ficava. Ela tem duas filhas. Ela e as quatro costureiras ali dentro. Costuravam, experimentavam roupas. Privacidade nenhuma. E vamos que vamos. E eu analisando. **Sr. W. quem te viu e quem te vê! O sr é tão chato com suas coisas. Faz restrição com tudo**. E agora tem que agüentar isso aí. Eu falando, aplicando. Eu com os três imóveis e a gente aqui, com a mala na cabeça. Pagando os pecados mesmo. Deixa pra lá. Quero ver até onde isso vai. E o cara que morava aqui passava e o meu marido o conhecia muito, porque eu aluguei o apartamento e ele não envolveu muito em nada. Ele dizia: eu não tenho nenhum prego disso aí. E eu não o conhecia ele bem. O cara saía daqui e fazia maior chacota comigo aí em baixo. Falava maior besteira comigo e eu caladinha. *Um dia chegou uma senhora que morava do lado e falou: vamos ali naquela casa de pai-de-santo comprar um pozinho que ele saí dentro de vinte e quatro horas. Aí a que eu morava na casa dela, essa minha amiga: eu tenho coragem de entrar e colocar. E eu rezando, rezando! Um dia eu falei pra Santo Antonio. Qual é Santo Antônio? O senhor tem que resolver isso hoje, que não dá mais não! Aí eu fui. Falei para ela. Se eu não tirar ele através de minhas rezas, através do Diabo eu não vou fazer isso não. O lá de cima é que sabe a hora que ele tem que sair*. Aí ela quietou. Aí quando foi um dia, ele (o marido) tava revoltado. Até isso eu tive que administrar. Ele falou assim: que a gente tem a chave daqui e o cara não trocou. Eu vou entrar dentro daquele apartamento, porque ele fica o dia inteiro fora. Vou entrar lá e esperar aquele cara e dar um tiro na testa dele. Que é isso rapaz! Pode fazer isso não! E aí o medo dele pegar arma e fazer mesmo. Porque quando ele queria uma coisa ele queria mesmo! E fiquei: gente como é que pode! Aí outro dia eu falei para Lílian: acho que falei na hora errada aquela história de mala-na-cabeça. Então agora estou pagando. Um dia eles me fizeram raiva e eles não tinham apartamento e viviam pagando aluguel. Viviam pagando aluguel, mas agora não. Eu achava assim. E um dia ela desdenhou de eu morar na Asa Norte. E aí a gente... aluga um apartamento na Asa Norte. E eu peguei e falei assim: olha vivem com mala na cabeça. Vive com esse rompante. Não tem nem onde morar. Falei isso pra ela. Aí depois que eu fiquei com minha mala na cabeça. Ih! Já tão castigando! Pra que fui falar isso para ela. Mas eu sofri. A época que eu mais sofri foram essas duas.

De tudo que lhe falei, você acha que tem proveito para você? Porque se eu vou contar o resto das coisas, nossa Senhora, dá um livro! Eu já falei que ainda vou escrever um livro. **Eu gostei de falar dessas coisas. É bom pra gente de vez em quando falar das coisas, para refletir porque eu tiro muitas lições da vida das coisas boas e ruins.** E sempre pensei assim: **gente, mas Deus é tão bom que na hora certa ele resolve as minhas coisas. Ele só não resolve, deixa a gente às vezes sofrer um bocadinho pra gente aprender ter paciência.** Esse negócio de Vila Velha. **Mas um dia falei pra Santo Antônio:** porque o sobrinho do W. disse que ia resolver esse negócio pra gente. Caiu na segunda Instância. Aí ele chegou lá e falou assim: Eu vou dar um jeito. E tinha lá um juiz que era parente do W., mas não podia fazer muita coisa na segunda instância. Mas não adiantava o processo. Mas o cara... Eu falava assim: **quanto mais eu rezo esse cara mais força ele tem pra ficar dentro do apartamento. E fica fazendo tudo que não deve. E ninguém consegue tirar ele de lá!** A irmã dele que estava no Rio de Janeiro, eu ligava pra ela. É, não podemos fazer nada. Isso é coisa do Brasil. É a parte social do Brasil. E falei: eu que tinha que carregar seu irmão nas costas! Quando o processo caiu na 2ª instância, aí eu falei: não é possível. Esse homem tem alguma **coisa muito forte pro lado dele porque as minhas rezas não estão valendo. Mas não com revolta. As minhas rezas não estão valendo, o que está acontecendo?** Aí nesse dia, não sei se foi revolta, o que foi? Fiquei com raiva. E aí o M. chegou com um juiz do lado com o protocolo na mão, e falou: eu não posso fazer nada. Caiu na mão do desembargador. Esse é que não trabalha mesmo! Você vai ver e a gente não tem condições de fazer nada. É o terror do tribunal. Aí quando ele falou isso pra mim, eu falei: gente, saiu da 1ª instância, o homem ganhou todas. Caiu na 2ª instância. Agora é que ele vai achar que vão morar de graça pro resto da vida. Ele estava usando a denúncia vazia. **Aí eu peguei e falei: M., isso é coisa de Deus ou do Diabo? Porque eu já não estou entendendo mais nada. Peguei o protocolo e sai mais meu marido. E falei assim: ô Santo Antônio, de hoje não passa. Não dá mais pra ficar morando na casa dos outros ( ri). No outro dia de manhã eu estava com muita coragem e fui lá enfrentar esse homem.** Porque o meu advogado falou que, se caiu na 2ª instância a gente não tem o que fazer com esses desembargadores. Eles não dão muita chance pros advogados não. Tem que ser no corpo-a-corpo. Aí ele já tinha falado pra mim. É hoje! Aí cheguei lá. A assessora dele estava lá. E ele tava mexendo com... ele era presidente dessa coisa eleitoral. Era época de eleição. Aí eu falei: a senhora está querendo privilégio. Tem uma lista que bota seu nome lá para poder o processo andar. Eu falei: eu não sei se estou ( querendo privilégio) não. Porque já está quase um ano e meio e esse processo lá na 2ª instância era novo. Tinha 14 dias. Ela falou: não, esse processo é novo aqui. Eu disse: **não estou querendo privilégio não, estou querendo, estou pedindo pelo amor de Deus para resolver meu problema porque não dá mais.** Aí, qual é o seu problema? Contei a ela. Aí ela me desanima. Ah! Pois eu tive desse aqui dentro do tribunal comigo mesma, ainda levou não sei quanto tempo. **E aí eu fiquei no ouvido dela repetindo, repetindo!** Mas eu não posso fazer nada pra senhora (faz imitação). Eu não tenho como. Aí quando ele falou que o processo era novo e que eu já sabia a fama do desembargador. Falei pra ela: é ele ainda tem fama que não gosta de trabalhar e ainda não está aqui. O que a gente faz? Também não é assim, disse a senhora (faz imitação). Falei, pois é! A fama dele é essa. Ela foi. **Fiquei só enchendo a paciência dela)** Ela me deu um papel. Bota o seu “pelo amor de Deus” nesse papel aqui. Eu: é pra já! Aí tinha uma mesa lá e uma caneta. Aí me ajoelhei. Estou lá redigindo, contando tudo pra ele. Mas hora nenhuma falei mal do cara. Só contei a história do começo ao fim. Coloquei pra ele assim que eu contava com a... que eu só tinha apelado pela justiça porque eu não vi meios para resolver o problema. Eu havia feito vários acordos com ele e não tinha solução nenhuma pra mim. Então eu resolvi apelar para a justiça e que eu contava com o bom senso dele. E contei tudo. Que saí daqui por problema de saúde. Voltei por problema de saúde. Porque eu fui por causa da saúde minha. **A minha médica falou: vai descansar senão**

**você vai pirar.** Aí eu fui. Mas o meu marido queria ir demais pra lá (Vila Vella). Se eu não fosse ele morria. Eu não quero morrer sem ir morar lá. E voltei por causa de saúde dele. Eu ainda tomei prejuízo porque minha mudança estava na casa dela... (incompreensível). Aí a moça falou assim: olha, contei todo prejuízo que tinha sofrido e tudo. E que eu não alugava um apartamento porque não tinha condições. Botei isso pra ele. Que se eu tivesse alugaria um apartamento, que eu não tinha. Que ele mesmo poderia ver como a declaração da senhora que eu estava na casa dela de favor. Que eu vivia como hóspede. Eu ainda estava na casa dela até naquela hora. E que contava com o bom senso dele. **Que só apelei pela justiça porque não vi outro caminho.** A moça falou: eu entrego pra ele hoje. Isso era uma quinta-feira. Na outra quinta-feira você vai. Quando eu cheguei lá na outra quinta-feira o negócio já estava lá. Tinha que passar nas mãos de três desembargadores e ele era o relator. Aí o negócio toda na mão do segundo desembargador. Quer dizer que o negócio andou rápido. E agora? Agora a senhora vai lá e pede para o E, de preferência. E já estava na época das férias forenses. Ih! Vou perder... se não correr. Cheguei lá, falei com assessor do outro. E aí fiquei naquela lista de espera. Era a 40ª. E já ia entrar de férias e só em agosto. Aí vim embora. Mas assim bom. Mas adiantou bem. Mas vou perder mesmo. Fiquei preocupada (ri). Vai demorar mais isso. Cheguei ao escritório tinha um cliente. Toda a clientela solidária. E eu vim mais pressionada pelos clientes. Tinha oito firmas. E ligava pra mim lá em Vila Velha que não tava tendo boa assistência. Aí eu peguei e resolvi. No dia treze de junho eu estava aqui, porque eu tinha vindo para assistir a um casamento do sobrinho do W. lá em Inhumas. Esse dito cujo me ligou e falou assim: se a senhora não voltar eu estou saindo de lá hoje. E sou muito perseguida pelas pessoas nas minhas costas. Minha cunhada. Aí eu fui, **decidi com Santo Antônio. Decidi que estava voltando. Quando eu chego. Ele disse que estava saindo. Saiu. Só descobri depois que estava morando no imóvel dele, porque eu fiquei... Ah! Esse dia eu revoltei. Tenho uma revolta sim.** Porque quando eu chego sou apunhalada pelas costas. E me encontro numa situação dessas. Esse cara também me apunhalando pelas costas. E eu pelejando para reaver meu imóvel (repete). Também ajudando a montar o escritório... Aí eu fui. Cheguei pra ele esse dia. *Estava revoltada.* Mas não resolveu seu problema. Falei não senhor. Vou morar na sua casa. Não dá mais para morar na casa dos outros, vou morar na sua casa. Me faz voltar. Agora você vai resolver. *Não é revolta. Raiva de ver sacanagem do cara.* Eu falei isso para ele. Vem embora e aconteceu isso deu ir lá. Agora voltando lá no desembargador. Cheguei ao escritório estava esse cliente. O cliente falou: e aí resolveu alguma coisa? Eu falei: resolvi. Só que eu vou perder mais tempo. Me mandaram pro desembargador E.. Quem? Desembargador E. Aí talvez eu perca mais um mês, porque vão entrar de férias forenses. Eu deixei meu nome lá. Estou no 40º lugar. Para ele adiantar meu processo. Aí ele falou assim: dê-me esse protocolo! E telefona para o desembargador. E a partir daí o processo se desenrolou mais rapidamente.

Apesar de todas as adversidades que passei a mensagem que deixo para as novas gerações é que não percam nunca a esperança e sejam fortes na fé. Agradeçam por tudo o que aconteçam com eles. *Nada acontece por acaso. Tenham muita fé.*

## HISTÓRIA DE VIDA 4

Identificação: HV4M  
Nome: JN  
Identificação:  
Idade: 70 anos  
Grau de instrução: Secundária  
Procedência: Manaus, AM  
Estado civil: casado  
Filhos: 3 filhos  
Profissão: Militar  
Saúde: Bem  
Prática religiosa: Católico

A história da minha vida começou, como não poderia deixar de ser, onde eu nasci, em Manaus, AM, num bairro chamado São Raimundo, situado numa ilha. Não tinha ponte. Não tinha nada. Para chegarmos ao centro mais provido que era a cidade, como a gente chamava, tínhamos que atravessar de canoa. Havia um colégio nesse bairro onde se estudava até completar o primário. Para se fazer o admissão, que era o bicho papão daquela época, tinha que tentava na cidade e quase sempre ninguém passava, porque o pessoal da cidade era mais bem preparado. Na cidade haviam colégios particulares, enquanto que o nosso era o Colégio Olavo Bilac, um colégio do governo, em um bairro muito pobre. Nós não tínhamos base para passar. Tanto é que eu parei de estudar e só fui recomeçar os estudos quando fui em 1950, mais ou menos, setembro ou outubro para o Rio de Janeiro. Eu tinha 15 anos. E lá eu continuei os meus estudos. **Mas voltando um pouco ao nosso bairro.** Nós, meninos, tínhamos aqueles devaneios de crianças de dez, onze e doze anos. Nós víamos aqueles filmes da Atlântida do Rio de Janeiro. Eu, naquela época, já era um apaixonado pelo Rio de Janeiro. Eu e meus colegas ficávamos apostando quem ia primeiro para o Rio de Janeiro. Nem sabíamos como se ia para o Rio de Janeiro. Nós apostávamos para ver quem primeiro ia chegar lá. Só que eu levava uma vantagem porque o meu irmão A. N., o mais velho morava por lá. Ele foi para o Rio praticamente fugido de casa, com 16 anos, após falsificar uma certidão e se alistar no Exército para servir no Rio de Janeiro, na época da guerra. Casou já velho depois de muito tempo solteiro. Então num belo dia ele chegou em casa e me perguntou: Você quer ir para o Rio de Janeiro? Só quero, foi a minha resposta. Foi aquela confusão na família. Ele estava com uma passagem da FAB – Força Aérea Brasileira - e esta era a minha oportunidade de sair de Manaus. Mamãe chorava. Meu pai dizia, não vai. Afinal, nós éramos nove irmãos. Meu pai convocou uma mesa redonda ali. Uma reunião de família para discutir se eu ia ou não. Então, analisando os prós e os contra chegaram a uma conclusão que não deveria ir porque A.N. não tinha uma boa situação. Vivia em um quarto alugado. No final, **a decisão foi minha. Eu disse que queria ir.** Seja feita a sua vontade. **Você vai, mas fique sabendo que eu não mandarei um tostão para você, falou o meu pai. Você vai viver sua vida lá, mas não pense que vamos mandar dinheiro daqui para lá.** Nós fomos para lá, como ele disse. Embarcamos no avião da FAB. Nossa! Minha primeira viagem de avião. Terrível! Chegamos ao Rio. E nisso que **cheguei ao Rio, tive a maior decepção,** ou seja, de chegar ao Rio e saltar naquele asfalto e ver que aquilo era igual ao que tinha em Manaus: ruas, bondes...etc, eu tomei um susto e fiquei muito decepcionado, porque eu achava que era uma coisa até de ouro, diferente!. Tinha uma concepção diferente de tudo aquilo, inclusive nunca tinha visto tanta gente escura. Eu chorava muito. Mas eu agüentei. Meu irmão tinha muito

conhecimento e comecei a trabalhar como boy num escritório de advogados. E aí ele me colocou **numa escola de datilografia Remington. Passei um ano estudando datilografia e fiquei um exímio datilógrafo. Estudei taquigrafia também. E segui nessa. Após estudar um ano inteiro, me atualizando, é claro, fiz o exame de admissão e passei. Terminei o ginásio e fui para o científico como se chamava.** E com 17/18 anos fui para o Exército. Onde me incorporei, em 07/06/54, na Fortaleza de São João, lá na Urca. E com uns nove meses mais ou menos eu já era cabo e comecei a ganhar um dinheiro que eu nunca tinha visto na minha vida. Eu ainda morava com o meu irmão e ele só me dava dinheiro para a passagem de ida e de volta e controlava o bonde que eu chegava do colégio. Quando eu peguei aquele dinheiro aí meu irmão me disse: agora você me dá esse dinheiro porque vai continuar a mesma coisa. Eu lhe dando o dinheiro para você pagar a passagem, e o que você precisar, eu compro. Eu falei: não! **Agora eu queria ver se ficava com o dinheiro. Ele não concordou. Aí disse: ou você deixa esse dinheiro comigo ou você procura um local para você ir.** Tudo bem. *Aí, no outro dia cheguei ao Quartel e falei com o capitão. Ele arranhou um local para eu dormir dentro do Quartel.* Continuei estudando. Saí sargento. Depois fui transferido para Escola de Artilharia de Costa. Fiquei mais de dez anos nessa Unidade. Tem outras coisas no meio disso aí, inclusive passagens pitorescas da vida de caserna. Voltando assim no tempo: então: me incorporei em 07 Junho de 1954. No dia 24 Agosto de 1954 o Presidente Getúlio Vargas se matou. Nesse momento entrei na confusão de prontidões. Saí para o Palácio do Catete (sede do Governo) todo embalado. Uma vez minha mãe, que estava no Rio para me visitar, confesso que tinha algum tempo que eu não a via, pois não podia sair. E ela foi lá no Quartel, quando ela me viu embalado, aquela gente toda, metralhadoras fora do Quartel, todo aquele aparato, minha mãe chorava. Meu filho vamos embora para casa! Isso aqui não é pra você não! **Participei da Revolução de 64.** Eu estava na peça que atirou no Almirante Barroso. O artilheiro, como é chamado o militar que integra a Arma de Artilharia, tem uma coisa assim: quando você atira num navio (alvo), você não atira para acertar nele, no meio dele. Você dá um tiro na frente e dá um outro tiro atrás. Depois que você faz isso, aí você comanda para a linha de fogo (telefone toca) que o alvo está enquadrado. O próximo tiro queria ou não queira é no meio. Então foram dois tiros que nós demos lá. Como isso é muito difícil acontecer, na maioria das vezes, um vai para esquerda, outro muito pra direita, outro vai longe. Mas, no caso relatado um bateu na frente e outro atrás, enquadrou o Almirante Barroso. Aí quando enquadrou o navio, o Almirante Penaboto que era o comandante do Barroso, transmitiu para a terra que se o navio dele fosse atingido, que ele destruiria aqueles prédios de apartamentos de toda a praia de Copacabana. Ele estava apontando as metralhadoras e canhões para os prédios de Copacabana. Só Deus sabe se ele teria tanta coragem assim. Aí os chefes, que estavam na retaguarda comandando a operação, mandaram suspender “fogo” (os tiros). A linha de fogo, toda parou. O Barroso saiu da baía de Guanabara e continuou a viagem dele. Jogou uma cortina de fumaça, encobriu todo o navio e foi embora para o porto de Santos, em São Paulo. Depois houve a rendição deles, lá sem nenhum tiro. Que bom para todos.

Das passagens de minha vida a primeira foi essa de chegar ao Rio com tudo adverso. Não tinha família. Não tinha irmão, porque ele era boêmio. À noite ele me deixava sozinho. **E eu fui aprendendo a gostar ainda mais do Rio e me deu essa força de lutar e não voltar para Manaus sem nada. Eu tinha aquela coisa de vencer e voltar para Manaus (a passeio, é claro) e mostrar que eu não tinha saído de Manaus, em vão.** E essa viagem eu fiz depois de ter superado isso aí, quando já era sargento do Exército. Eu, em 1958 voltei a Manaus com todo o gabarito, com relógio de pulso, sapatos, fardado. Mandei fazer a melhor farda, quando cheguei em Manaus, mais precisamente no bairro, meu pai olhava assim, como quem não estivesse entendendo nada. *Aquilo para mim foi uma vitória.* Nunca eles mandaram um tostão pra mim. Essa foi a maior. A segunda adversidade foi exatamente o Quartel. **Eu não tinha**

**intenção de ficar no Quartel. Eu não tinha perfil de continuar no quartel.** Eu queria outras coisas. Mas, como tudo nesse mundo parece girar em função de finanças, você quer sempre o seu bem-estar, procura o dinheiro, o emprego melhor. Então o que aconteceu? Eu me lembro perfeitamente que quando recebi o meu ordenado de sargento é como se fosse hoje uns vinte mil reais que eu ganhava como sargento e o salário mínimo era uns seiscentos reais. Eu ainda não tinha o científico completo. Estudando o ginásio eu já era sargento ganhando esse dinheiro sozinho. Estava bem. Tinha dinheiro. Colegas e as mais bonitas companhias, isto é, estar sempre bem acompanhado. O dinheiro facilitava isso. Tive uma época que eu pensei: então para que estudar mais? Eu vou estudar? Chegar meia-noite em casa, uma hora da manhã estudando? Aí eu saio daqui faço uma pesquisa de emprego. Vou trabalhar onde? E vou ganhar o quê? Na época as pessoas ganhavam lá, vamos supor, seiscentos reais, três salários mínimos ou quatro ou cinco salários mínimos ganhavam bem. Eu ganhava quase vinte mil. Então eu parei de **estudar. Exatamente levado por isso eu pensei: eu não saio mais do quartel. Aí fiquei sempre numa vida boa,** porque eu era uma pessoa que procurava **me reciclar, e dentro do Quartel procurava ser o melhor sargento, o melhor datilógrafo, sempre fui o melhor em tudo o que fazia.** Os chefes não aceitavam as coisas erradas. **Eu sempre procurava fazer o correto.** A partir dessa época a gente lá no quartel dizia: *acabou a época do “sargento sim senhor”. Hoje não tem mais sargento sim senhor. Hoje, mais esclarecido, você discute com o chefe, dizendo: olha, o melhor é isso aqui. Está errada essa palavra aqui.* Está no dicionário. Agora, se o senhor quiser deixar assim. É o senhor quem vai assinar. Aí vem a consciência...

Eu parei de estudar no científico. Faltou um ano só e eu fui terminar o 2º Grau – não era mais o Científico - aqui em Brasília. Eu não fiz faculdade. A minha filha falou: Pai o senhor tem um conhecimento fantástico, vivência no Rio e, principalmente de vida, porque não faz uma faculdade. O senhor se daria bem. Mas não houve essa oportunidade. Exatamente eu caminhei assim. Eu tinha aquilo que me dava sustento. Eu poderia sustentar um ou dois filhos na época. O dinheiro dava para sustentar uma família..

***Essas adversidades que coloquei, a saída de Manaus e, principalmente, a chegada no Rio de Janeiro e, a outra, a de ficar no Quartel, foram as maiores do início da minha vida.*** E nisso eu passei trinta e cinco anos dentro do Quartel. Servi nas melhores Unidades do Exército. Servi na Escola de Artilharia de Costa, no Estado-Maior do Exército, no Estado-Maior das Forças Armadas, no Serviço Nacional de Informações. Trabalhei por fora no Conselho de Segurança Nacional. Eu era sempre requisitado para missões especiais, devido o meu perfil ser de uma pessoa discreta pautado ali por fazer o melhor possível. Não admitia deslize, nem comigo nem com quem trabalhasse sob o meu comando. E meus filhos têm esse perfil que ensinei: primeiro, honrar com a palavra. É maravilhoso a pessoa honrar com a palavra, ou seja, fazer o que foi combinado sem ter que assinar nenhum documento, como era antigamente. Se você disser vou fazer isso, faça e faça-o bem. Tenho três filhos maravilhosos: A C., R. e P., todos eles sabem o que querem. Esses aí e a minha esposa C., completavam a minha nova família. E, por falar em esposa, eu a conheci lá no Rio de Janeiro. Coincidência! É uma amazonense também (talvez, esteja explicado a minha obsessão de ir morar no Rio...). Eu a conheci assim: de levar uma carta do pai dela, que era muito amigo de minha família, para a sua esposa, que era a mãe da C. Ao entregar essa carta nos conhecemos. **E aí começou essa aproximação, que este ano – Ago 2006 –, faz quarenta e três anos que estamos casados. E, a maior parte da força para superar as adversidades da minha vida, com certeza, veio com o carinho de minha esposa.** Lá no Rio, quando a conheci, eu já estava enjoado de ficar solteiro. Cheguei à conclusão que eu, como solteiro, não tinha mais o que explorar ou procurar lá no Rio. Fiz de tudo lá no Rio. Agora vou sossegar. Com certeza, tinha encontrado a pessoa por quem eu procurava. Era a minha cara-metade, como se falava antigamente, porque hoje, os estudos indicam que não são mais “**metade**”, cada membro do

casal é um “inteiro”. Aí minha mãe me chamou e disse assim: essa é filha da minha conterrânea. É filha de uma amiga minha. Vê lá o que você vai fazer, porque eu sei que lá no Rio você namora, com duas, três, quatro e cinco... Vê lá! Não, mãe! Eu vou me casar agora. **E se ela souber me compreender eu não vou sair dessa. E não saí como já disse, estamos a 43 anos juntos com toda família, alargada agora com os cinco netos – P., R., I., T. e G. - que vieram para completar** alguma lacuna que poderia existir, inclusive dois morando comigo – P. e T.. Nasceu a primeira neta. Foi aquela alegria. Sempre o primeiro a gente diz que é o melhor e sempre será o mais paparicado, porque a gente se apega mais. Com isso vem a ciurme dos outros filhos dizendo que a gente gosta mais dela do que dos outros. Talvez se ela não morasse aqui comigo seria, talvez, um pouco diferente. Mas tudo que a gente faz aqui é para eles. Eles moram aqui comigo. **Tudo que tem que ser feito sou eu. É um tremendo corre-corre. Agora mesmo vim lá de uma gráfica (porque os pais estão trabalhando). Aí eu fui entregar um trabalho que eu aprontei no computador para fazer uma capa dura desse livro contando a “vida dela”** (veja a coincidência – agora sou eu). Os outros dizem. Ah! Porque o senhor não faz isso pros meus filhos. Essa minha vida tem mais coisas interessantes e pitorescas, se rebuscar na memória isso aqui não termina tão cedo. Se fizer mais perguntas dirigidas para que eu possa esclarecer, vou lembrando das coisas. Por exemplo, acabo de me lembrar de uma passagem muito interessante entre eu e minha primeira neta N. P.. Ela tinha uns três para quatro anos, estava muito doentinha, talvez fosse por causa os dentes que estavam nascendo. Ela não queria comer nada, já por vários dias. Um dia eu não agüentava mais aquela situação e resolvi esbravejar com ela, na presença de todos, dizendo: *minha filha, a gente lhe oferece o café da manhã, almoço, lanche e jantar e você não quer nada, o que você quer? Ai, ela com os olhos cheios de lágrimas, respondeu: eu quero você vô. Vocês podem imaginar a próxima cena, foi isso aí, eu me abracei a ela e comecei a chorar também.*

No geral foi a saída de Manaus, o Rio de Janeiro, o Quartel, vinda para Brasília, onde encerrei a minha carreira militar servindo no Estado-Maior das Forças, uma das mais conceituadas unidades, depois do Ministério do Exército, hoje, da Defesa.

O acontecimento mais importante e mais doloroso depois que entrei para a turma dos idosos? *Aconteceu uma coisa que eu não esperava: dores terríveis na coluna com ramificações para o “famoso” nervo ciático. Até aos meus sessenta anos eu não pensava em envelhecimento.* Eu estava tão bem de saúde que não pensava em doença ligada à velhice – não pensava mesmo! Com toda essa saúde eu não pensava como era a velhice, propriamente dita. Então, *sessenta anos, sessenta e dois, sessenta e três... aí começou a aparecer uma dor nas costas.* Quê é isso? É coluna. Aí comecei a fazer fisioterapia. E essa dor foi aumentando, aumentando. No final eu tinha hérnia de disco. Tinha desvio na coluna e muita dor no nervo ciático. **E tinha que ser operado. Isso me deixou muito transtornado.** Estou velho mesmo! **Essa velhice é doida** assim mesmo? Perguntava para mim mesmo. Ela chega e começa esse envelhecimento tão desgastante. Você começa a topar em pedra. A chutar pedra na rua, sem querer e a ficar sem apóio. Quando é jovem não vejo ninguém dar topada assim ( ri) **Isso me deixou muito transtornado porque eu tinha e até hoje tenho essa vida de saúde boa.** Porque não tenho doença do fígado, doença do coração. Nada! Eu não tomo remédio. Só tomei esse remédio pra coluna. Sou muito controlado. Eu bebia bebida alcoólica só em reuniões sociais e fins de semana. O médico dizia: não pode exceder nem na bebida e nem na comida. Comecei a tomar remédio para suportar a dor e assim passei mais de um ano tomando remédio. Passava a hora de tomar o remédio e tudo voltava a doer. Por minha conta dei uma basta nos remédios. Eu comecei a intensificar na fisioterapia, RPG e mais vezes para as águas quentes e afrodisíacas de Caldas Novas, achando que ia curar isso aí. Agüentei mais alguns anos. A minha pressão sempre foi 12/9, 11/8. Essa pressão mais parecida de criança, diziam os médicos. **Até antes dos meus 60/70 anos eu só ia ao oculista porque eu usava óculos**

**desde os 15 anos**, quando eu cheguei ao Rio de Janeiro. Eu tinha dificuldade de enxergar no colégio e o número e nome dos ônibus. Meu irmão me levou em um médico oftalmologista o qual constatou a necessidade do uso dos óculos. Então eu fiz os óculos. Eu usava óculos desde essa idade de 15 anos. Então, já com sessenta e nove anos, eu não tirava os óculos, à não ser para tomar banho e dormir. E via perfeitamente. E aí meus dois filhos fizeram uma operação para correção da visão, a “laser”. Eles estavam maravilhados com a operação! Os dois disseram: porque o senhor não opera? Então eu fui lá consultar um médico, numa dessas grandes clínicas de Brasília (HOB). O especialista falou: olha, o senhor não tem condições de fazer a operação que seus filhos fizeram porque o senhor está numa idade de aparecer a catarata e quando ela aparece a pessoa tem remover essa catarata e, desta forma, a operação seria perdida em pouco tempo. O diagnóstico é para se fazer bem jovem para perdê-la com essa idade. *Mas o senhor tem um princípio de catarata. O senhor já tem diagnóstico para operar. Mas eu não sinto nada. Eu vejo bem.* É, mas é bom o senhor tirar agora porque está bem novinha! E o senhor pode se sentir melhor. E a catarata pode aparecer forte daqui a seis meses, daqui a um ano, daqui a cinco anos. Mas ela pode aparecer imediatamente. E também outra coisa, o Exército está pagando essa operação. E pode ser que amanhã ou depois, ele não pague mais. Aí eu pensei, é verdade. Fiz os exames, mas o senhor garante que vai ficar bem? Garanto que será 100%. Aí ele foi fazer a tal operação. Primeiro ele me alertou: olha, o senhor vai perder a sua visão de perto. A de longe “zera”, isto é, o senhor ganha ela e a de perto, o senhor vai ter que botar óculos para ler. Antes da operação eu lia aquelas letrinhas, minúsculas, de relógio de pulso. Hoje, não estou lendo nem aquelas maiores, sem ter que colocar os óculos. E, a de longe não zerou. E, ainda para complicar, apareceu pressão alta nos dois olhos. E eu, que tenho ojeriza a remédio, tenho que pingar, todos os dias, um bendito colírio. Então, eu reajo muito em ter hora marcada para botar esse remédio duas vezes ao dia. Eu sempre esqueço, aí tive que recorrer ao despertador do celular. Quando eu vou ler alguma coisa tenho que botar os óculos. Eu estou envelhecendo, mais ainda, por isso. **Uma das coisas que não me conformo é ter perdido a minha visão de perto e não ter ganhado totalmente a de longe, como prometido, 100%, eu tenho só uns 80%. A partir daí, eu senti realmente que estava na idade de velho mesmo. Aí eu pensei: quer saber de uma coisa, já que eu sou velho mesmo eu vou fazer a minha carteira de idoso. Aí meus filhos disseram: você não precisa desse negócio não pai! Pois agora eu vou andar de ônibus e não vou pagar nada. Eu vou aproveitar desse negócio que eu tenho direito. Fila grande de banco nunca mais. Tenho criado caso porque às vezes tem uns idosos que entram numa fila normal... Eu falo: eu não pedi para que fosse feita essa lei. Então estou apenas dentro do princípio da lei. Se eu tenho esse direito, tenho. Se eu tenho, eu cumpro meu dever.**

**Os problemas de doença na velhice que me causaram mais transtorno, como se fosse um trauma foram: ter operado a coluna e ter perdido a visão que era quase 100%.** Usava óculos, é bem verdade, mas era maravilhoso. Via tudo. Hoje vejo embaçado, mas com relação ao estado geral da minha saúde, está tudo bem, graças a Deus não tomo nenhum remédio, principalmente, controlado. Não tenho nada. A próstata estava esquecendo dela. Começou o negócio da próstata. Tem que fazer exame da próstata... Tem que fazer ecografia... Tem que controlar o seu tamanho, etc, etc... Começaram a inventar as coisas, né? Que fazer toque é melhor... Aí, também, eu reagi a isso e passei a adotar uma indicação de um médico que era a de tomar um remédio (Carduran XL, 4mg) que é exatamente para controlar o aumento da próstata e tenho tomado por minha conta mesmo. Tomado seis, sete e parado três, quatro meses e estou maravilhosamente bem. Urinar à noite, não urino, nenhuma vez. E já vou agora para 71 anos. Quando urino não sinto dor e a urina não tem cheiro forte. Sexualmente estou bem. Esse remédio inclusive ajuda a isso, eu acho que é devido a você controlar o problema ligado ao aumento da próstata. Desta forma, estou bem, estou tranqüilo.

Com relação às crenças posso dizer que não tive nenhuma crise por causa de crenças. *Eu fui uma pessoa que desde a época de criança, sempre freqüentei a Igreja Católica. A minha mãe foi sempre católica. O meu pai mandava a gente fazer catecismo, ir às missas.* No Rio de Janeiro parei de ir à igreja, porque não tinha assim ajuda, incentivo. Eu parei. E nesse terreno, nesse percursozinho aí eu namorei garotas que freqüentavam centro espírita. Por esse motivo passei a freqüentar terreiros de macumba. Eu gostava de muitas festas. Aquelas festas juninas. Tinham festas dos santos, São Jorge, por exemplo, eu estava lá, **mas posso garantir que não precisava de festa nenhuma, bastava a garota que estava por lá.** Mas nunca me enfrontei em religião nenhuma. Acredito em todas, pois eu sei que em todas elas o princípio é louvar a Deus, sempre invocam a figura de Deus, e todas levam a esse Deus que buscam. Podem acreditar, namorei, também, uma Filha de Maria e aí passei algum tempo indo a Igreja com ela. E conhecendo a minha senhora, ela sempre foi católica e a mãe dela também. Elas iam muito à Igreja Católica. E hoje aqui em Brasília ela continua assim, uma pessoa que se criou em colégio de freira. Ela estudou muitos anos, quando ainda estava em Manaus, na Escola Santa Terezinha, interna. Chegavam as festas de Natal, a mãe dela queria levá-la para casa, mas ela nem queria ir. Ficava lá com as freiras. E aqui em Brasília, nós morávamos no Plano Piloto. Quando eu fui para a reserva, nós viemos morar em Taguatinga e aqui ela se juntou a um grupo de senhoras que rezavam e até hoje elas permanecem firme nesse propósito, onde ela é uma das líderes do grupo. Todo mundo respeita as opiniões dela. *Aí queria ser catequista, foi, ou melhor, é. Não gostava muito de vê-la fora de casa, mas não me opus a nada disso assim veementemente. Na minha opinião, eu acho que você tem que ir à Igreja. Tem que ir à missa. Mas não sou daqueles que não aceitam as pessoas estarem nas missas todos os dias, fazendo ou integrando àquelas equipes ou fazendo aquelas missões, àquelas rezas, mil ave-marias e tal, fazer retiros, não, não! Isso eu reajo. Mas ela faz o que ela quer – lembram quando eu falei de cara “metade” e “inteiro”, é por aí, hoje cada um pensa e decide por si. Agora mesmo ela está em um grupo de cenáculo. Sai todas as segundas-feiras de casa às 19 e volta às 23 horas. . Esse cenáculo, dizem, não tem fim! Não dá para encarar isso aí. Eu vou uma vez ou outra. Se precisar que eu vá, eu vou. Mas não quero ir toda segunda-feira. Não quero ter o compromisso de ter que ir. Está entendido! Mas a gente não tem crises religiosas substanciais. Ela vai, tem a amiga dela que pega ela de carro aqui e a leva. E a gente a aguarda aqui. E não tem briga por isso não. Ela é que sabe o que esta procurando e o quanto ela se sente bem. **Está rezando por todos nós, está bem. Ela faz o terço aqui. Rezo o terço com ela, mas não todo dia, às vezes faço outra coisa, mas tudo em paz. Não tem crise religiosa.***

Quanto ao projeto de vida futuro, eu nunca vou deixar de pensar no futuro, principalmente em voltar para o Rio de Janeiro. Eu tenho essa esperança. Eu sou obcecado pelo Rio de Janeiro. Faço qualquer coisa e se eu puder amanhã voltar para a Cidade Maravilhosa, eu volto. Hoje eu penso mais brando Vou, me divirto indo para a praia, Maracanã, etc e volto para casa, para Brasília. Vejo o Rio assim: com prazeres demais, mas não de deixar a minha família aqui e morar sozinho. Se eu não gostasse da minha família, já teria ido para lá. Fazer isso sozinho eu não faço. Tanto é que eu quero um dia desses, quando arrumar a minha vida, se puder passar uns seis meses, um ano com a minha senhora lá no Rio, vou me sentir muito feliz. Eu tinha um apartamento no Rio. Vendi. Quer dizer que as minhas chances de ir para o Rio diminuíram. Penso ir para lá, algum dia. Faço aqui uma colocação: posso não ir para o Rio agora. Mas no dia que eu morrer e se é, que realmente, existe vida após a morte, se quiserem me encontrar um segundo depois, é só me procurarem lá na praia de Copacabana que eu já estou lá. Eu faço essa colocação (ri) porque adoro o Rio e o Flamengo, principalmente. No ano que vem – 2007 -a minha neta mais velha faz quinze anos, pretendo participar dessa festa. Tem outro que já tem mais ou menos doze ou treze anos. *Pretendo sim, viver. Acho que devo conseguir isso porque a minha saúde, já lhe falei, está*

*boa.* Não tenho crise de vida. Quando tenho eu procuro contornar. Eu já falei do negócio do médico? Sempre reluto em visitá-lo, porque você vai ao médico e tome exames, receita e remédios. No Exército a gente sempre fez uma bateria de exames, que chamam de chek-up. Hoje, na vida civil tem que fazer chek-up, também. Passei novamente a fazer esse controle. Agora nessa idade de idoso, isto é, depois dos 65 anos, após alguns exames, o médico falou: olha, o colesterol não está muito alto não, mas você precisa tomar remédio. Aí ele passou um remédio para baixar o colesterol. Eu comecei a tomar. Antes desse remédio, toda vez que eu media a pressão era 10, 11, 12/9 sempre foi assim.. Um dia eu levei a minha senhora ao Dentista e enquanto esperava fui conferir a pressão. Após medir a dita cuja, a enfermeira falou assim: o senhor é hipertenso? Até assustei. Estou ouvindo essa palavra pela primeira vez. O que a senhora quer dizer com hipertenso? Minha pressão é sempre 12/9. A sua pressão está 9/5. o quê? 9/5? O senhor não está sonolento, um pouco cansado? É realmente. Sinto-me assim á tarde e procuro dormir. Eu estou vendo televisão e daqui há pouco já estou dormindo. Isso é caso de consultar o médico, disse a atenta enfermeira. E aí eu falei: vai voltar tudo de novo... Eu vou ao médico e ele vai mandar eu tomar remédio pra pressão. Não vou não. Eu já sei o que ele passou. Aí eu parei o remédio e passei a investigar por minha conta. Preocupado, eu passei a conferir no hospital e numa máquina de precisão que existe em algumas Farmácias e, sempre, estava baixa. Para minha surpresa, a pressão foi aumentando aos poucos, mas muito lentamente. Até que alguém, não sei quem foi esse alguém, falou-me assim: você não precisa tomar remédio não. Você pega de manhã uma azeitona e come, de preferência de manhã, antes do café e toma um cálice de vinho no almoço. Só isso? Aí eu fui a fundo nessa receita. Eu pensava: poder comer e voltar a beber e ainda ter como tira gosto uma azeitona! Era tudo o que eu queria. Isso é comigo mesmo. Comecei a comer as azeitonas que estavam na geladeira, sem falar nada com a minha senhora. Não sabia como seria a reação dela com essa coisa. Dentro da geladeira tinha a metade de uma garrafa de vinho que eu não tinha terminado. Eu comecei a tomar um cálice. Depois, de mais de um mês, fui medir a pressão. Quando acabou de medir a pressão, a enfermeira falou assim: **o senhor tomou algum remédio controlado? Eu respondi: vai começar tudo de novo... Ela voltou a falar: sua pressão estava baixa de novo? Aí eu falei: que ela tinha melhorado um pouco, por quer? A sua pressão está ótima. Está 10/7. Não tomei nada e já ficou 10/7? Já está chegando onde eu quero. Hoje ela já chegou 11/8, e estou bem sem ter que tomar remédio, sem nada. Só fazendo essa brincadeirazinha (ri).** Tem dia que em vez de comer uma eu como duas, daquelas pequenas, é claro. Diferente daquela propaganda na TV que o cara no final de semana enche a cara de caipirinha e feijoada e passa mal e diz que foi aquela azeitonazinha que ele comeu no final de toda a farra. Mas para mim é só a azeitona e um cálice de vinho e está dando certo.

Com relação à coluna, eu tinha muito medo de fazer a operação da coluna, porque eu mesmo conheci várias pessoas que ficaram na cadeira de rodas, depois da operação. E eu **sou muito independente** e não gosto muito que façam alguma coisa para mim. Eu pensava ficar numa cadeira de rodas e ficar dependendo de alguém me levar a algum lugar e para andar depender sempre de alguma pessoa. Graças a Deus eu peguei um médico muito bom. O Exército pagou uma operação do último tipo, última geração. Todos os parafusos obedeciam a uma tecnologia usada pela Nasa nos seus foguetes ou naves espaciais. Não tem risco de rejeição. Ele me garantiu que eu viveria uma vida normal. E realmente aquela operação que eu pensava que ia ficar paralítico ficou uma maravilha. Não sinto nada da operação. Tem hora que tenho de dar uma parada no que eu estou fazendo, porque eu não me lembro que fui operado. Mas você tem que ter um resguardo, não pode estar pegando peso. Mas eu não tive aquela coisa que eu esperava, ou seja, o pós-operatório terrível. Não tive, graças a Deus. Começando pelo próprio dia da operação. Eu operei num dia, quando foi no outro dia, pela manhã, eu estava na UTI. Tinham dito que eu ia para a UTI. Eu pensei, eu corro sério risco de

morrer. Se estão me mandando para a UTI eu vou é morrer mesmo. Não, não, disse o médico. Meus pacientes eu mando para a UTI. Lá você vai ser observado minuto a minuto. Tem uma pessoa olhando para o senhor até a hora em que o senhor acordar. E realmente, foi assim. Quando acordei, levantei a cabeça. E o cara já levantou a cabeça pro meu lado. E aí me disse: tudo bem, prazer. Passei a noite toda ali. Tinha outros pacientes, também, e um que parece, pelo corre-corre por lado dele, eu acho que ele passou para outra melhor. Quando eu levantava a cabeça, o enfermeiro estava lá. Aí, de manhã, a enfermeira chegou para me fazer higiene e logo aonde, nas partes íntimas, que vergonha, eu não queria deixar. Após a higiene, ela falou: o senhor vai para o quarto agora, tá. A minha esposa e um dos meus filhos, também já estavam lá. Chegou o enfermeiro com a maca e me mandou passar para a maca. Eu disse a ele: você está é louco!... Não vou sair daqui da cama e passar para a maca. Bota-me lá. Não, o senhor tem condições de ir para a maca, sozinho. Eu disse: você está brincando! Conclusão: eu tive que passar para a maca, sozinho. Eles não me ajudaram nem um pouquinho, eu achei uma maldade. Fui devagar e consegui passar para a maca. Quando cheguei lá no quarto, disseram: agora o senhor passa para a cama. **Ah! Eu estou é num hospital de doidos (ri).** Não pode o cara operado da coluna fazer um negócio desses assim. Chamem o meu médico, implorava, e eles diziam, são ordens dele mesmo. Aí eu passei para a cama. Ainda pela manhã me deu vontade de urinar. Eu estava com a sonda. Aquela coisa desagradável e desconfortável. Tira esse troço daqui que não posso urinar. Chama a enfermeira. Não pode ficar assim. Não quero esse negócio. Eu estou com vontade de urinar. Pode tirar isso aqui. Aí telefonaram para o médico. Olha, ele está querendo tirar a sonda. Então tira. Daí a pouco eu fui para o banheiro. Fui escorando na minha senhora. Não, escorei no meu filho. Ele me segurou bem. Consegui urinar logo pela manhã. Isto já era uma maravilha. Quando o médico soube que eu tinha urinado, disse: Ah! Esse cara já está bom! À tarde, por volta das 13 horas, do outro dia, chegaram duas fisioterapeutas. Disseram: somos fisioterapeutas e viemos fazer um teste para vermos como o senhor está. Parece-nos que está bem. Por favor, levante este pé direito. Levante o esquerdo. Levante assim. Faça isso. Mexa só os dedos. E a todo comando eu respondia. Elas disseram: o senhor já está bom mesmo. **Vamos andar.** O senhor vai sair com a gente agora. Eu falei: Agora não. A minha senhora ainda estava lá. Eu falei: não vai dar não. Vocês vão me levar pra onde? Eu não tenho condições de sair com vocês duas... Ah! O senhor ainda está brincando, falaram. Eu não tenho condições para andar. Elas disseram: O senhor vai andar aqui mesmo. **Levantei-me, sozinho, e fui andar com elas no corredor. Isso, acredite, foi no segundo dia de operado. Aquilo para mim foi uma maravilha. Só uma força maior poderia ter feito toda essa maravilha. Eu agradecia muito a Deus, Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro e também a Santo Antonio e a todos que tinham olhado por mim. A minha senhora que reza dia e noite fez uma corrente de orações antes da operação. E o médico, também, parecia não acreditar no que via e demonstrava surpresa, estava maravilhado!**

De onde eu tirei essa força, para fazer o que fiz nos primeiros dias de operado? Naquele instante que a minha esposa falava da força de Deus, eu também rezava muito. A gente também começa a rezar muito quando está precisando, a gente reza e pede. Antes eu não sabia a Salve Rainha. Eu não conseguia aprender a Salve Rainha. Aí consegui aprender com ela. E rezava a Salve Rainha para Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e meu Santo protetor que é Santo Antônio, dia 13 de junho. E rezava muito para eles. Pedia também a Jesus que me desse força para me ajudar naquela recuperação. E vendo que ela chegava lá e rezava o tempo todo, eu também rezava. **Então nós fomos dando mais força a essa espiritualidade porque estávamos vendo que estava dando certo ao ponto dela chegar para o médico (no segundo dia), quando se encontraram no lugar onde ficam as enfermeiras, ele com a mão na cabeça e pensativo. A minha senhora perguntou ao médico: o senhor está bem doutor? Ele respondeu: Eu estou pensando no caso do seu**

**marido. Ele teve uma recuperação que nunca vi assim. Ela então disse a ele: agora o senhor vai saber o porquê disso aí. Porque quem o operou não foi o senhor. Aí ele ficou surpreso! O senhor foi um ajudante. Porque quem operou o meu marido foi Jesus. O senhor somente o ajudou e fez os comandos que ele mandou o senhor fazer. É por isso que o senhor não entende.** Espiritualmente foi dando forças para a gente superar e ver que tudo estava correto, nada errado, nenhum erro. Não dói nada. Não sinto nada.

*Eu tenho até uma passagem muito pitoresca e por não dizer, audaciosa, relacionada a paciente-idoso e muito desatencioso, recém operado, lá em Caldas Novas com o meu neto que tem nove anos. O meu neto me pediu: Vê eu queria ir na **tirolesa** (faz parte dos esportes radicais). Nós fomos a um clube que tem uma tirolesa. A tirolesa tem uma torre alta de 30 metros. e um gancho com um cabo de aço que percorri uma distância de uns 100m, a uma velocidade não sei lá de quanto e joga o aventureiro na lagoa de água quente. Aí eu disse: então vai. Mas eu pensei: pôxa, o meu neto ficar lá no meio da lagoa sozinho... Ele tem apenas nove anos. Ah! Eu vou esperá-lo lá dentro d'água. Quando ele chegar lá eu vou ajudá-lo. Eu subi naquela torre com ele. Quando cheguei lá em cima bateu aquele **sininho**, tocando assim na minha cabeça. O quê você está fazendo aqui ô rapaz? Você está operado há sete meses, o quê você está fazendo aqui? Aí parei para pensar. Vejo um cara descer nela para demonstrar. Quando ele bateu n'água deu aquele splech. Foi água pra todo lado. Eu falei assim: **aí minha coluna**. Não vou não. E outro rapaz me disse: está com medo? Não. Estou operado há sete meses e não vou porque o impacto na água é forte. O rapaz me garantiu: o senhor pode ir porque eu tenho como controlar o seu impacto na água. Quando o senhor estiver perto eu dou uma trava e o senhor desce suave. Falei: o senhor garante isso? Eu garanto, disse ele. Só se der algum problema no equipamento. Mas nunca deu. A gente controla na mão aquela descida. Então eu falei: está bom. Eu pensei: a decisão era minha, lá em cima. Então eu vou. Desci. Taaaooooo! Aquele negócio, nossa! Eu nunca tinha feito isso na minha vida. Agora que estou com 70 anos e andando na tirolesa! (ri). Quando chegou faltando uns 20 metros, ele deu aquela travada tipo reverso, deu aquela segurada... e eu fui descendo devagar. Mas ainda doe um pouco quando eu bati na água. Aí esperei meu neto lá. Quando eu falei para o médico, ele me disse: você está é doido. Porque você foi fazer isso. Mas está tudo bem doutor, disse. Tudo isso para dizer que eu não sinto nada e que eu entrei numa aventura dessas sem mais nem menos. Estou bem de saúde, a pressão se normalizou. Graças a Deus.*

Com relação à idade? **Estou aceitando essa idade típica do idoso, porque é sempre interessante viver e viver intensamente.** Se você pudesse colher outras entrevistas com pessoas que tivesse tido muitos problemas, talvez enriquecesse mais o conteúdo para o fim que se propõe esta entrevista. Eu de doença mesmo não tenho muita coisa para contar, porque **eu nunca tive doença que me abatesse, mas eu me sinto satisfeito e lisonjeado pela pessoa que se tornou nosso amigo.**

E recomendaria para as gerações mais jovens que tivessem mais educação, sentimento mais profundo e muito respeito por estas pessoas mais velhas, principalmente pelos mais idosos, porque eles precisam. Tem idosos muito carentes. Eu mesmo vejo pessoas idosas carentes que precisam ser ajudadas.

## HISTÓRIA DE VIDA 5

Identificação: HV5M  
Nome: VRN  
Sexo: Masculino  
Idade: 88 anos  
Grau de instrução: não frequentou escola  
Procedência: Derval, MG  
Estado civil: viúvo  
Filhos: 10 ( seis vivos)  
Profissão: Lavrador  
Saúde: ótima.  
Prática religiosa: Católica

Quando eu estava com seis anos de idade meu pai veio a falecer. Era maestro de banda de música. Também baiano. Nascido na Bahia. Mas casou em Derval. Casou com a noiva Assunção Pedra. **A mulher dele me criou. Ficou viúva com seis filhos aos 35 anos de idade.** Nunca quis casar para criar os filhos. Criava na maior dificuldade. E aí quando nós, eu e meu irmão mais velho começamos a trabalhar. Fizemos uma rocinha boa. Colhemos muito milho, muito arroz e feijão. Eu falei: Adeus pobreza! Graças a Deus! E venho lutando. Já **fui fazendeiro** forte. Em lida de gado fui o número um. **Em lida de animal fui campeão** pra montar, acertar burro, cavalo. E a minha **vida toda vida foi essa: trabalhar para tratar da minha família** conforme o senhor está vendo. Graças a Deus! E no mais o que eu tenho pra contar a minha vida é muito longa. Muito difícil de contar. Porque sofrer igual eu já sofri é muito difícil. Já quebrei as duas pernas. Já fiquei todo quebrado de acidente ( mostra o braço). **Mas graças a Deus estou aí vivo e forte.** Com o assunto **de construtor**, a última casa que fiz foi essa minha que estou morando. A última casa que fiz aqui. Ajudei fazer Brasília: Plano Piloto, Taguatinga, Ceilândia com todas... a localidade dela, que diz, setores ( entrevistador pergunta: loteamentos?). Loteamentos.

**Hoje vivo da aposentadoria que é pouca. Eu não tive condições para receber aposentadoria boa. É pouca, mas é muito bem-vinda.** É o que eu tenho para contar agora. O senhor vai pedir?(seria perguntar).

*As minhas maiores dificuldades foram: perder meu avô com 112 anos, a minha avó com 95 ano, a minha mãe com 104 anos aqui dentro da minha casa. Essa foi a maior dificuldade que eu já passei. E perder meus tios todos que eu não tenho um tio mais, todos já são falecidos. E eu sou o mais velho da família.*

**Eu não gosto de perder. Eu fui um homem que tive bastante riqueza, mas não soube aproveitar. Sempre trabalhando com os braços, mas não trabalhei com a cabeça, senão era milionário. Mas trabalhei só com os braços pra ficar do jeito que estou: velho, pobre, mas muito satisfeito com a vida.**

Eu nunca me desesperei porque eu penso assim: o que Deus faz pra gente, a gente tem que receber de mão aberta e saber agradecer. E saber pedir não só... saber agradecer menos que pedir, precisa **agradecer a Deus por todo momento de vida.** É o que eu tenho a dizer. Eu acho que é isso. **Um homem feliz junto com a família, graças a Deus!** Os meus filhos todos muito bons pra mim. Não passo falta de anda hoje, graças a Deus! Não preciso comprar nada porque os filhos têm tudo aí.

Com meus pais eu me relacionava muito bem. Meu pai eu perdi ele estava novo. Mas com a minha mãe foi uma vida maravilhosa. **Sofremos bastante. Mas tudo a gente vence na vida tendo fé. Foi aquela criação beleza.** Dando sempre muito bem. Naquele tempo não existia carro nem luz elétrica e nem televisão. O primeiro rádio que chegou e assisti foi o Sempre, não tinha geladeira. Não tinha freezer pra esfriar nada, a cerveja era guardada na areia pra ser tomada. É isso. Mas... fui dono de um grande supermercado, de muitos botecos também. Já possuí vendas pequenas. Tudo isso já fiz. E fui grande lavrador. Plantava muito. Nunca plantei um alqueire de roça, mas três, quatro alqueires, cinco alqueires. Tocava no braço porque naquela época não tinha maquinário. Era enxada mesmo e pronto! É bom tinha muita fartura. Colhia quarenta, sessenta, cem carros de milho.

O meu sonho sabe qual é? É de **ter um dinheiro pra comprar uma casa para quem eu tenho vontade.** É meu sonho. O senhor sabe muito bem quem é essa pessoa. E a S. E ainda **sonho comprar fazenda. Encher de gado,** não receber escritura de nada. Receber escritura no nome dos meus filhos e ter o uso e fruto durante a minha vida. Não quero mais nada. A gente tem essa vontade. Ter aí um gado bom. Uma fazendinha de uns 50 ou 100 alqueires pra gente poder fazer o que gosta. O homem não morre... e só atenção dele não morre não.

Os momentos mais difíceis da minha é **com nosso Pai que tenho vencido.** É Deus. Não acho nada difícil até hoje para mim... pensando, porque eu não tinha o poder de ver mas eu **percebo Nossa Mãe Maria Santíssima.e Nosso Senhor Jesus Cristo. Não tenho dificuldade.**

Eu rezo. E **tenho o dom da cura.** Cobra. Qualquer doença. Assim, qualquer bicho que passear, que fizer alguma coisa é só eu passar a mão direita, esquerda. Aquilo pára na hora.

Tenho algumas orações. E muito boas. **O Pai Nosso e a Ave Maria. É a melhor oração do mundo.** E faço curas curiosas. Cobra como cascavel pode pegar uma pessoa aí. E não é nada. Pode engasgar com o que for. Eu chego e desengasgo na hora. Dom de cura. É a melhor oração. É a oração que nosso Pai nos ensinou.

Para os mais novos o meu conselho seria: Andar direito. Não dar prejuízo pra ninguém. Não permitir que cobrador nenhum chegue em sua porta. Tem que pagar antes dele chegar. Isso eu levo até hoje. Minha família também morou de aluguel. Paguei aluguel durante quinze anos. Nunca chamei o dono da casa pára arrumar a torneiras e nunca esperei ele buscar o pagamento. Quinze anos aqui dentro de Taguatinga.

Porque não tive oportunidade para estudar, enfrentei muitas dificuldades. **Eu tive que aprender quase que por conta própria.** Aritimética progressiva eu li ela toda. Cheguei a fazer as contas ali até... Não quis fazer raiz cúbica e nem raiz quadrada porque a minha inteligência era pouca. **Não tinha quem me ensinasse.** Mas comecei de juro simples e fui até juro composto. Aprendi assinar o nome e qualquer carta que o senhor me escrevesse eu sei ler porque agora me falta a vista. E responder o que fosse preciso. Fui um homem que mexia com muitos negócios. Tinha que aprender a fazer contas. E aprendi por conta própria. Comprei uma aritimética progressiva e li ela conforme precisava. Não sabia nem assinar o nome. Primeiro aprendi a desenhar o nome. Depois a conhecer as letras. É aprendi sozinho. Muita força. O senhor pensa bem. Uma vez eu estava montado numa mula e ia comprar um gado, e tinha que pagar juro. Eu comecei a estudar senão o caboclo ia me passar para trás. Que é que eu fiz, comecei a estudar. E **eu acho que qualquer pessoa pode fazer o que eu fiz, mas é difícil.** Criar uma família, assim, **analfabeto, sem estudo.** Consegui com a graça de Deus!

Eu conheci o meu envelhecimento depois dos sessenta e cinco anos. Conheci que estava fraco, o senhor sabe! E a gente não pode abusar de nada. Tem gente que diz: eu estou bom! Tá uma merda. O homem envelheceu, ele fica... Passou dos 60 anos vai caindo até acabar Quem manda para ele é Deus. Mais nada.

Depois porque eu fiquei velho mais cedo, porque quebrei as duas pernas. Sofri acidente. Foi em 1980. Eu estava com sessenta e poucos anos. Esse aqui agora ( mostra o braço quebrado) é recente. Acho que não tem quinze anos. Quebrei a costela e a perna também num acidente. E outra coisa que eu tenho na minha vida e que eu acho muito bom é que eu não matei ninguém nem roubei. Não sei não. **A minha criação foi essa: se achasse uma agulha tinha que voltar e por lá aonde você achou.** Não era sua. Minha mãe me criou dessa maneira. Nunca matei e nem roubei. Nunca precisei de nada disso. Nunca fumei nada que não possa. Fumei muito cigarro. Fumei, bebi muito. Mas venci. Hoje não fumo.

Eu vivo muito bem. Em cada casa dos meus filhos tenho meu quarto, meu guarda-roupa. Toda casa de meus filhos eu tenho tudo. Não me falta comida e nem bebida. Nunca me faltou nem o que comer nem o que beber. E bem, graças a Deus. **Envelhecimento para todo mundo se fosse igual o meu, todo o mundo podia ficar velho.** Mas têm quantos velhos que ficam na vida aí e não tem quem cuida deles. Eu me sinto Feliz. **Eu me sinto feliz com os meus filhos.** Sãos as minhas almas. Tem dois filhos homens e muito bons. Quatro filhas mulheres que eu não sei qual é a melhor. Às vezes quando eu me amolo aqui, fico cansado de ficar aqui, vou para Goiânia. Fico com a minha filha em Goiânia. Vou para Minas Gerais. Ficou com meu filho lá em Minas Gerais. Aqui mesmo tenho mais um filho que mora ali no setor de mansões. A vida é isso. **Eu vivo feliz. Jogo baralho. Jogo dominó.**

Eles (filhos) me prendem em casa porque não me deixam andar sozinho. Medo. Enxergo pouco. *Eh! Papai! Essa rua está perigosa, não vai sozinho, não!* De primeiro eu subia aí sozinho. Ia ao barbeiro cortar o cabelo do jeito que eu queria. Eu ainda faço a minha barba sem pedir a ninguém. Ainda tenho autonomia. Eu acho que tenho, graças a Deus! **Eu queria que todo velho tivesse a sorte que tenho. A gente não pode querer o que é bom só para a gente.**

*Sou independente porque ninguém precisa me dar banho. Ainda faço a minha barba bem feita ou mal feita. Não preciso, faço o que quero.* Como com a minha mão. Sei a hora que eu estou com fome e a hora que não estou. Só almoço. Na janta é só um cafezinho com bolacha. Neston com leite é a minha janta. Toda pessoa passou dos 50 anos eu acho que ela deve evitar jantar. Porque é muito perigoso a pessoa jantar, deitar com a barriga cheia. Então, qualquer coisa, enfarto, derrame é mais fácil. Ainda tomo remédio todo dia: dois comprimidos de AS infantil. É meu remédio para ralear o sangue. Se o senhor tiver mais alguma coisa para me perguntar?

Se eu cheguei a essa idade é porque minhas crenças me ajudaram. **Eu acho que a pessoa tem que fazer o bem até o último dia de vida. E eu sou aquele que faz essas curas todas e não adiante o senhor falar: quanto é?** Porque Jesus não vendeu nada. Porque tem uns curadores, dizem quem são curadores, mas não são. São uns safados! Fazem uma garrafada e cobram cinqüenta, cem reais por uma garrafada de raiz vagabunda, pois eu conheço todas as raízes do cerrado.

Desde os quinze anos eu tenho esse dom de cura. Eu dou muita importância, eu dou muito valor. Sou aquele que não deito sem fazer minhas orações como já expliquei para o senhor qual é que é. **Não me levanto sem fazer minhas orações. Então sexta-feira eu vou rezar para os meus filhos para tirar todas as coisas malfeitas que tem. Tem inveja. Tem o feitiço, malefício, artifício diabólico. A gente tem que aquelas coisas todas. Tanto de mim como de minha família. Eles têm lojas. Eles têm escritório, ali mesmo na SAMDU. Um escritório grande. Trabalham como 15, 20 homens, vendendo. Tem muita gente inveja, mau-olhado, quebranto. O senhor não acredita nessas coisas, acredita? Que existe! E a minha vida é essa: fazer o bem e não olhar a quem. A pessoa chegou, sentiu... pode rezar aqui. Agora senta aqui.**

A pessoa escuta... Senta. Faça a benção na frente e nas costas. Tenho que por a mão, fazer o sinal a cruz. E às vezes a cabeça está doendo. Contar o que é que o senhor está

sofrendo Há pouco tempo uma mulher chegou perto de mim e eu estava lá na casa de meu filho. Ela falou: senhor V., quero que o senhor reze para mim porque estou com bursite nos dois braços. Falei: que isso? Os braços dessa grossura! Eu cheguei e comecei a fazer as minhas orações. Para começar, bursite a senhora não tem não. Terminei de fazer as minhas orações. Falei: como é que é? A senhora sentiu logo uma melhora.

Muitas dessas curas me chamaram a atenção assim. Eu estava lá em Minas. O sujeito chegou e falou assim: senhor V., o senhor benze cobra?

Ah! Então o senhor vai lá no fulano, porque estava com duas novilhas ofendidas por cobra e estão muito ruins. Então, está bem! Entramos no carro dele. Quando chegamos lá uma (novilha) já havia morrido. A outra ainda estava agonizando para morrer. Aí eu falei: essa que já morreu acabou. Aquela que estava ali agonizando, dentro de poucas horas se levantou. Disse ele que foi a melhor vaca de leite que ele teve. Às vezes a criação está engasgada com lobeira ou porque engoliu caroço de mais demais. Eu chego e nem preciso ir lá. E só me ligar. As vacas vomitam aquelas mangas. Alguma coisa acontece, desengasgam. De forma que são muitas... pessoas chegam com dor de dente. Eu ponho a mão na cabeça dela e faço as minhas orações com a fé que tenho. Se você falar que está com dente doendo é mentira sua. Não pode falar que está mesmo. Pronto.

Pois é, eu te curo (sorri). Eu não. Eu não curo ninguém. Eu sou apenas um enviado por Deus. **Eu sou apenas um instrumento.** O senhor não acha que eu sou? Eu acho que eu **posso ser usado por Ele.** Eu tenho uma crença enorme, graças a Deus! Não saio de minha casa. Agora se for preciso ir à sua fazenda. A cobra está pegando as criações lá. Me leva. Passa cinco anos sem cobra alguma olhar para as criações. Por que uma cobra morder um boi, uma vaca? Por que ela vai comer aquilo? Não vai! Aquilo é ignorância dela. Tem que dar um jeito de amansá-las. E eu sou capaz de fazer isso. Por quê? **Ele lá em cima me deu autorização.**

Olha, eu me lembro de uma história que eu acho que isso é muito importante! Eu tenho uma história de vida muito ruim de contar. Eu tenho história de um passado muito mal. **Que eu acho que tenho arrependimento.** Isso é bom falar? Uma pessoa me cercou numa estrada e me enfiou uma garrucha 44 e me xingou de tudo quanto é nome. Mas queria... armado de dois canos. Me lembro aqueles dois buracos. Isso não dá para falar?

Eu trabalhava numa loja com meu tio. Naquele tempo se fazia transporte com carro de boi. Eu ia a Morada Nova, que é Moravânia, hoje. Lotava dois carros de bois de mercadorias. Ele já escrevia o que precisava. Eu chegava entregava aqueles carros (interrupção). Lotava aqueles carros. Este dia eu ia pegar uma besta para fazer a viagem. Era a cavalo ou de carro de bois que se viajava quando aquele sujeito me cercou. E meu tio com quem eu trabalhava era daquelas pessoas que não punha pano para acalmar o camarada. Ele falava assim: vai matar ele agora! Meu tio era desse jeito! Aí eu cheguei até ele: Olha. Eu não o chamava de tio. Era de Bico. J. A. P., apelido Bico. Falei: ô Bico, não! Eu estou muito nervoso. Quê foi V.? Ele falou. Vai matá-lo agora! Eu falei para ele: Vou matar com quê? Eu era apenas um rapazinho de quatorze ou quinze anos. E ele falou: olha o meu revólver aí na gaveta. Balas você sabe aonde tem. Porque eu trabalhava no comércio sem saber ler. Para o senhor ver. Sem saber ler. Medir pano. Vender o que fosse preciso eu vendia. Aí ele falou: vai matá-lo agora! Ta bom. Peguei o revólver mais as balas. E o sujeito tinha um açougue assim um pouco acima de São José de Canastrão município de Tiros. Aí cheguei, olhei pra lá. O açougue aberto. Entrei. Acho que ele me viu de longe. Procurei-o por todos os lados com o revólver na mão. Ele não estava lá. O meu tio me falou: Matou o homem? Não. Naquela época era a lei do mais forte. Aí aconteceu que eu fiquei debaixo de uma chuvinha. O caboclo veio embrulhado numa capa. Eu dei nele seis tiros. Mas eu não sabia atirar mesmo. Não pegou nada nele, apenas furei a capa dele por toda banda. Foi sorte não tê-lo matado. **Isso eu tenho um arrependimento. Se eu tivesse matado aquele homem seria o fracasso da minha vida. Porque a pessoa não**

**pode matar um irmão. Nenhum de nós tem essa licença. Não é uma verdade? Esse arrependimento eu tenho.**

Falei-lhe da perda dos pais. Agora das minhas esposas. *Quando me casei eu estava, não tinha 22 anos. Faltava um mês e quatro dias para 22 anos. Estive com minha esposa quatro anos e me esposa veio a falecer. Naquele tempo a medicina era muito fraca. Ela morreu de parto. Fiquei viúvo ali um ano e pouco. Muito novo. Porque eu ia me casar com a prima da primeira do segundo casamento. Essa mulher viveu comigo cinqüenta e muitos anos, quase sessenta. Faleceu aqui dentro da minha casa. Certo? Me ajudou a criar nossa família. Trabalhou muito comigo.*

Com a primeira teve quantos filhos e com a segunda seis. Sete porque eu perdi. Aí com a segunda eu tive seis filhos que estão todos vivos. Dois homens e quatro mulheres. E todos já criados. Não tenho filhos pequenos. A mais nova é a S. (ri). É isto aí a minha vida.

Posso te contar ainda uma história? *Primeiro casamento meu, todos os dois eu combinei muito bem com as minhas mulheres. Sou aquele que nunca deu um tapa em mulher alguma e nem nos filhos. A minha vida esta.* E aí o primeiro casamento eu senti muito abatido. Eu pensei... Nesse tempo eu bebia. Eu preciso morrer também. E era muito bom onde tinha a fazenda. Tropa boa. A gente gostava daquelas bestas ou mulas puladeiras mesmo. Era cavaleiro. E uma besta numa ocasião.... aí eu não sei em que mês foi uma vaca não saiu a tempo, a besta estava correndo comigo, a vaca não saiu a tempo machucou a minha perna. Nisso minha mãe já estava dentro de minha casa na fazenda cuidando de meus filhos. Eu fiquei deitado ali. Ela fez um emplasto de cebola branca com sal não sei que mais lá, aquele mastroz que pos na minha perna. Eu fiquei deitado. Acordei uma noite e estava claro lá na cozinha. Era cedo, mamãe não tinha se levado. Não chamava de mãe não. D.. Meus pais, para mim eram os meus avós. Criados juntos. Quando minha mulher subiu na escada da cozinha para o salão de cima. Dali seguiu para o meu quarto a minha mulher. Chegou e pos a mão assim em cima de mim. E falou: V!

\_ Eu falei: pronto!

Ela, então, disse: Vim aqui para você buscar a nossa criança. Que a criança que ela deixou estava na casa de uma vizinha que estava dando de mamar.

\_ Aí eu falei: pode falar.

\_ Eu vim aqui para você ir buscar a criança cedinho e parar de beber também. Do jeito que você vai indo, você vai fazer minha companhia. Você vai morrer também. Falado assim. Pelejei para chamar minha mãe. A minha mãe estava dormindo no outro quarto. Quem disse. A voz não saía de jeito nenhum. Quando saiu foi um eco. Naquele tempo usava luz de querosene. Falei: D.. Acende a luz aí para mim. E vem cá.

Ela falou: ué! você tem luz aí! Tem um fósforo, porque não acende.

Não, O.. A minha primeira mulher se chamava O. Ela está aqui comigo. Ah! Velha brava! Falou: É pesadelo que você sofreu e coisa.

Eu falei: Não, não é mentira não D. Ela está aqui comigo. Quando a velha entrou na porta do meu quarto ela saiu. E eu falei: a senhora viu ela?

\_ Não, não vi não. Isso é sonho!

Aquela velha antiga: Isso é sonho! Eu falei: eu não vou ficar aqui não. Peguei um colchão. Meus meninos estavam dormindo. Eram só dois que eu tinha na época, no canto da cama. Fui lá pro quarto dela. E lá na cozinha quando ficou claro, assim aquela luz verde. E nisso os meninos começaram a chorar os dois. Falei: vou buscar os meninos, porque a O. deve estar mexendo com eles. Busquei os meninos para o canto da minha cama lá junto com a minha mãe. e lá na cozinha ficou uma luz verde

Depois ela disse: Que coisa! Só para atralhar a gente dormir.

A minha mulher respondeu a ela: pois dorme Dona D.

Essa passou uns três meses, dormia quase dia e noite.

\_ Ela veio para me avisar.

Aí no outro dia cedo eu busquei a criança. Parei de beber. Passei de seis a oitos anos sem ter bebido bebida alcoólica, que eu gostava muito. A última pinga que eu tomei foi agora no dia 17 de setembro. Porque depois que eu passei dos sessenta. Mais dos oitenta. Tomei a dose de pinga na hora do almoço. Aí eu falei que não ia tomar mais. De forma que a vida eu acho muito boa se a gente souber vivê-la. Se não soubermos vivê-la não é muito bom. Para todos os homens, não é só para mim não. A minha vida é vivida. É um livro aberto. Mas muita gente não acredita que não existe. Quem morre não volta. Se não precisar. Se precisar volta até de dia. Volta de dia pra você ver assim. Nós não morremos. O nosso corpo morre, mas a alma não morre. É minha crença. Falar morrer acabou. Não. Ninguém morre.

**A minha esperança é enquanto Deus me confiar a vida eu quero.** Seja cem anos. Seja cento e vinte. Como o meu avô que morreu com 112 anos. Está feito que eu estou sabendo o que estou falando com o senhor. **Não estou caducando ainda. Para a minha idade acho que não estou.** E enxergo bem. Estou enxergando o senhor. Estou enxergando as outras coisas. Não quer dizer que eu tenho uma vista ótima igual a que eu já tive. Fui garimpeiro de diamante. Fui garimpeiro muito tempo. Diamantino xibiuzinho, porcariinha. Eu enxergava aquilo tudo. Hoje não, mas eu vivo muito bem, muito satisfeito.

Do jeito que a morte vier eu a encaro. Não tenho medo. Só tenho medo de sofrer e dar trabalho aos outros. Mas a hora que deus me chamar eu estou prontinho, prontinho.

**Eu tenho medo de morrer dando trabalho aos outros.** Mas se for uma coisa instantânea... por exemplo: como eu já machuquei, quebrei as duas pernas, já quebrei aqui ó...quebrei muitas costelas. **Boa hora de ter morrido (sorri)** Já estava meio morto mesmo. Sofri o acidente. Me pegaram até sem eu ver na estrada. E me levaram para aquele hospital do gama. O hospital regional do Gama. Lá eles viram que eu ia morrer mesmo me transferiram para o Hospital HRAN. O senhor conhece. Lá estive por trinta e dois dias. E não queria sair mais de lá. Queria ficar morando lá. Muito bem tratado. Um médico muito meu amigo. Ele falou: não! Vamos despachar o senhor Vicente ele já está passando da hora de ir embora. E, de fato, eu gostava do hospital. Tinha gente para jogar. **As enfermeiras jogar baralho comigo, o que eu quisesse no meu quarto. Meu quarto era uma festa. Visitas quase todos os dias.** Muita gente. Saí de lá achando ruim. Vim para a minha casa. Está bom. Foi possível mais graça? Mas não me atrapalha. Tenho força. Me dê a sua mão. Mexo com o dedo mindinho, polegar, médio, indicador, anular.

Tenho 19 netos. E quinze bisnetos. É o maior prazer do mundo. Todos me respeitam muito. Me tratam muito bem. *Eu tenho bisneto de vinte anos, vinte seis anos. Meus netos me respeitam muito. Se eu chamar um deles aqui num instantinho estão aqui de carro.* Vou ao telefone, peço uma pessoa que enxerga bem para ligar o número que quero. Na mesma hora está aqui. Pronto vô! É muito. Bom. Ter o prazer. **Todo pai devia ter o prazer eu tenho de ver a família criada e tudo com muito respeito.** Me leva para pescaria. Me põe dentro da canoa. Pesco à vontade Meus filhos me levam. Nós temos canoa. Ali eles me põem dentro da canoa. Tiram. Me dá mão. Se tem um lugar ruim para eu passar me ajudam com o maior prazer. Que a gente sente? Não tem que sentir bem? Vem aqui me pega e me levam para um lado e para outro. Vamos fazer isso vô? Vamos!

De trabalho? Dependendo muito. Tratar de umas criação aonde eu estou se tem criação eu trato. Agora nem comida no meu prato eu não ponho porque eles não deixam. Já vem o prato arrumadinho. A medida certa. Eu como só um prato de comida não cheio, no almoço. Na janta não tenho.

Já sabem o que eu gosto e o que eu não gosto. No almoço eu como de tudo. Qualquer coisa que vier eu como.

Então está bom, eu agradeço o senhor pela entrevista.

\_ Eu é que agradeço o senhor sem quantia. A hora que o senhor quiser que eu rezo. Nós vamos. Então eu vou fazer as minhas orações.

( Ele fez o sinal da Cruz no entrevistador e rezou em silêncio).

Na despedida ele contou como foi que aconteceu um acidente quando caçava lá no Mato Grosso. Caiu de cima de um jirau e estourando as juntas dos pés. Disse que a dor era tão forte e desesperadora que lhe passou pela cabeça suicidar-se. Só não o fez porque seu filho poderia pensar que tivesse sido morto por seus companheiros de caça. No entanto, suplicou a Deus forças naquela hora e superou essa adversidade.

## HISTÓRIA DE VIDA 6

Identificação: HV6F  
Nome IDS  
Sexo: feminino  
Idade: 75 anos  
Grau de instrução: Primário  
Procedência: Catalão, GO.  
Estado civil: casada  
Filhos: 4 filhos, dois homem e duas mulheres  
Profissão: do lar  
Saúde: Mais ou menos  
Prática religiosa: Católica

Nasci em Catalão, que fica no Estado de Goiás. Fui criada na roça. Estudei na escola da fazenda. O meu pai pagava um professor que vinha de fora para nos ensinar. A gente não tinha livro como hoje em dia. Era tudo manuscrito. Livro escrito à mão. Aprendi a ler e escrever bem, a fazer contas. Estudei tabuada. Uma pena não ter podido estudar mais. O meu pai disse que não precisava mais porque eu já sabia ler e escrever carta. Precisava da gente para ajudá-lo na lavoura. A gente fazia de tudo: plantação, colheita de algodão, moagem de cana. Nós éramos oito irmãs mulheres. Até na lida com o gado. Apesar de todo esse trabalho duro, pesado, eu gostava do que fazia. Achei que foi ruim parar de estudar. Ah! Me lembrei de um detalhe: na escola a gente não tinha quadro negro e giz como agora. Escrevia na pedra. Voltando ao trabalho. Sabe, a gente sofria muito. Trabalhava igual a homem. O meu pai puxava muito de nós. Quando era tempo da colheita a gente abanava arroz, enchia as sacas e os homens as empilhava. A gente ficava com o rosto pintado de vermelho por causa do sol. Para limpar a pele quando nós íamos à cidade, passávamos antisardina.

Cada manhã um de nós era encarregada de desnatar o leite. Desnatava até doer o braço. Um dia eu estava colocando cana-de-açúcar no engenho entrou uma ferpa na minha mão. Era de madrugada e fazia muito frio. Aí que dor! Levantávamos sempre muito cedo para fazer comida, o tira-jejum. Era comida mesmo!

O que é interessante que a gente fazia aquele trabalho todo com muita naturalidade. Para ajudar os nossos pais a ficarem melhor de vida.

Nas horas vagas, nosso pai nos permitia ir para o mandiocal. Arrancávamos mandioca para fazer polvilho para vender. Assim ganhávamos nosso dinheiro para nossas coisas. Até sabão fazíamos para vender.

Nossa família era e ainda é muito alegre e divertida. O meu irmão tocava pé-de-bode e eu o acompanhava no cavaquinho e cantava. Até algum tempo atrás eu tocava, mas os dedos foram se endurecendo, parei. Assim foi a vida da gente. Tudo aquilo era farrá. Não tínhamos triste. Mesmo trabalhando na roça com os pés-no-chão. Não se tinha costume de calçar sapatos. Os sapatos eram usados apenas para ir à cidade e alguma festa. Íamos aos bailes às escondidas, porque papai não gostava. A gente fala que ia para a novena. Ele punha os nossos irmãos para nos vigiar. Namoro, só de longe. Conversa acontecia na hora da dança. Fora disso não podia. As moças ficavam faladas.

Nossa mãe morreu com 43 anos. Morreu de hidropisia. Ficou o meu irmão caçula que eu criei. Foi o acontecimento mais difícil na minha vida. Eu era responsável por ele...

Uma vez meu irmão teve um problema no ouvido e tivemos de levá-lo para consultar um médico. A gente ia a cavalo até uma estrada onde passava carro, a jardineira que ia para

Araguari. Eu estava com apenas dezoito anos. Assim eu me tornei “mãe” muito nova. Tratava do meu irmão como se fosse filho.

O meu pai, um dia, adoeceu. Teve um problema na perna. Ele pegou um micróbio de madeira no curral. É como se falava naquele tempo. Hoje em dia é vírus. E ele foi se tratar em Belo Horizonte e eu fiquei cuidando dos meninos.

Papai era fazendeiro, viúvo. Muitas mulheres o cobiçavam. Mas o que queriam mesmo era o dinheiro dele. Depois dessa doença tivemos que mudar para Catalão.

**Aprendi a costurar. Ninguém me ensinou.** Fui casar com vinte e um anos. O meu tio era quem arrumava os casamentos. Assim papai me perguntou: você quer casar com ele ( meu marido até hoje). E a minha resposta: o senhor é quem sabe. Eles ( o meu pai e meu tio) achavam que eu estava ficando velha. No mesmo dia nos casamos eu minha irmã. Ela estava com dezessete anos. O que acho engraçado é que meu noivo foi levar o ourives em casa para tirar a medida do dedo para fazer a aliança, e eu me escondi. Depois **eu tomei a iniciativa de ir sozinha a casa do ourives para fazer a aliança.**

Vou lhe contar que *eu tinha um grande apego ao meu irmão, e o meu marido implicava comigo. Isto aconteceu antes e depois do casamento. Casei-me porque meus pais falavam que tinha que casar.* No dia do nosso casamento nós fomos para a casa do meu sogro e minha irmã para a casa do nosso pai. Foi assim a nossa lua de mel.

O meu marido não tinha profissão nenhuma... Apareceram problemas. Fomos morar na casa da fazenda do meu pai. Na hora de ir para lá é que fomos comprar panelas, uma penteadeira meio velha. Lá permanecemos durante seis meses. Meu marido adoeceu. Saímos de lá. Vendi o meu pedaço de terra e compramos uma casa na cidade. Aí quanta luta! Ele foi aprender a consertar carro. Depois comprou um caminhão velho para pegar frete. Quase não parava em casa. **A nossa vida estava dura demais. A nossa sorte é que fomos criados numa família muito religiosa. Mesmo que o marido não fosse à Igreja, eu ia sempre, isso que me dava força para viver e lutar.**

Quando veio o nosso primeiro filho não tínhamos dinheiro nem para pagar a parteira. Quem pagou o serviço dela foi o meu sogro. Assim, comecei a criar nossos filhos praticamente sozinha porque ele não parava. E fui eu quem tomou a iniciativa de vir para Brasília para tratar de nossa segunda filha que tem luxação congênita no fêmur. *Ninguém queria que eu mudasse de lá. Mas convenci o meu marido para a gente tentar a vida aqui.* E aqui chegamos e alugamos um barraco na 713 sul. Passamos a freqüentar a Paróquia Nossa Senhora do Carmo, e as crianças o catecismo. Matriculamo-los na escola pública. Moramos dois anos naquela casa. Depois compramos um lote na 11, em Taguatinga. Havia um barraquinho muito ruim mesmo! Não Havia água. Comprávamos um tambor de água. E aqui era só buraco e poeira. Fiava em casa costurando para fora. Depois de nove anos sem me engravidar, veio um filho temporão. Esse menino com apenas seis meses, mesmo sendo pajeado por sua irmã de 9 anos, caíram numa fossa. Fui eu quem os tirou dela. Não era tão profunda. Mas a sujeira foi direta para o pulmão do meu nenê. Levaram-no para o Hospital de Base. Pegou pneumonia dupla. Não resistiu. Foi duro demais. Quando ele nasceu eu havia dito: agora a nossa felicidade estava completa, pois temos dois meninos e duas meninas, ele era muito bonito. Sofremos muito com isso. Fiquei durante seis meses com os peitos doloridos e cheios de leite. Era mesmo triste lembrar do filho que morreu. Se ele estivesse aqui agora estaria com 36 anos... mas enfrentei com garra. Meu marido queria voltar para Catalão. Bati o pé. Queria que meus filhos estudassem.

*Quem nos ajudou muito nessa época foi o padre Francisco Iturriága. Naquela ocasião dolorosa conversamos com ele e ele nos falou muita coisa bonita que nos tocou. Vocês vão receber uma bênção maiôs com esse filho que foi para o Céu. E voltamos para casa com novo ânimo.* A gente não podia mesmo sair daqui.

Assim que saiu um concurso no BRB, eu e a irmã do meu marido incentivamos que ele fizesse esse concurso. Eu e meus filhos rezamos por ele. Consegui passar em terceiro lugar. Esse emprego caiu do céu. Uma grande bênção. Eram apenas 124 cruzeiros mensais, mas que passaram a fazer diferença. De fato, nossa vida mudou para melhor. Olha, nunca pensei em ser rica. Sempre satisfeita com o que tenho. Passei por isso tudo, mas me sinto feliz. **Estou de bem com a vida. As nossas dores e doenças não são nada comparadas com o que a gente já passou nesta vida. Sou grata a Deus.** O dia que Ele quiser me levar estou pronta. A gente se conforma com tudo, mas como mãe a gente não esquece do filho. Nunca fui de ficar triste, mesmo naquelas situações mais difíceis. Nunca me falta alegria. Acho que foi a criação que recebemos. Ela foi muito boa. **Meu pai era um homem muito bondoso. Minha mãe muito caridosa. Aprendi com o exemplo deles.** Sinto alegria em ajudar os outros. **Sinto alegria pelo carinho dos meus amigos.** Ajudei a criar os meus irmãos sem nunca reclamar. Fazia por amor. A morte do meu irmão e do meu filho me abalou, mas nunca esmoreci. Porque *nunca deixei de buscar essa força que é Deus. Eu disse a Ele: Senhor, toma conta de minha vida. Em todo o momento eu me coloco nas mãos d'Ele.* A pessoa que tem Deus tem o coração alegre. **Eu sempre pensei que tudo ia dar certo** desde que nós saímos de Catalão. Aquela mudança para cá ninguém queria. Eu acreditava que ia dar certo. E deu. Graças a Deus!

Quando eu estava com setenta e dois anos o médico me recomendou colocar o aparelho desfibrilizador. Eu poderia morrer. A saída dos médicos era essa. *Eu pedi a Jesus luz para decidir se operava ou não. E pensei: se Deus deu inteligência aos homens, eu vou pôr esse aparelho. E fiquei boa. Minha vida sempre foi assim, cheia de fé. Se eu for importante ainda aqui na terra, que me dê mais vida. Voltei do hospital para minha casa com o desejo de ser melhor em tudo.*

Ultimamente estou vivendo quase que entre quatro paredes. Já me sinto dependente de muita coisa. Esse aparelho aqui que carrego ajuda, mas também incomoda. Não posso subir escadas, rampas fortes. Muita coisa que eu fazia já não posso fazer mais. Sinto-me limitada. Faço pequenas caminhadas.

Às vezes, quando me vejo meio deprimida por me sentir dependente, vou lá para o fundo do quintal e me alegro ao ver os passarinhos, os sabiás e o papagaio. E digo a mim mesma que eu não tenho motivo para me sentir deprimida e rio dessas situações. Reconheço meus limites. *Gostaria ainda de fazer muita coisa. Mudar estes móveis para alegrar mais este ambiente.*

*Acho que tudo na minha vida deu certo.* Nunca pensei em separação, mesmo enfrentando as dificuldades que passamos. A gente tem o lado bom e aquele não muito bom. Tem dia que a gente está doente e fica assim. Ser velho, cada dia aparece uma coisa. Mas a gente não muda. *Vou ser sempre alegre. Já não espero viver tanto mais. Agradeço pelo que já vivi.*

## HISTÓRIA DE VIDA 7

Identificação: HV7M  
Nome: DDS  
Sexo: masculino  
Idade: 75 anos  
Grau de instrução: ginásio – (Ensino Fundamental)  
Procedência: Catalão, GO.  
Estado civil: casado  
Filhos: 3 filhos, um homem e duas mulheres  
Profissão: aposentado  
Saúde: Mais ou menos  
Prática religiosa: Católica

Eu nasci no dia 11 de março de uma família de quatro filhos. Só eu de homem e três irmãs. Uma família pobre, mas independente. Fui criado até aos quinze anos numa fazenda. Os meus pais mudaram para a cidade, onde estudei até o ginásio. Depois continuei trabalhando nessa minha vida de rapaz solteiro, mexendo com carro de bois, trabalhava na roça e amansava cavalos. Aos dezenove anos fiz Tiro de Guerra. E, aos vinte um anos me casei. Minha esposa I. Tenho três filhos vivos, sendo um homem e duas mulheres. Tenho seis netos. Hoje estou com setenta e cinco anos. Mas nessa minha trajetória de vida eu fui caminhoneiro dez anos. Ainda no início de Brasília trazia mercadoria de caminhão para cá. Depois mudamos para Brasília no dia 8 de julho de 1963. Morei no Plano piloto por sete meses. Em seguida viemos para Taguatinga onde ficamos até 1967. Depois mudamos para a QNB 12, Lote 37. Construimos a nossa casa com muita dificuldade com o trabalho dos braços mesmo. Fiz um concurso e entrei no Banco de Brasília (BRB) como motorista, onde trabalhei vinte e quatro anos. Mas dentro desse período de BRB, lá dentro também fiz um concurso. Fui chefe de portaria, segurança, transporte e almoxerifado. No almoxerifado eu terminei em 1990 por problemas de coração. Foi quando eu coloquei o marca-passo em 1991. E aí eu me aposentei. Vivo hoje exclusivamente de trabalho de igreja. Fui coordenador de uma capela, aliás ainda sou porque eu vou entregar esse cargo no próximo domingo, depois de 33 anos como coordenador. **Estou entregando agora esse trabalho para descansar um pouco e viver mais um pouco o resto de minha vida.**

**A minha maior dificuldade foi quando fiquei doente. Foi antes mesmo de me mudar para Brasília que eu fiquei doente. E fui para o hospital quase que desenganado.** Nessa época eu trabalhava como fiscal do Banco do Brasil. Por eu estar doente e não poder mais trabalhar, resolvi mudar para Brasília. Aqui fazia pão de queijo para entregar nos bares. E minha sorte naquela época foi a minha esposa que me deu a maior força no trabalho. Foi a maior dificuldade que tive porque tinha três crianças pequenas para tratar. A gente passou muita dificuldade. A família não queria que a gente viesse para Brasília. Mas eu não tinha condições na minha cidade.

*O que mais me deu força para superar essas dificuldades, além da esposa foi a minha religião. Toda vida fui católico. Nessa época eu passei a freqüentar mais a igreja e adquiri muita força com isso, porque eu fiz encontro de casais, fiz Jornada Cristã e re-jornada. Isso foi a minha maior glória! E na qual estou até hoje.*

Mas, diante dessas dificuldades **eu tive momentos de revolta e de desespero. Mas hoje eu aceito com maior naturalidade e levo a vida com brincadeira para a gente esquecer aquilo que passou.**

Acho que foi a força de minha esposa. Ela é quem deu mais força nesse sentido para que superasse tudo aquilo que já passei.

Olha eu ainda nessa idade ainda penso no futuro. Ainda tenho projeto. E pretendo realizá-lo se Deus me der vida e saúde. **A minha meta ainda é ficar mais tempo na roça, na fazenda. O que mais gosto na vida é mexer com terra e gado.**

O conselho que eu gostaria de deixar para os mais novos é este: que sigam o caminho que a gente vem seguindo, ou seja, o da religião Católica e acreditem que Cristo existe. E que Deus nos ajuda a caminhar nesse sentido através de Cristo.

É assim que eu vivo e me sinto tranqüilo e feliz mesmo com todas essas dificuldades que já passei. É a minha fé, pois ela é o que mais me tem ajudado a dar forças para continuar a nossa vida.

A minha relação com os netos é ótima. *As pessoas falam que os netos são filhos duas vezes. Mas eu não levo por este sentido. Porque quando eu criei a minha família eu não tinha tempo para ficar mais com os meus filhos. Eu só ficava trabalhando. Hoje os netos ficam mais em volta da gente. E a gente tem mais tempo para com os netos. Os meus netos são ótimos, carinhosos. Eu gosto muito.*

Eu senti o meu envelhecimento quando eu fiquei doente, que estava impossibilitado de trabalhar. Quando eu achei que não ia conseguir. Mas hoje eu me sinto feliz que mesmo ainda doente, pois eu tenho um marca-passo, estou feliz com a minha vida.

Eu ainda me sinto autônomo e independente e quero continuar assim até os meus dias finais.

Como eu já disse antes. Eu faço trabalho de igreja. Saio muito, às vezes a passeio. Cuido do carro, lavo, encero, faço tudo. Dirijo. Ainda viajo. Faço compra. Tudo isso.